



"A Siemens Mobility Portugal é um hub de inovação, engenharia e talento"

Luís Candeias, CEO da Siemens Mobility Portugal

ESPECIAL MANUTENÇÃO INDUSTRIAL E AUTOMAÇÃO



Saúde em Portugal - "Novos caminhos da patologia clínica"

pág. 36 a 45

O Outro Rosto da Saúde em Portugal - "As misericórdias e o serviço de proximidade"

pág. 46 a 51

Ensino Católico em Portugal - "Desafios, missão e futuro"

pág. 52 a 59

Luxury Lifestyle

pág. 60 a 82

Rigor técnico e compromisso com a performance



Moderno, próximo e completo



www.hmvalpacos.pt Telefone: +351 278 710 150

DIA DO MÉDICO PATOLOGISTA CLÍNICO



DIA
7
OUTUBRO

A **Sociedade Portuguesa de Patologia Clínica (SPPC)** celebra o **Dia do Médico Patologista Clínico**, iniciativa que reconhece o contributo essencial destes médicos para a qualidade e precisão da medicina moderna. Esta data sublinha o papel do patologista clínico na integração do conhecimento científico e clínico, promovendo diagnósticos mais completos e cuidados mais eficazes. A SPPC reforça, assim, o valor da especialidade e o impacto que esta tem na vida dos doentes e na prática médica em geral.

O Dia do Médico Patologista Clínico assinala também o arranque da iniciativa **“Ciência que Cuida”**, um programa anual de ações que pretende aproximar a patologia clínica da sociedade, evidenciando a importância desta área na investigação, na prevenção e no tratamento.

No mesmo espírito de valorização e partilha de conhecimento, a SPPC organiza em 2026 o **XV Congresso Nacional de Patologia Clínica**, um dos maiores encontros científicos da especialidade, que promove a formação contínua, a inovação, investigação e a partilha de conhecimento entre Patologistas Clínicos e outras especialidades médicas, pilares essenciais para a qualidade e evolução da especialidade.

Através destas iniciativas, a SPPC reafirma o seu papel como dinamizadora do conhecimento, **dedicada à ciência, à formação e à valorização da especialidade que cuida através do conhecimento.**

XV Congresso Nacional de Patologia Clínica

5 - 7. MARÇO . 2026

Convento de São Francisco
Coimbra

Consultoria em Patologia Clínica

An aerial photograph of a high-speed train traveling on a long, elevated viaduct through a dense forest. The forest is in autumn, with trees showing various shades of green, yellow, and orange. The train is dark-colored and is moving from the upper left towards the lower right of the frame. The viaduct consists of numerous concrete pillars supporting the tracks.

HITACHI

Driving
the Mobility
Transition

[hitachirail.com](https://www.hitachirail.com)

EDITORIAL

Ao longo da vida, quantas vezes nos esquecemos que a mobilidade não é só um ato físico, mas um movimento profundo da nossa existência? Trocar de lugar nem sempre é simples, bem pelo contrário. Mudar de cidade, pegar num comboio, atravessar uma ponte. Há sempre um obstáculo, algo que trava, invisível e persistente, como a burocracia silenciosa ou o desconforto de quem espera na estação.

A verdadeira mobilidade desafia o tempo e o espaço. Para além de deslocar o corpo, é fazer a passagem do ontem para o amanhã, carregando as memórias na bagagem e a esperança impressa no bilhete. Por vezes pode assustar, quando mexe com o que pensamos estar consolidado, seja uma carreira, uma ideia, ou mesmo a ideia do futuro.

Vivemos numa era em que se promete a mobilidade sustentável, limpa e rápida. Uma carruagem do futuro sempre a chegar, que mais parece o comboio do tempo, com anúncios adiados, expectativas diluídas entre anúncios políticos e promessas técnicas. Mas enquanto os tempos mudam lentamente, a nossa vontade de ir além nunca cessa, mesmo que os carris nem sempre apontem para o destino certo ou tenham uma bitola que não se ajusta à nossa vida.

E mais do que os comboios e os carros, o que mais nos move é sempre o pensamento, que renova (ou não) a visão que temos do mundo. Do nosso, do dos outros, do de toda a gente. A mobilidade cerebral, essa raridade, é não ter medo de mudar de rota, de abandonar certezas para descobrir outras paisagens. Essa é uma outra viagem, raramente feita a bordo de cápsulas mecânicas movidas a motor.

Ao olhar à volta, resta perceber que o movimento, seja ele físico, social ou mental, revela o nosso estado mais humano: inquieto, curioso, resistente. E, talvez por isso, mais do que mapas e horários, o que precisamos são de histórias para contar em cada paragem, de memórias que nos acompanhem no percurso, e de um certo humor para não nos perdermos no relato da viagem.

Porque no fundo, somos todos passageiros (às vezes comandantes) nem sempre com bilhete na mão, nem sempre conscientes do destino. E talvez seja essa suspensão que dá sentido à viagem, essa dúvida entre partir e ficar, que faz da mobilidade um tema sempre atual e sempre provocador.



ÍNDICE

Siemens Mobility Portugal **8-12** 

 **13-15** Teixeira Duarte

Futrifer **16-19** 

 **20-21** Hitachi Rail Portugal

Steconfer **22-23** 

 **25-29** Maintphi

SPPC **38-41** 



48-51 Santa Casa da Misericórdia de Valpaços

Vasco Vieira Arquitectos **62-65** 

 **66-67** Audi Portugal

LCAS - Studio **80-81** 

6-29 O Futuro da Mobilidade Viaja de Comboio

30-35 Cibersegurança - "O escudo invisível das empresas portuguesas"

36-45 Saúde em Portugal - "Novos caminhos da patologia clínica"

46-51 O Outro Rosto da Saúde em Portugal - "As misericórdias e o serviço de proximidade"

52-59 Ensino Católico em Portugal - "Desafios, missão e futuro"

60-75 Luxury Lifestyle - "A arte de viver com elegância"

76-82 Luxury Lifestyle - "Mulheres na arquitetura"

O Futuro da Mobilidade



Desafios no Setor Ferroviário em Portugal

Portugal enfrenta desafios de modernização a todos os níveis. Desde logo, não pode perder a oportunidade de se assentar como um país na vanguarda do conhecimento, aproveitando o novo paradigma da Transição 5.0, baseada no digital e “verde”, com a particularidade de estes processos de desenvolvimento terem como epicentro as pessoas, não como habituais destinatários, mas como transformadores.

O desenvolvimento do conhecimento obriga a mobilidade e o todo conjugado impõe investimentos em soluções materiais e não materiais, sendo certo que o virtual não se assegura sem investimento material. Ou seja, a base dos investimentos é sempre em infraestruturas. Dos muitos investimentos que são necessários para se ter o pretendido desenvolvimento, praticamente todos eles são interconectividades. Seja de comunicação, energia, mobilidade ou transportes, o mundo é “movimento”, sem paragem e a uma maior velocidade para que a referida interconectividade seja cada vez mais uma ferramenta ou um vetor e não uma centralidade dentro daquilo que são as inter-relações correspondentes.

Das muitas interconectividades, dentro da mobilidade de pessoas e bens e no setor dos transportes, o meio de referência que aponta aos objetivos climáticos, energéticos e digitais de 2050, baseado em baixas emissões de carbono é o transporte ferroviário.

Para Portugal, o setor ferroviário tem uma oportunidade de ouro com o já anunciado Plano Ferroviário Nacional, e cujo desafio é hercúleo para os desígnios de Portugal e porque não para a engenharia portuguesa e para a fileira da construção e energética nacional.

Como Bastonário dos engenheiros portugueses, sou dos que acredita na verdadeira capacidade portuguesa para o cumprimento dos objetivos que Portugal se propõe fazer, mesmo com os pelo menos 20 anos de atraso que leva relativamente ao resto da Europa na Alta Velocidade Ferroviária, assegurando assim com o tecido industrial português e com a liderança nacional dos processos, pública ou privada, mesmo na gestão dos novos desafios, a manutenção em Portugal da riqueza produzida, seja em rendimento, produtividade, PIB e impostos.

Oxalá, nós portugueses, saibamos ser bons para nós mesmos!

*Fernando de Almeida Santos,
Bastonário da Ordem dos Engenheiros*



Unidos pela defesa do setor dos transportes

A ADFERSIT - Associação Portuguesa para o Desenvolvimento dos Sistemas Integrados de Transportes tem contribuído, essencialmente, para a divulgação das realidades e potencialidades dos Sistemas Integrados de Transportes, no contexto económico e social, quer em termos nacionais como internacionais.

A inicialmente designada de ADFER - Associação Portuguesa para o Desenvolvimento do Transporte Ferroviário, nasce em abril de 1988 por um grupo dos mais qualificados quadros dos transportes das mais diversas opções políticas.

Todavia, a atual designação da associação, ADFERSIT, foi formalmente assumida com a alteração dos estatutos efetuada em 2009, clarificando a necessidade de uma visão integrada para o setor dos transportes.

Em suma, a ADFERSIT é uma organização aberta e interessada na participação de todos os quadros que queiram contribuir com o seu saber, experiência e dedicação ao serviço do setor dos transportes.

Fernando Nunes da Silva, Presidente da ADFERSIT

Viaja de Comboio

A ferrovia não pode parar!

A Ferrovia em Portugal vive hoje tempos únicos: de oportunidade, vigor empresarial e esperança, de finalmente se assumir a relevância deste meio de transporte estruturante, limpo e de massas.

Finalmente, abriu-se no horizonte político nacional, a necessidade de se concretizarem os investimentos estruturantes, tantas décadas adiado e por tantos reclamado. Tenhamos todos a consciência que esta “janela de oportunidade” de que hoje como país dispomos, de uma conjuntura de “astros alinhados” entre as diretrizes europeias do cumprimento do Green Deal, que obriga a que até 2050, 50% do trânsito de pessoas e bens terá de ser efetuada por via marítimo-ferroviária, a que Portugal também aderiu e se comprometeu, com um importantíssimo pormenor: a existência de fundos de investimento, nacionais e europeus, disponíveis para os executar!

E mais se consolidaram estes “astros alinhados” para Portugal, com uma conjuntura favorável de retorno para a Europa na era pós-covid, duma indústria que se tinha mudado para o Oriente, a que se juntou uma guerra impensável no Leste da Europa, desincentivadora de investimentos para aquelas latitudes. Portugal, dotado de uma privilegiada localização geoestratégica na Europa para as oportunidades de internacionalização para o outro lado do Atlântico e África, de competências de engenharia e áreas afins, atrativo em termos de clima, segurança e bem receber, é, pois, um relevante e atrativo local para a instalação permanente de unidades fabris dos grandes construtores mundiais de material circulante, respondendo a uma crescente procura no mercado mundial ferroviário, para atender aos crescentes critérios de mobilidade sustentável. O que trará por consequência, uma tremenda alavancagem da indústria nacional, nas suas mais diversas competências e mercados, que vivem hoje momentos difíceis, como por exemplo o setor automóvel.

Por outro lado, este foi um setor que se começou a organizar em 2015, com a constituição formal da PFP Plataforma Ferroviária Portuguesa, associação sem fins lucrativos, que desde 2017 tem o reconhecimento dado pelo IAPMEI de Cluster da Ferrovia, agregador da longa cadeia de valor da ferrovia, constituída por grandes empresas (públicas e privadas), pequenas e médias empresas (PME), universidades e entidades não empresariais do SI&I e outras associações empresariais, sendo hoje uma força motriz na dinamização e valorização do setor em Portugal, organizando o maior evento anual da ferrovia nacional: o Portugal Railway Summit.

A Ferrovia é um setor, que pelas suas características e condicionantes, é de fundo e de longo prazo, de execução e duração: desde a decisão de executar uma nova linha, até à sua efetiva utilização, demora pelo menos 7 anos... a compra de um comboio, depois de concretizada a encomenda, demora 5 anos a sua entrega!

Não temos, pois, tempo a perder:

Nem um minuto, nem uma obra, nem um comboio!

Paulo Duarte, Diretor Executivo da PFP



PLATAFORMA FERROVIÁRIA
PORTUGUESA



“É essencial a ferrovia para os portos (...), para a logística, para garantir que os nossos concidadãos tenham mobilidade e (...) a aposta deste Governo é clara. O passe ferroviário verde tem mais de 300 mil passes vendidos e mais de 55 mil passageiros utilizam mensalmente o passe ferroviário verde”

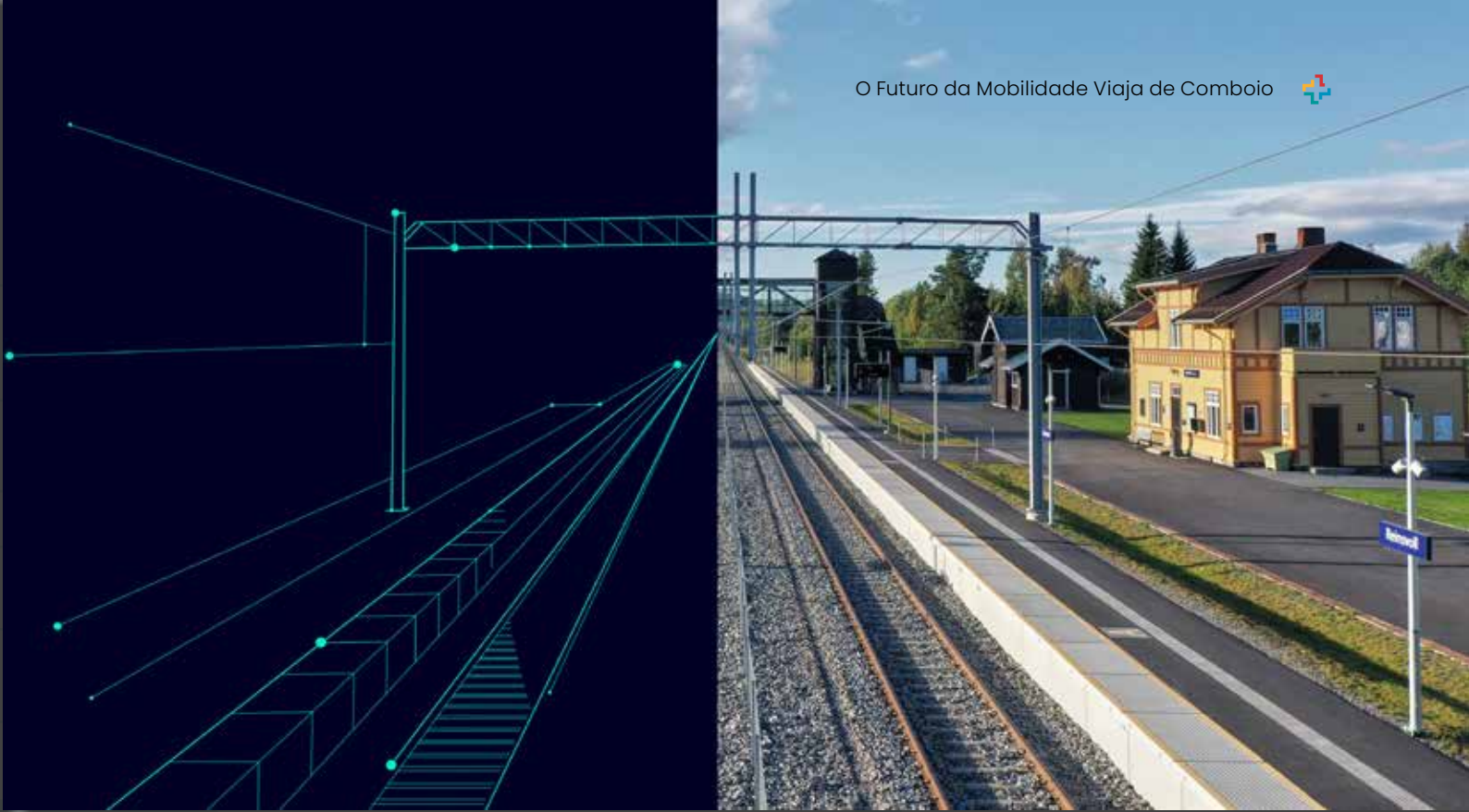
Miguel Pinto Luz, Ministro das Infraestruturas e Habitação
Fonte: Público

excellence



“O nosso compromisso é claro: continuar a crescer com responsabilidade, a inovar com propósito e a contribuir ativamente para uma mobilidade mais sustentável, eficiente e segura”

Sob a liderança visionária de Luís Candeias, a Siemens Mobility Portugal vive uma fase de forte crescimento e inovação. Apostada em reforçar a engenharia “Made in Portugal” e em liderar a digitalização da mobilidade, a empresa afirma-se como um hub de talento e tecnologia sustentável, com impacto dentro e fora de portas.



Passado cerca de dois anos desde a última entrevista à Mais Magazine, que balanço faz do percurso da Siemens Mobility Portugal e da concretização das metas que então definiu?

Nestes dois anos, a Siemens Mobility Portugal percorreu um caminho de transformação profunda e crescimento sustentado, sempre alinhada com a visão estratégica global da Siemens Mobility. O balanço que faço é francamente positivo — não apenas pelos objetivos que alcançámos, mas sobretudo pela forma como nos posicionámos para o futuro.

Começámos por reorganizar a estrutura interna, com o objetivo de a tornar mais ágil, colaborativa e orientada para resultados. Esta mudança permitiu-nos acelerar a tomada de decisão, reforçar a proximidade com os nossos clientes e aumentar a eficiência operacional em todas as áreas da empresa. Esta reorganização interna também inclui a implementação de um plano de formação, no sentido de homogeneizar processos e cultura de empresa.

Paralelamente, apostámos fortemente na digitalização interna, com a adoção de ferramentas colaborativas, automatização de processos e integração de plataformas de gestão de projeto e operação. Esta transformação digital não só melhorou a produtividade e colaboração, como também aumentou a transparência e a capacidade de resposta da organização.

Um dos pilares mais importantes deste percurso foi a valorização da Engenharia “Made in Portugal”. Reforçámos as nossas equipas com contratações estratégicas em

áreas-chave, como software, sistemas de sinalização e gestão de projetos. Hoje, temos uma equipa mais robusta, mais especializada e com maior capacidade de entrega — tanto a nível nacional como internacional.

Este investimento refletiu-se numa melhoria clara da eficiência operacional, com ganhos visíveis em prazos, qualidade e fiabilidade. Conseguimos entregar projetos complexos com elevados padrões de exigência, o que reforçou a confiança dos nossos clientes e parceiros.

Crescemos de forma sustentada, com base em projetos sólidos e numa cultura de excelência. E, mais importante ainda, preparámos a organização para o futuro. Estamos já envolvidos em iniciativas internacionais, temos equipas portuguesas a contribuir para o desenvolvimento de soluções digitais e de inteligência artificial aplicadas à mobilidade, como a plataforma Railigent X.

Olhando para o futuro, vejo a Siemens Mobility Portugal como um hub de inovação, engenharia e talento, com capacidade para liderar projetos de mobilidade inteligente em qualquer parte do mundo. O nosso compromisso é claro: continuar a crescer com responsabilidade, a inovar com propósito e a contribuir ativamente para uma mobilidade mais sustentável, eficiente e segura — em Portugal e além-fronteiras.

De que forma a sua liderança tem contribuído para o desenvolvimento da equipa e para reforçar as competências nacionais de engenharia?

O verdadeiro motor do nosso sucesso tem sido, sem dúvida, a equipa. A nossa abordagem à liderança privilegia o envolvimento ativo das pessoas, promovendo uma cultura de responsabilidade, inovação e desenvolvimento. Acreditamos que o crescimento da equipa é o alicerce para o fortalecimento da engenharia nacional.

Temos investido em formação técnica especializada, que capacita os nossos talentos para enfrentar desafios complexos e assumir papéis de maior responsabilidade. A exposição internacional — através de projetos globais e mobilidade entre equipas — tem sido um catalisador para o crescimento individual e coletivo.

Lançámos um programa de formação em liderança para alinhar práticas e conceitos de liderança dentro da organização. Desenvolvido com especialistas externos, inclui sessões de autoconhecimento, competências interpessoais, liderança autêntica e comunicação eficaz. Composto por várias fases, combina workshops, mentoring entre pares e momentos de partilha coletiva, sendo essencial para reforçar a cultura de exigência e criar uma base comum de competências entre as chefias intermédias.

A criação de hubs de competência como o SIBAS16, o Centro de Software em Aveiro e outros que temos vindo a negociar internamente são marcos importantes. Estes centros não só desenvolvem soluções tecnológicas para clientes em todo o mundo, como também funcionam como plataformas de crescimento e inovação para as nossas equipas multidisciplinares. São exemplos concretos da força da Engenharia “Made in Portugal”.

O reconhecimento externo é reflexo direto da competência interna. Dois dos nossos engenheiros da área de Inovação foram recentemente distinguidos como “Senior Key Experts” pela Siemens Mobility na Alemanha, integrando a rede global de especialistas da empresa. Esta distinção valida a qualidade técnica da nossa engenharia e reforça o posicionamento de Portugal como referência internacional na área.

Praticamos a liderança orientada para criar condições que desafiem cada pessoa a ir mais longe, a evoluir, a inovar e contribuir ativamente para uma equipa que se distingue pela sua competência, resiliência e paixão pelo que faz. Apostamos numa cultura de melhoria contínua, sustentada por objetivos, medição e monitorização permanente, garantindo evolução consistente e resultados tangíveis, elevando a engenharia portuguesa a novos patamares — dentro e fora de portas.

Quais os projetos nacionais e internacionais mais relevantes que a Siemens Mobility desenvolveu/está a desenvolver em Portugal e qual o impacto esperado?

Um dos projetos nacionais mais emblemáticos é a Modernização dos Sistemas de Sinalização Ferroviária na Grande Lisboa, recentemente adjudicado, e que representa muito mais do que uma simples atualização tecnológica — é uma intervenção estrutural que permitirá uma gestão mais eficiente do tráfego ferroviário na zona de Lisboa, especialmente em estações com elevado volume de circulação. A infraestrutura será preparada para integração com o ETCS (European Train Control System) e com

a futura Linha de Alta Velocidade (LAV), assegurando compatibilidade funcional e promovendo uma rede ferroviária mais segura, interoperável e competitiva.

Outro pilar menos visível, mas essencial, da nossa atuação em Portugal são os projetos de manutenção ferroviária. A Siemens Mobility garante a operação segura da rede ferroviária nacional, em todo o território, através de equipas altamente qualificadas, que operam de forma contínua. Esta competência técnica altamente especializada e operacional é absolutamente crítica para assegurar a continuidade e segurança dos serviços, a segurança dos passageiros e a fiabilidade da infraestrutura. A manutenção preventiva e corretiva que realizamos é um dos pilares da excelência operacional da ferrovia portuguesa.

No plano internacional, a Siemens Mobility Portugal tem contribuído de forma ativa e reconhecida para projetos em todo o mundo. Destaco com particular orgulho o projeto de Alta Velocidade no Egito, onde tive a responsabilidade de liderar a componente de sinalização e telecomunicações. Este projeto é um marco global pela sua dimensão, complexidade e impacto, ligando cidades com tecnologia de ponta e promovendo mobilidade sustentável.

A nossa participação em projetos internacionais estende-se à Austrália, Ásia, América do Norte e do Sul, África — com destaque para o Egito — e também na Europa, em países como Bélgica, Itália, Finlândia, entre outros. Esta abrangência reflete a confiança na competência técnica e na qualidade da Engenharia “Made in Portugal”, reconhecida como referência no grupo Siemens Mobility.

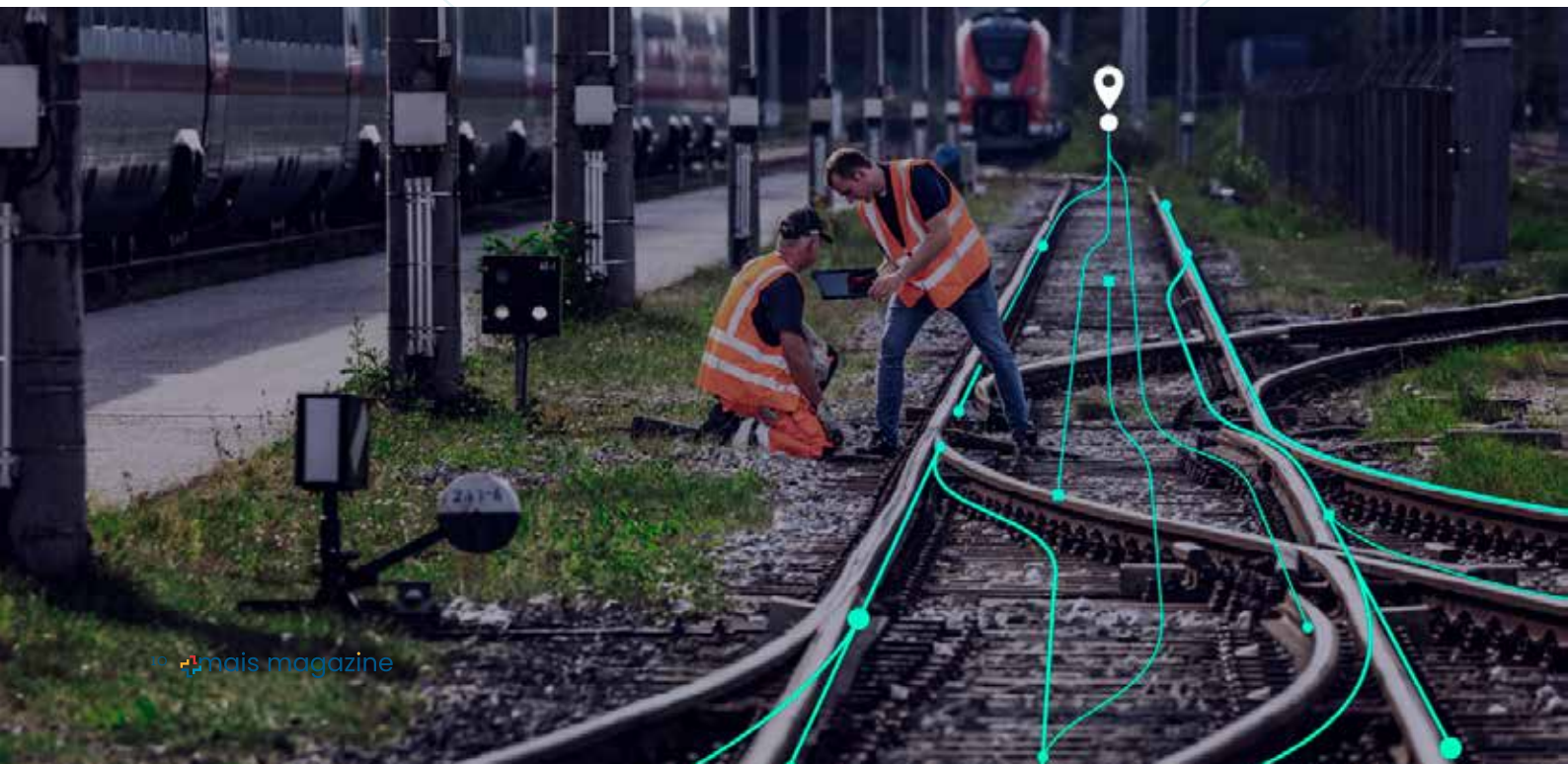
Que valores orientam a atuação atual da Siemens Mobility e de que forma se refletem no trabalho da equipa?

Os nossos valores — Excelência, Inovação, Sustentabilidade, Ética, Integridade e Colaboração — não são apenas princípios orientadores, mas sim pilares que moldam a forma como trabalhamos e evoluímos enquanto equipa. Estes valores estão profundamente integrados na nossa cultura e são compromissos diários que orientam decisões e regulam a relação com clientes.

A nível global, estamos comprometidos com a eficiência e eficácia operacional, promovendo uma abordagem de “fazer bem à primeira”, que valoriza a qualidade técnica, a responsabilidade individual e o foco no cliente. Em Portugal, a filosofia tem sido adotada com grande empenho, e, elevando o nível da nossa equipa e reforçando a competitividade através de entregas com maior valor acrescentado.

Um exemplo claro desta transformação é o nosso investimento em digitalização, com destaque para a integração de metodologias BIM (Building Information Modeling) e o desenvolvimento de ferramentas baseadas em Inteligência Artificial e Machine Learning. Estas tecnologias não servem apenas para automatizar tarefas, mas para redefinir processos, melhorar a tomada de decisão e aumentar a produtividade, com forte envolvimento e espírito empreendedor da equipa, que contribui com ideias aplicadas em projetos estratégicos.

Acreditamos que o sucesso coletivo nasce da valorização do talento individual, da colaboração entre equipas multidisciplinares e da capacidade de inovar com propósito. É com este espírito que continuamos a



construir o futuro da mobilidade, alinhados com a visão global da Siemens Mobility e com o compromisso de transformar ideias em soluções sustentáveis e impactantes.

Quais os principais desafios atuais da mobilidade e como a digitalização pode ajudar a superá-los?

A mobilidade enfrenta hoje desafios complexos e interligados, nomeadamente, a descarbonização, a urbanização acelerada, a pressão sobre infraestruturas existentes, o custo de investimento ou manutenção da infraestrutura e a necessidade de maior eficiência operacional. Superá-los exige uma resposta estratégica e tecnológica robusta, baseada em inovação, sustentabilidade e escalabilidade.

O setor ferroviário, pela sua natureza sustentável e capacidade de transporte em massa, tem um papel central na mobilidade. Para cumprir esse papel, é essencial transformar a forma como operamos e é na digitalização que encontramos o motor dessa mudança.

Estamos a aplicar tecnologias digitais avançadas como Big Data, Inteligência Artificial, Digital Twins, redes 5G e FRMCS (Future Railway Mobile Communication System) para aumentar a fiabilidade, segurança e eficiência dos sistemas ferroviários. Um exemplo emblemático

é o ATO (Automatic Train Operation) sobre ETCS (European Train Control System), que permite a operação automática de comboios em linhas existentes, adiando a necessidade de investimentos significativos na infraestrutura. Esta solução já demonstrou resultados concretos: aumento da capacidade das linhas até 30%, redução do consumo energético até 30% e melhoria da pontualidade em cerca de 15%, como comprovado na linha de Hamburgo, em parceria com a Deutsche Bahn.

A digitalização também permite uma gestão de tráfego em tempo real, maior resiliência operacional, redução de custos e uma experiência mais fluida para os passageiros. Plataformas Siemens como a Signaling X, baseadas em tecnologia Cloud, estão a transformar a gestão de tráfego, mais centralizada, disponível, flexível e escalável.

Em Portugal, estamos a dar passos firmes nesta direção. Lisboa assume-se como cidade-piloto na adoção de tecnologias como o CBTC em GoA2 com ATO da Siemens em fase de implementação em 3 das 4 linhas do Metropolitano de Lisboa, preparando-se para uma operação mais automatizada e eficiente. A futura Linha Violeta que está em concurso para adoção desta tecnologia, e temos uma perspetiva positiva de expansão futura a toda a rede.

Apesar dos avanços, persistem desafios técnicos e organizacionais: compatibilidade entre sistemas, atualização do material circulante, integração com infraestruturas existentes, formação contínua e cibersegurança. A uniformização através do ETCS é essencial para garantir interoperabilidade transfronteiriça e segurança em redes internacionais, o STM é sem dúvida um desafio que temos de ultrapassar como país e no qual a Siemens Mobility tem contribuído de forma direta com soluções criativas enquadradas nos standards e padrões europeus que garantem uma visão de sustentabilidade a longo prazo.

Na Siemens Mobility Portugal, estamos a transformar a forma como entregamos engenharia, através de transformação para uma cultura AGILE colaborativa com adoção de práticas e metodologias SCRUM, apostando em pacotes de trabalho com maior valor acrescentado, melhoria da qualidade técnica e maior previsibilidade, uma Engenharia “Made in Portugal” — marcada pela excelência, inovação e impacto real.

A digitalização não é apenas uma ferramenta — é uma estratégia transformadora que nos permite enfrentar os desafios da mobilidade com confiança, inteligência e visão de futuro, e que impulsiona uma ferrovia mais inteligente, eficiente e sustentável, com impacto direto

ATO over ETCS – Highly automated driving is ready for rollout in mainline and regional transport



Open interfaces



Successfully tested in the field



Approved by Federal Railway Authority (EBA)



Applicable in any country





na qualidade de vida dos cidadãos e na competitividade do país.

De que forma a Siemens Mobility está a promover a sustentabilidade e a inovação no setor dos transportes?

Na Siemens Mobility, acreditamos que a sustentabilidade e a inovação não são apenas prioridades — são responsabilidades.

A nível global a nossa abordagem assenta em três pilares fundamentais — tecnologia verde e digitalização, integração inteligente e compromisso com a neutralidade carbónica — e em Portugal estes princípios ganham forma através de iniciativas concretas:

Tecnologia verde e digitalização – Apostamos em transporte elétrico e plataformas digitais que melhoram a operação e manutenção ferroviária. O Centro de Competências de Software em Aveiro é outro exemplo da nossa ambição: desenvolvemos ferramentas digitais que suportam soluções de mobilidade inteligente e intermodal, como o Software Suite X, com impacto direto em projetos internacionais — desde a gestão integrada de redes à previsão de falhas e otimização de recursos, com engenharia portuguesa.

Integração inteligente – Sistemas como ETCS e ATO aumentam a segurança, eficiência e capacidade das linhas existentes, adiando a necessidade de investir em novas infraestruturas e com menor impacto ambiental. Em Portugal, modernizamos infraestruturas com encravamentos eletrónicos compatíveis com o ETCS, garantindo interoperabilidade europeia e preparando a rede ferroviária para o futuro da mobilidade.

Compromisso com a neutralidade carbónica – Estamos alinhados com os objetivos climáticos globais e empenhados em tornar as nossas operações e soluções neutras em carbono. O comboio, por definição, é o meio de transporte mais sustentável — e garantir que está sempre disponível, seguro e eficiente é um contributo direto para esse objetivo. As nossas equipas de manutenção, discretas, mas fundamentais, asseguram diariamente os mais altos níveis de desempenho, incentivando a escolha do transporte coletivo em vez do automóvel.

A inovação está no nosso ADN. Trabalhamos lado a lado com clientes, parceiros e governos para moldar o futuro da mobilidade — mais sustentável, mais digital e mais acessível para todos.

Qual a sua visão para o futuro da Siemens Mobility em Portugal e o contributo que pretende deixar para o país?

A minha visão para o futuro da Siemens Mobility Portugal é posicionar o país como um polo estratégico de inovação, engenharia e excelência na mobilidade inteligente e sustentável — alinhada com a visão da Siemens Mobility global e com a estratégia a nível regional. Além disso, ter uma participação no desenvolvimento da infraestrutura ferroviária, quer na convencional, quer na de Alta Velocidade, onde somos líderes e pioneiros a nível mundial.

Vivemos uma transformação profunda no setor dos transportes, impulsionada pela digitalização, sustentabilidade e inteligência artificial. A Siemens Mobility Portugal tem

todas as condições para ser protagonista neste novo paradigma, com uma operação cada vez mais orientada para soluções digitais baseadas em dados, IA generativa e algoritmos preditivos aplicados à manutenção, operação e planeamento ferroviário.

Paralelamente, reforçamos a liderança na modernização da infraestrutura ferroviária nacional com Engenharia “Made in Portugal”, como nos projetos do Metro de Lisboa e na Linha de Cintura e Linha do Norte, com encravamentos eletrónicos preparados para ETCS e ATO.

Estas competências têm potencial para escalar internacionalmente, consolidando Portugal como centro de excelência em sinalização ferroviária. A fiabilidade dos nossos sistemas e o trabalho das equipas de manutenção são fundamentais para garantir que o comboio — o meio de transporte mais sustentável — seja cada vez mais utilizado.

Em suma, vejo a Siemens Mobility Portugal como um hub de talento, inovação e impacto positivo, que contribui para a descarbonização da mobilidade, o desenvolvimento económico e a projeção internacional da engenharia “Made in Portugal”.

SIEMENS

mobility.siemens.com



Linha da Beira Alta, Troço Cerdeira – Vilar Formoso

Teixeira Duarte: Um século de dedicação à construção de um mundo melhor

Com mais de 100 anos de história, a Teixeira Duarte continua a afirmar-se como um dos nomes incontornáveis da engenharia e da construção em Portugal. Sustentada em valores de rigor, inovação e responsabilidade, a empresa tem sabido adaptar-se às transformações do mercado, investindo na digitalização, na modernização e em práticas empresariais que olham para o futuro com confiança e ambição.

Fundada em 1921 pelo Engenheiro Ricardo Esquível Teixeira Duarte, a Teixeira Duarte consolidou-se como uma referência em diversas áreas — construção, concessões e serviços, imobiliária, hotelaria, distribuição

e setor automóvel —, com presença em vários países.

Para Paulo Serradas, CEO do setor da construção, o segredo da longevidade e da capacidade de adaptação da empresa ao

longo de mais de um século reside numa “cultura fortemente enraizada no engenho, na inovação e na vontade de pensar e fazer diferente”. Desde a sua fundação, o Grupo tem procurado aliar a experiência acumulada à procura constante de soluções técnicas e organizacionais inovadoras, antecipando as mudanças do setor.

Outro aspeto essencial é a valorização do raciocínio crítico e da versatilidade das equipas. Como sublinha o CEO, “é a capacidade das suas pessoas de compreender, questionar e propor melhorias que permite à empresa reinventar-se”.

A combinação entre a confiança nas equipas e a abertura à adoção de novas metodologias tecnológicas tem sido determinante para a Teixeira Duarte manter uma notável capacidade de adaptação perante as transformações do mercado e os desafios globais.



Linha do Sul, Troço Ermidas do Sado – Grândola Norte



Viadutos do Campo Grande, Prolongamento das Linhas Amarela e Verde do Metro de Lisboa

O crescimento sustentado no setor da construção proporcionou à empresa uma base financeira, técnica e organizacional sólida, permitindo não apenas o aperfeiçoamento das suas competências, mas também a internacionalização e exploração de novas oportunidades de negócio.

Áreas como a Imobiliária e o Facilities Management surgiram como extensões naturais da atividade principal, aproveitando sinergias e a experiência acumulada. Já setores como a hotelaria, a distribuição e o automóvel emergiram de oportunidades identificadas em mercados menos saturados, reforçando a eficiência e a solidez operacional do Grupo.

A coerência na atuação da Teixeira Duarte é assegurada pela partilha de valores, metodologias e princípios éticos e técnicos entre as suas diferentes empresas, apoiada em processos rigorosos e equipas qualificadas. “É esta cultura comum — assente na responsabilidade, no engenho e na procura da excelência — que garante que cada projeto, seja qual for o setor, reflete o mesmo compromisso com a qualidade e a confiança que há mais de um século distinguem a Teixeira Duarte”, acrescenta Paulo Serradas.

Nos trilhos da modernização e da inovação digital

No setor da construção, a Teixeira Duarte tem acompanhado de perto as

transformações do mercado, investindo fortemente na digitalização. Um exemplo concreto é a implementação de um plano para consolidar o uso da metodologia Building Information Modeling (BIM), com o objetivo de desenvolver competências em todas as suas dimensões e posicionar a empresa como referência no mercado.

Com o recurso a ferramentas digitais como o BIM e outras soluções integradas, a empresa tem conseguido otimizar o uso de matérias-primas, água e energia, promovendo

práticas mais eficientes e responsáveis ao longo de toda a cadeia de valor. O número de projetos geridos com recurso a esta metodologia cresce anualmente, mantendo a empresa comprometida com a formação contínua dos colaboradores, a produção de standards e templates BIM baseados em normas internacionais, a aquisição de novas tecnologias e o desenvolvimento de aplicações que permitem a automação e otimização de processos.



Troço entre Évora e Elvas/Fronteira (Corredor Internacional Sul)

Esta abordagem coloca a Teixeira Duarte numa posição estratégica para enfrentar novos desafios em qualquer parte do mundo, evidenciando a sua prontidão para atuar globalmente com eficácia e inovação.

Portugal vive também um momento determinante na modernização da sua rede ferroviária, com investimentos de grande escala na alta velocidade. A Teixeira Duarte, com décadas de experiência no setor, está preparada para reforçar a sua presença e contribuir para esta nova fase da ferrovia nacional.

“O setor ferroviário em Portugal apresenta particularidades muito próprias, exclusivas da Península Ibérica, como a bitola de via nacional”, explica Paulo Serradas, sublinhando que essas especificidades exigem “equipamentos e materiais com características próprias e processos de homologação complexos”.

Um dos projetos emblemáticos é a construção da linha ferroviária entre Évora e a fronteira com Espanha, onde a SOMAFEL, empresa do Grupo Teixeira Duarte, lidera o consórcio construtor. Com cerca de 100 quilómetros de extensão, esta será a primeira linha de alta velocidade do país, preparada para velocidades de exploração de 250 km/h e com catenária apta para 300 km/h. “Introduzimos, pela primeira vez em Portugal, aparelhos de mudança de via de ponta móvel e balastro com características de alta velocidade”, destaca o CEO, reforçando o papel pioneiro da empresa neste tipo de obras.

Para responder às exigências destas novas infraestruturas, o Grupo tem vindo a investir em equipamentos ferroviários de última geração, “mais produtivos,

energeticamente eficientes e capazes de garantir o cumprimento dos rigorosos parâmetros das linhas de alta velocidade”. Em paralelo, mantém uma forte aposta no capital humano: “Temos investido na formação, na retenção e na atração de talento, preparando as nossas equipas para os desafios do futuro.”

A Teixeira Duarte integra o consórcio português responsável pelo primeiro troço de alta velocidade entre o Porto e Oiã, mantendo-se “atenta e preparada para os restantes troços até Lisboa, bem como para os corredores Porto-Vigo e Lisboa-Madrid”. O objetivo é claro: reforçar a presença tanto na fase de construção como na futura manutenção das infraestruturas — “uma atividade de extrema exigência, onde o Grupo possui já uma vasta experiência”.

Com a capacidade instalada e os investimentos previstos — tanto em meios humanos como técnicos —, a Teixeira Duarte afirma-se como uma referência no panorama ferroviário nacional. “As obras ferroviárias destacam-se pela sua elevada complexidade técnica e incorporam diversas áreas de engenharia”, sublinha Paulo Serradas, lembrando que o Grupo possui “setores próprios em geotecnia, infraestruturas, túneis, via e catenária, com experiência consolidada há várias décadas e em vários continentes”.

A sustentabilidade como pilar e a visão para o futuro

A sustentabilidade é, cada vez mais, uma prioridade para as empresas portuguesas — e a Teixeira Duarte não é exceção. Nesse

sentido, o Grupo tem vindo a implementar medidas alinhadas com os seus objetivos de redução do impacto ambiental da sua atividade.


Em 2024, foi instalada uma Unidade de Produção para Autoconsumo (UPAC) de energia solar no polo operacional do setor da Construção, em Portugal — uma iniciativa que permitiu reduzir as emissões de CO₂ e assegurar o consumo de eletricidade proveniente de fontes renováveis. Já em 2025, tendo em conta critérios ecológicos e de desempenho, a empresa adquiriu uma nova frota de serviço com veículos de tecnologia bi-fuel, o que permitiu uma diminuição de 75% nas emissões de monóxido de carbono e de 11% nas de dióxido de carbono, comparativamente com veículos a gasóleo.

No setor da Construção, a Teixeira Duarte tem vindo a reforçar a sua colaboração com universidades e laboratórios, nacionais e internacionais, participando em projetos de investigação financiados pela Comissão Europeia — entre os quais as ações MSCA – Horizon Europe — e integrando o consórcio GreeNexUs, dedicado à transição sustentável e digital dos espaços urbanos na Europa.

Na área Imobiliária, o Grupo mantém o compromisso com a adoção de métodos construtivos mais responsáveis, promovendo a pré-fabricação e o uso de materiais com menor pegada carbónica, reduzindo o desperdício e o carbono incorporado nos edifícios.

No segmento de Facilities Management, a Teixeira Duarte tem vindo a expandir o seu portefólio, oferecendo serviços técnicos de instalação e manutenção de fontes de energia renovável — uma área em forte crescimento.

Com o presente consolidado, a empresa mantém o olhar firme no futuro — um futuro que, na perspetiva de Paulo Serradas, se constrói “alicerçado na mesma solidez, engenho e capacidade de adaptação que, ao longo de mais de um século, têm definido a identidade da Teixeira Duarte”.

Como o próprio sublinha, “Contribuir para a construção de um mundo melhor é mais do que uma missão — é a essência do nosso propósito: atuar com rigor e responsabilidade, criar valor duradouro, servir as comunidades onde estamos presentes e construir com qualidade, confiança e visão de futuro.” 



Linha da Beira Alta, Troço Celorico da Beira - Guarda



FUTRIFER: 30 Anos a construir o futuro da ferrovia portuguesa

Joaquim e Tiago Dias Amaro, respetivamente vice-presidente do conselho de administração e administrador-delegado da Futrifer, lideram uma das empresas mais emblemáticas do setor ferroviário português. De Tramagal para o mundo, a FUTRIFER aposta hoje na inovação, na manutenção ferroviária e na internacionalização, com presença crescente em mercados como Marrocos, Canadá e vários países europeus.



Joaquim e Tiago Dias Amaro, Vice-Presidente do Conselho de Administração e Administrador-Delegado da Futrifer

Pode partilhar connosco como nasceu a FUTRIFER e quais foram os principais marcos no seu percurso até se tornar uma referência no setor ferroviário?

Joaquim Dias Amaro (JDA): A FUTRIFER nasceu no quadro da reestruturação da ex – Metalúrgica Duarte Ferreira (MDF), empresa de enorme importância e relevância para a economia do País, no

século XX. Para que melhor se entenda o enquadramento, passo a explicar.

Decorria o ano de 1987, mais concretamente em agosto, quando fui designado e eleito – pelo Banco maior credor, o então Banco Fonseca e Burnay –, Presidente do Conselho de Administração da MDF, com a árdua missão de procurar caminhos para a sua viabilização. Era e foi uma tarefa ciclópica, porque os problemas eram imensos e de um enorme grau de dificuldade, debilidade financeira, parque de máquinas envelhecido, enorme volume de emprego e, ao mesmo tempo, escassez por abandono de mão de obra qualificada, ausência de investimento e mercados diminutos, isto apenas para dar alguns exemplos, mas não estamos aqui para falar da MDF, mas sim da FUTRIFER e, nesse sentido, volto ao tema.

O quadro da viabilidade económica, do conjunto de atividades que a MDF vinha desenvolvendo, assentou na criação de novas empresas, cada uma delas dedicada à sua atividade específica, depois de demonstrada, objetivamente, a sua viabilidade futura, foi o caso da FUTRIFER, criada em 22.06.1993, no quadro de uma resolução do Conselho de Ministros da altura, subscrita pelo

então Ministro da Indústria e Energia (Engº Mira Amaral), que acreditou e sancionou a estratégia, que agora e a esta distância, podemos dizer em boa-hora o fez, porque era esse o caminho, tendo como principais marcos no seu percurso (i) a sua constituição (ii) a procura de parceiros que assegurassem capacidade financeira e de investimento (iii) mercados e (iv) desenvolvimento e inovação do Produto, o que permitiu tornar a FUTRIFER uma referência do setor ferroviário, no qual se posiciona como parceiro fiável de todas as entidades públicas e privadas, promotoras de investimento, com especial destaque para as Administrações de Infraestruturas ferroviárias e Operadores de transporte.

Quais têm sido os maiores desafios que a FUTRIFER enfrentou ao longo da sua história e como foram superados?

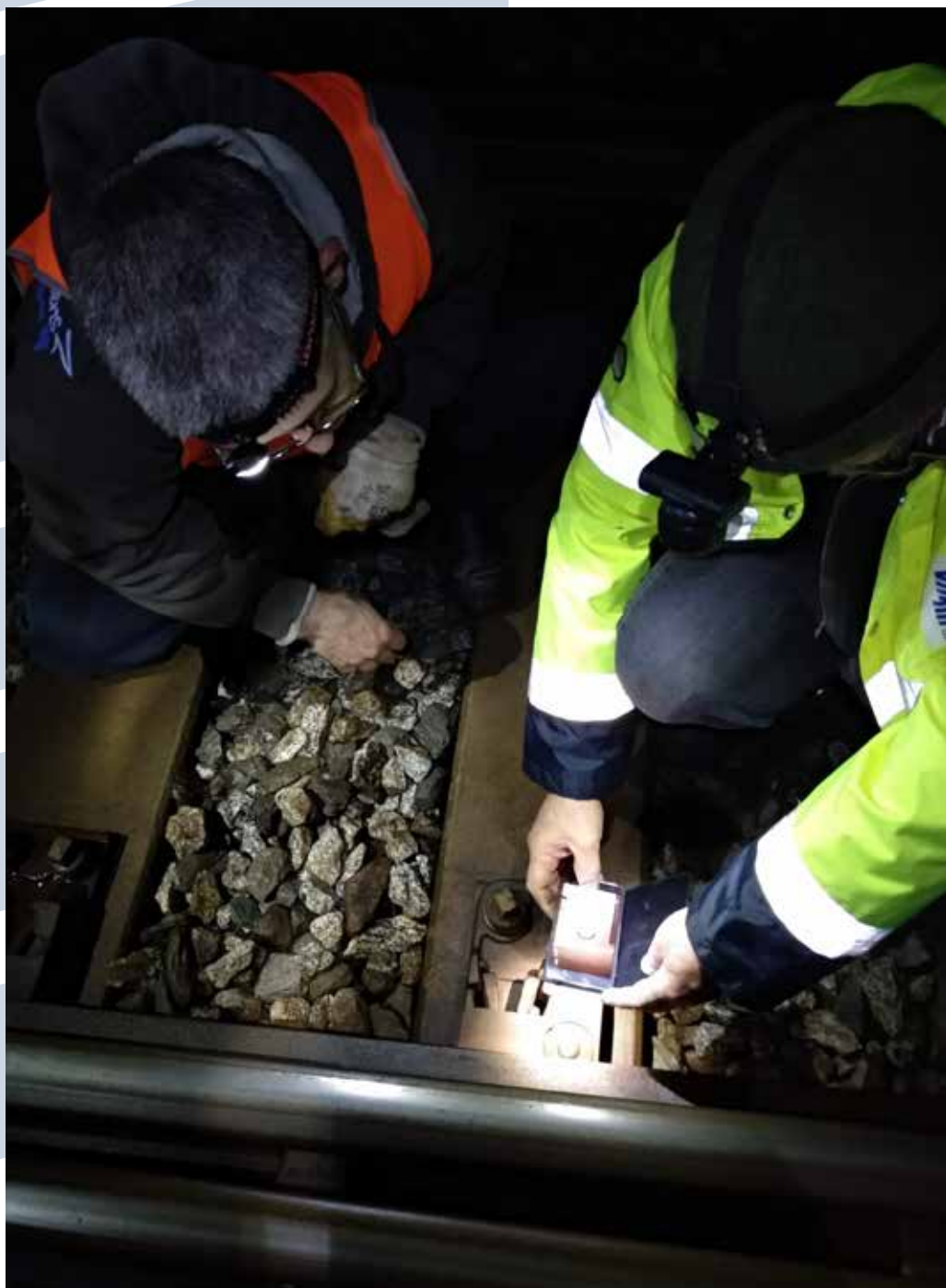
JDA: O primeiro desafio foi acreditar no projeto, o segundo foi a seleção do parceiro para integrar a estrutura acionista da FUTRIFER, o terceiro foi ganhar a confiança dos nossos parceiros, o quarto foi investir e inovar, o quinto foi criar uma relação de confiança técnica com as estruturas ferroviárias, assegurando a qualidade dos produtos e propondo soluções técnicas adequadas à valorização e durabilidade dos mesmos, bem como a respetiva assistência técnica e manutenção, onde se inclui a regeneração dos aparelhos de via para nova utilização e nova vida, o sexto foi sobreviver aos momentos de crise, o sétimo e todos os outros que se lhe seguiram e foram muitos, todos eles ultrapassados, no quadro de uma luta e um querer permanentes, só possível graças ao empenho e à dedicação de todos os elementos que constituem a nossa equipa, que emprega todo o conhecimento e know-how que dispõe ao serviço da causa ferroviária, o que aproveito para enaltecer e agradecer. Ao longo destes mais de 30 anos, a FUTRIFER deu um forte contributo para a modernização da Rede Ferroviária Nacional, tendo sempre como base, para além do referido, uma forte preocupação quanto à segurança e conforto dos passageiros e, também, do transporte das mercadorias, num espírito permanente de inovação.

Quem são hoje as pessoas que comandam os destinos da FUTRIFER e de que forma a sua liderança influencia a estratégia e a visão da empresa?

JDA: O parceiro escolhido para fazer parte do capital da FUTRIFER foi a então francesa COGIFER, um dos líderes

mundiais na conceção e fabrico de aparelhos de via, no quadro de um Concurso internacional, lançado em 1992 pela CP na altura, para seleção de um fabricante nacional de aparelhos de mudança de via e de uma entidade internacional do setor, que assegurasse o desenvolvimento tecnológico do produto. A FUTRIFER integra agora o GRUPO VOSSLOH, em resultado da aquisição da COGIFER, hoje denominada VOSSLOH Switch Systems, sendo o capital da FUTRIFER detido pela VSS (60%) e pela DIORAMA (40%), empresa de estrutura acionista familiar, da qual sou o Presidente do Conselho de Administração.

Desde o início fui eu que impulsionei e comandi os destinos da FUTRIFER na qualidade de Administrador-Delegado, lugar hoje desempenhado pelo meu filho Tiago Dias Amaro, desde 2019, sendo eu membro do Conselho de Administração, na qualidade de Vice-Presidente. O nosso espírito inovador e empreendedor, alicerçado numa grande disponibilidade e capacidade de trabalho, em que os nossos clientes estão em primeiro lugar, tem contribuído para uma liderança forte que fortalece a estratégia e a visão para a empresa e, também, para promover um espírito de ambição que assegura a concretização dos nossos objetivos.





FUTRIFER disponibiliza a toda a estrutura ferroviária nacional. O acompanhamento da vida dos seus produtos, permite estudar de forma permanente as melhores soluções que assegurem a segurança e o conforto dos passageiros e, por isso mesmo, a inovação é determinante para um crescimento sustentável a longo prazo. A FUTRIFER faz parte e beneficia de todos os produtos desenvolvidos pela sua casa-mãe, a VSS. Portugal representa, neste particular, um ambiente perfeito, no qual a VOSSLOH pode desenvolver novos produtos, no seu domínio de atividade, desde os aparelhos de via, serviços de manutenção conexos, soluções digitais e preditivas, travessas de betão e sistemas de fixação de carril.

Que importância tem a internacionalização para a FUTRIFER e quais são hoje os principais mercados externos onde a empresa está presente?

Tiago Dias Amaro (TDA): A internacionalização é muito importante para a FUTRIFER e é hoje o grande objetivo e mote da empresa, tendo identificado como principal mercado, conjuntamente com a sua casa-mãe, o africano. A VSS vê na FUTRIFER um hub, podendo, por esse facto, responder se assim for necessário a outros mercados, para além do africano. A este propósito, a FUTRIFER viu confirmada, recentemente, a adjudicação de um projeto estratégico no Canadá, Metro de Ontário, o que confirma, sem qualquer dúvida, que a FUTRIFER é hoje, um dos vários sites do Grupo, com capacidade para responder às solicitações do mercado internacional. A internacionalização da FUTRIFER incorpora, também, a Prestação de Serviços de Manutenção aos aparelhos de via, atividade criada e iniciada pela FUTRIFER, no seio do Grupo e que hoje já está presente em alguns mercados como, por exemplo, França, Espanha e Marrocos. É importante lembrar que a VOSSLOH tem filiais em cerca de 30 países para o fornecimento de aparelhos de via, o que potencia a Prestação de Serviços da FUTRIFER. É possível adiantar que no caso de Marrocos, a FUTRIFER e a VOSSLOH, vão constituir uma empresa neste país, no quadro da estratégia de internacionalização definida.

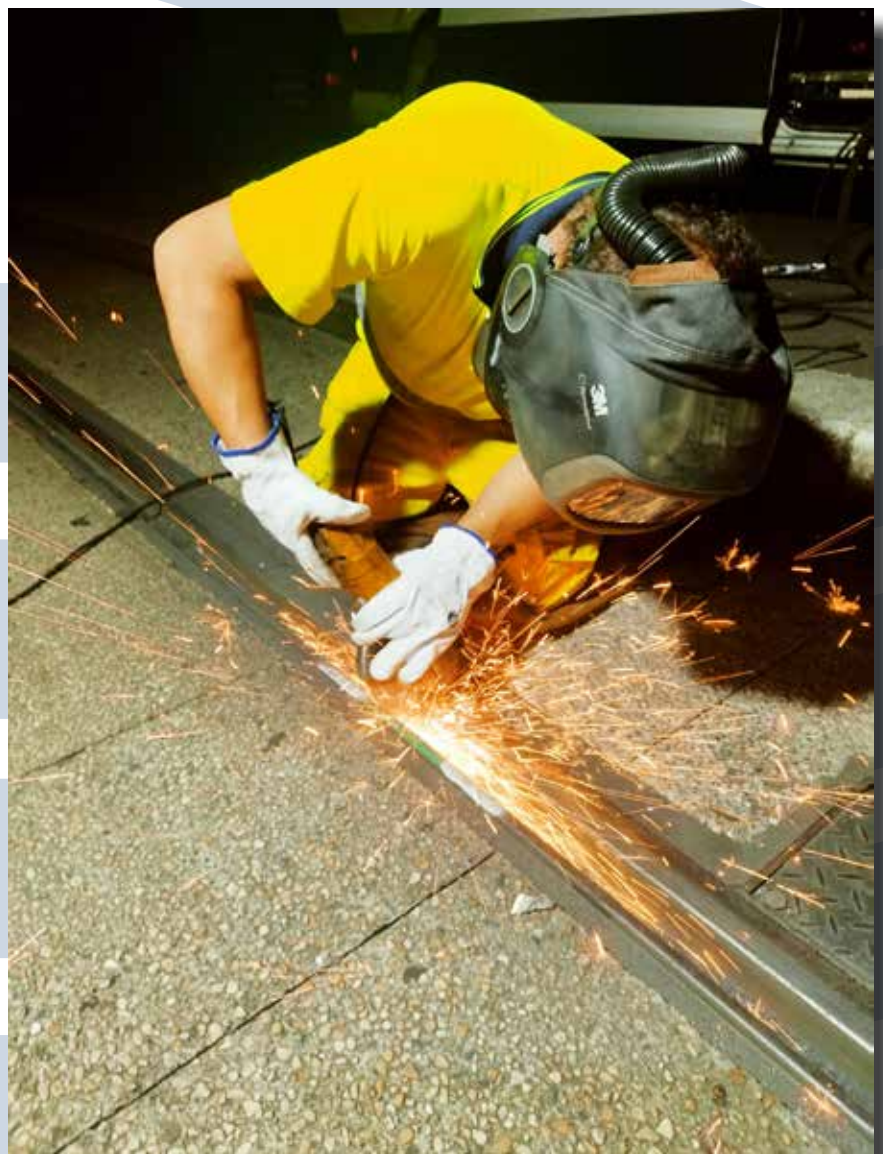
Qual o papel da inovação tecnológica no desenvolvimento das soluções que

a FUTRIFER disponibiliza ao setor ferroviário?

TDA: A FUTRIFER dispõe, para além do seu Gabinete de Estudos, do Centro de Inovação Tecnológica da VSS, para o desenvolvimento das soluções que a

Como está a FUTRIFER a contribuir para a transição energética e para a redução da pegada carbónica do setor?

TDA: O compromisso da FUTRIFER, nesta matéria, é enorme não fosse o mote do seu Grupo “Enabling green mobility”. A FUTRIFER aplica as melhores práticas e métricas emanadas da sua casa-mãe com vista à redução da pegada carbónica.





A este propósito, a VOSSLOH, desde 2017 que é auditada pela renomeada entidade ECOVADIS uma das mais conceituadas entidades a nível mundial na atribuição de classificações de sustentabilidade, tendo recebido medalha de ouro em 2024.

De que forma a empresa valoriza e integra o capital humano — colaboradores, talento jovem e know-how técnico — como motor da sua competitividade e inovação?

TDA: A FUTRIFER integra e valoriza em muito o seu capital humano. As suas equipas são possuidoras de um elevado know-how, permanentemente revisitado, através de formação adequada e certificada, o que as valoriza, sendo um contributo muito importante para a competitividade e inovação da empresa. A formação, a integração e o espírito de Grupo/família são determinantes para que tenhamos melhores trabalhadores e sendo melhores trabalhadores, temos menos acidentes, mais saúde e mais bem-estar. Por mais que as sociedades evoluam, as empresas são as pessoas. A FUTRIFER tem vindo a renovar, de forma bastante efetiva, os seus quadros, com grande esforço de investimento na sua formação. São os jovens de hoje que determinarão as soluções do amanhã.

Na sua opinião, de que forma a ferrovia portuguesa pode reforçar a competitividade económica do país e a sua integração no espaço europeu?

JDA: A infraestrutura ferroviária nacional tem e pode reforçar em muito o seu papel na competitividade económica do País e a sua integração no espaço europeu, senão vejamos: o atual Governo tem continuado o seu trabalho e procurou manter a sua política no sentido de não comprometer o desenvolvimento de inúmeros projetos que prometem mudar a ferrovia, incluindo o projeto da Alta Velocidade, já em andamento, encurtando distâncias no País e promovendo as ligações internacionais, o que significa, para as empresa públicas ligadas ao setor dos transportes ferroviários, um desafio enorme, que começou em 2019, muitas obras foram concluídas, outras adjudicadas e consignadas ao abrigo dos Programas “Ferrovia 2020” e “PNI 2030”, mas os atrasos são enormes e ainda temos os projetos incluídos no Programa do “PRR”, mas é preciso aprender com o passado, onde os timings políticos e os timings reais de execução nem sempre estiveram alinhados.



Neste quadro, o horizonte futuro é interessante e o sistema ferroviário é a chave para o desenvolvimento de qualquer país. O sistema une localidades, une pessoas e, é por isso, determinante para a coesão do País de uma forma transversal e marcante. Neste particular, realçar o projeto de Alta Velocidade, que vai ter um impacto tremendo no País, a vários níveis, económico, dispersão geográfica da população e bem-estar das pessoas. A ligação a Espanha em Alta Velocidade é determinante para a nossa integração no espaço europeu.

Como antevê o futuro da mobilidade ferroviária em Portugal nos próximos 10 a 20 anos e qual será o contributo específico da FUTRIFER nesse percurso?

TDA: O tempo em que vivemos, em constante mudança, obriga-nos a procurar e a desenvolver formas de mobilidade mais sustentáveis e o setor ferroviário não é exceção, mas esta evolução tem de ser possível, olhando o futuro com esperança, coragem e determinação, assegurando a sustentabilidade e a redução do impacto climático e ambiental. A FUTRIFER, a VOSSLOH Switch Systems e todo o Grupo VOSSLOH, estão empenhados nesta batalha, com o objetivo de contribuir para um transporte melhor, ao serviço das pessoas e das empresas, em benefício de uma qualidade de vida e um mundo

mais habitável. Isto para dizer que a FUTRIFER, entre outros players terá, nos próximos 10 a 20 anos, o seu percurso específico, no quadro da Mobilidade Ferroviária. A FUTRIFER procurará, estar sempre, ao lado dos seus clientes, ouvindo as suas preocupações e as suas necessidades, propondo as melhores soluções técnicas e sustentáveis para cada uma delas. Estamos certos de que o contributo da FUTRIFER, na realização dos projetos ferroviários previstos, será relevante, como o tem sido ao longo dos seus mais de 30 anos de existência. A este propósito podemos revelar que a FUTRIFER estuda ativamente a reorganização das suas instalações no Complexo Industrial do Tramagal, para dar resposta às necessidades do nosso País e do mercado externo.✚



HITACHI RAIL PORTUGAL: Inovação e tecnologia ao serviço da mobilidade do futuro

Ao longo dos últimos 35 anos, temos assistido em Portugal a uma transformação da Ferrovia Portuguesa, por vezes lenta e sem regularidade, com resultados que não são totalmente evidentes para o cidadão comum.



Quem, como nós, teve o privilégio de participar activamente nesta aventura desde o seu início, facilmente encontra um paralelo curioso entre esta transformação da Infraestrutura Ferroviária Portuguesa (e da ferrovia em geral) e a teoria da Hierarquia das Necessidades, introduzida por Maslow em 1943. Assim, no início desta transformação, entre 1990 e os primeiros anos do século XXI, revolucionou-se o controlo da circulação ferroviária com a introdução de novas tecnologias electrónicas, dando-se ênfase à segurança da exploração, introduzindo-se já alguns serviços orientados ao passageiro. Era a fase da satisfação das necessidades básicas do transporte ferroviário.

Nos anos que se seguiram, aproximadamente entre 2005 e 2018, e apesar da crise financeira que se verificou em Portugal, a transformação

continuou ainda que a ritmo mais lento, iniciando-se uma nova fase.

Esta segunda fase, **patamar das necessidades de segurança**, traduziu-se na ferrovia, pela expansão e reforço dos serviços de segurança e conforto dedicados ao passageiro, da informação e da segurança física. Ao mesmo tempo, procedia-se a uma reorganização da estrutura e conceitos de gestão da rede com a introdução dos Centros de Controlo Operacional (CCOs) com foco na eficiência e segurança.

Na terceira fase, das **necessidades de relacionamento**, de 2019 aos dias de hoje, deu-se a introdução do standard europeu de interoperabilidade, ERTMS/ETCS – European Rail Traffic Management System/ European Train Control System. Nasceu assim a possibilidade de haver relações com as redes vizinhas, circulações ferroviárias transfronteiriças e a coexistência dos novos sistemas interoperáveis com os antigos sistemas em fase de substituição, pela introdução dos módulos de interoperabilidade designados STM. Foi ainda nesta fase que se começou a substituir alguns dos equipamentos instalados na década de 90, para acompanhar a evolução tecnológica e os novos standards ferroviários.

Os patamares superiores da pirâmide de Maslow aplicada à ferrovia estão em vias de acontecer e desde já destacamos o há tanto tempo esperado projecto da Linha de Alta Velocidade.

Outros exemplos do futuro que se aproxima passam pela introdução da cibersegurança em todos os novos sistemas, por novos conceitos de gestão inteligente de circulação nos Centros de Comando Operacionais, CCOs, pela gestão de circulação com foco na eficiência energética, pela monitorização em tempo real e pela análise preditiva do comportamento dos equipamentos de terreno, pelo uso intensivo de drones na monitorização da infraestrutura e pela não menos importante digitalização de processos.

Adicionalmente, a utilização crescente da Internet das Coisas (IoT) e das ferramentas de Inteligência Artificial (IA) e Big Data fornecerão uma visão mais profunda e elaborada de todo o sistema de transportes, permitindo que as equipas dediquem as capacidades únicas do ser humano, a explorar estas tecnologias para analisar, otimizar e criar novos serviços para os passageiros e novos conceitos de mobilidade.

Ao longo desta épica viagem, a actual equipa da Hitachi Rail Portugal, tem tido sempre o papel do pioneiro em cada uma das fases de desenvolvimento da Ferrovia Nacional.

Mas além de ser pioneira em todos os domínios tecnológicos apresentados, a Hitachi também foi única na constituição em Portugal, desde o início desta aventura, de equipas locais de engenharia, para as quais assegurou a transferência de know-how.

Desde o início desta aventura que tem sido nosso foco a criação de valor e competências





locais, mais do que a simples transação de tecnologias. Com essas competências alargámos horizontes, partimos para a exportação e contribuimos para a economia nacional.

No entanto, nós e toda a fileira ferroviária nacional, poderíamos contribuir ainda mais para o crescimento económico do País se o primado do preço mais baixo não continuasse a ser um travão que não serve os Clientes, não serve as Empresas e sobretudo, atrasa o desenvolvimento do País.

Não serve os Clientes porque admitir que o preço mais baixo e sem limites é a melhor opção de escolha, é “tapar o sol com a peneira”. Mais cedo ou mais tarde, de uma maneira ou de outra, paga-se, quer na fase de investimento, quer na fase de exploração e manutenção.

Quem é mal pago, trabalha mal.

Fará algum sentido admitir que para um Preço Base definido e calculado de modo sério e profissional pelos técnicos e administrações das entidades contratantes, apareça uma entidade com “superpoderes” a propor 50% deste valor ou, por absurdo, candidatar-se

a ter a pontuação máxima com um preço zero? Seguramente não faz.

Não serve as empresas, porque não lhes permite libertar meios para investir no seu desenvolvimento tecnológico local, na inovação, na retenção de talentos ou na criação de condições equilibradas de contratação. Promove-se assim a incerteza e a precariedade do emprego e de toda a cadeia de fornecedores e subfornecedores, esmagados pela pressão do preço.

Torna-se evidente que esta lógica, trava o crescimento de todo o sector e limita os benefícios para o País, que de outro modo poderiam ser obtidos em duas frentes: pela modernidade das novas infraestruturas criadas e respectivos serviços para os utentes e pelo impacto positivo na saúde das empresas envolvidas, com reflexo directo na economia do país.

Convidaríamos a que se olhe para os modelos de contratação e avaliação do preço que outros países aplicam nos investimentos Ferroviários.

Apesar destas condicionantes e porque é nosso propósito manter o papel de liderança na transformação da Rede Ferroviária Portuguesa, vemos a recente integração num grande Grupo industrial como é a Hitachi, como uma alavanca para melhor servir a ferrovia, tirando partido do alargado portfolio do Grupo, que, desta forma nos coloca numa posição de destaque único no cenário ferroviário global.

Contribuir para a sociedade através do desenvolvimento de tecnologia e produtos superiores e originais é a missão que o fundador, Namihei Odaira, originalmente estabeleceu para a Hitachi, e que tem sido cuidadosamente transmitida e alimentada ao longo da história da empresa.

Na Hitachi Rail, os nossos produtos são concebidos para tornar a mobilidade sustentável uma realidade em todas as áreas do setor ferroviário global. Temos, em Portugal, um campo de oportunidades para a concretização desta missão, tirando partido das capacidades industriais que a Hitachi Rail nos aporta para continuar a participar na evolução da rede nacional.

Agora, integrados no Grupo Hitachi, mas tal como anteriormente, continuaremos a agir com integridade e transparência em tudo o que dizemos e fazemos, demonstração da nossa sinceridade e dos valores que afirmamos. Mantemos a justiça em todas as nossas relações.

A nossa reputação consolida-se pela forma como conduzimos os nossos negócios.



HITACHI

www.hitachirail.com

mais magazine 21

Construir o futuro sobre carris: O compromisso global da Steconfer



Metro do Porto - Linha Circular - Linha Rosa, Portugal

Da construção e manutenção de infraestruturas ferroviárias em Portugal à execução de projetos internacionais de alta complexidade, a Steconfer alia excelência técnica, inovação e responsabilidade ética, contribuindo para uma mobilidade mais segura e sustentável em todo o mundo.

A Steconfer desenvolve a sua atividade nas áreas de construção, renovação e manutenção de infraestruturas ferroviárias, tanto em Portugal como em diversos mercados internacionais, bem como na instalação de sistemas de sinalização, eletrificação e plataformas de segurança (Platform Screen Doors). A empresa tem vindo a reforçar a sua presença internacional com projetos na Suécia, Irlanda, Israel e Panamá, demonstrando uma sólida capacidade técnica e uma notável adaptabilidade a contextos distintos. Estas operações, muitas delas em mercados de elevado rigor técnico e regulamentar, refletem a confiança conquistada junto de parceiros públicos e privados.

Em cada país, a Steconfer adapta as suas soluções às exigências locais sem abdicar dos seus padrões de qualidade e ética, consolidando a reputação de um parceiro fiável, inovador e comprometido com o desenvolvimento sustentável das infraestruturas ferroviárias. Cada projeto internacional é conduzido em conformidade com os regulamentos locais e as melhores práticas internacionais, assegurando segurança, integridade e uma atuação responsável. Este compromisso ético e técnico é transversal a todos os mercados, refletindo o propósito da empresa de contribuir para uma mobilidade mais segura, eficiente e inclusiva. A Steconfer acredita que o verdadeiro progresso acontece quando a engenharia serve o bem comum - e é esse o propósito que guia a empresa em todos os mercados onde marca presença.

A atuação internacional da Steconfer baseia-se num conjunto de princípios sólidos que asseguram coerência e integridade em todos os mercados: ética, transparência e respeito pelas pessoas. Independentemente do contexto político, social ou económico, a empresa mantém uma postura neutra e responsável, conduzindo

as suas atividades segundo padrões internacionais de integridade, direitos humanos e responsabilidade social.

A empresa cumpre rigorosamente as leis e regulamentos locais, respeita as culturas e tradições de cada país e promove uma relação próxima e de confiança com as comunidades. É dessa coerência entre princípios e prática que nasce a credibilidade global da Steconfer, e é essa consistência que define o seu compromisso com um crescimento sustentável e responsável.

Segurança, sustentabilidade e qualidade em cada projeto ferroviário

A missão da Steconfer é fornecer soluções integradas e de excelência no setor ferroviário, promovendo segurança, inovação e sustentabilidade em todas as fases dos projetos. A visão da empresa é ser reconhecida globalmente como uma referência em engenharia ferroviária, unindo rigor técnico, ética e criatividade. Estes princípios orientam diariamente o trabalho e traduzem-se num compromisso firme com a qualidade, a transparência e o respeito pelas pessoas e pelos territórios onde opera.

A inovação é um dos pilares do crescimento da Steconfer, através do investimento contínuo em ferramentas digitais de planeamento e controlo, automação de processos e monitorização em tempo real, potenciando uma gestão mais ágil e transparente das obras.

A aplicação de metodologias construtivas avançadas - como a instalação modular de plataformas e a integração de sistemas inteligentes de sinalização - permite aumentar a eficiência e reduzir o impacto ambiental. A aposta em tecnologia é



Trabalhos de manutenção, Bergen, Noruega



acompanhada por uma cultura de aprendizagem contínua, que capacita as equipas para enfrentar novos desafios e desenvolver soluções cada vez mais sustentáveis e seguras.


Além disso, a Steconfer pauta a sua atuação por elevados padrões de segurança, qualidade e sustentabilidade, suportados por certificações internacionais como ISO 9001 (Qualidade), ISO 45001 (Segurança e Saúde no Trabalho) e ISO 14001 (Ambiente). Estes referenciais traduzem o compromisso com a melhoria contínua e a gestão responsável de todos os processos.

Através de auditorias regulares, programas de formação e uma cultura de segurança ativa, é garantida a conformidade com as normas internacionais e são assegurados ambientes de trabalho seguros. O modelo de gestão privilegia a eficiência, a rastreabilidade e a responsabilidade em todas as fases do projeto - fatores que permitem entregar resultados consistentes, independentemente da dimensão ou da geografia.

Aliada a toda a vertente técnica, a sustentabilidade é um compromisso transversal à estratégia da Steconfer. Os recursos são geridos de forma eficiente, os materiais de baixo impacto são privilegiados e foram adotadas medidas para reduzir as emissões de carbono associadas às obras. Mas a sustentabilidade

vai além do ambiente. Inclui também a responsabilidade social, a valorização dos colaboradores e a criação de benefícios para as comunidades locais. Em cada país, a Steconfer gera impacto positivo e duradouro, promovendo práticas justas e contribuindo para o desenvolvimento económico e social de forma equilibrada e ética.

Pensando no futuro, a Steconfer pretende continuar a expandir a sua presença internacional, com foco em mercados estratégicos da Europa e América Latina, e reforçar a sua posição como especialista global em soluções ferroviárias sustentáveis.

Os próximos anos serão marcados por investimento em inovação tecnológica, formação contínua e práticas ESG, consolidando a reputação da Steconfer como uma empresa ética, transparente e comprometida com um futuro mais seguro e sustentável para o setor ferroviário. 



MRT-7 - Depot Facilities, Manila, Filipinas



**WE RAIL
YOUR WAY**

www.steconfer.com

Sabia que...?

Os comboios têm sempre prioridade sobre qualquer outro tipo de veículo.

Nas passagens de nível e nas vias férreas, o comboio é sempre o veículo com prioridade absoluta. Isto acontece porque a sua massa, dimensão e velocidade tornam impossível uma travagem repentina ou uma manobra de desvio. Por isso, é essencial que todos os condutores e peões respeitem a sinalização ferroviária — parar, olhar e ouvir antes de atravessar a via é uma regra de ouro. Um simples erro de distração pode ter consequências graves.

Um automóvel a 90 km/h precisa de 60 metros para parar; um comboio, à mesma velocidade, precisa de 600 metros.

Esta diferença mostra o quanto o peso e a inércia influenciam a travagem.

Enquanto um carro pode reagir e parar relativamente rápido, um comboio demora dez vezes mais a imobilizar-se — mesmo com sistemas de travagem potentes e condutores experientes.

Isto significa que, quando o maquinista vê um obstáculo na linha, é praticamente impossível parar a tempo. Por isso, nunca se deve tentar “ganhar tempo” atravessando uma linha férrea quando o sinal está a fechar — o comboio não consegue parar para evitar o acidente.

Os comboios podem circular em ambos os sentidos e parecem sempre mais lentos do que realmente são.

Muitas pessoas acreditam que sabem de que lado o comboio vai surgir, mas as linhas ferroviárias permitem circulação nos dois sentidos. Além disso, a perspetiva e o tamanho dos comboios fazem com que pareçam deslocar-se mais devagar do que na realidade.

Um comboio que parece estar “longe e lento” pode, na verdade, chegar em poucos segundos. Essa ilusão de ótica é uma das causas mais comuns de acidentes em passagens de nível.

Um comboio pode pesar mais de 2 000 toneladas — uma diferença proporcional entre um carro e uma lata de refrigerante.

A massa de um comboio é gigantesca. Para se ter uma ideia, um comboio de mercadorias ou de passageiros pode pesar mais de dois milhões de quilos.

Comparativamente, um automóvel comum pesa cerca de 1 000 kg — ou seja, a diferença entre um comboio e um carro é a mesma que entre um carro e uma lata de refrigerante.

Isto mostra o poder destrutivo de uma colisão entre um comboio e qualquer outro veículo: independentemente da velocidade, o comboio sai praticamente ileso, enquanto o impacto no outro veículo é devastador.





**Rigor técnico e compromisso
com a performance**

Inovação e excelência na manutenção industrial e energética

A Maintphi, fundada em abril de 2018, é uma organização de carácter transversal e multidisciplinar, dedicada a estabelecer diferentes formas de colaboração com os seus clientes na área da Manutenção. A Mais Magazine esteve à conversa com Hélder Mendonça, Diretor Geral da Maintphi, que partilhou a sua visão sobre o percurso da empresa, os vários setores de intervenção e as perspetivas de futuro.

Desde o seu arranque, a Maintphi soma sete anos de história, marcada por projetos de grande relevância que enriquecem o seu portfólio e por diversos prémios que atestam a excelência e a qualidade do trabalho da sua equipa. O início da atividade operacional surgiu na sequência da reorientação estratégica do setor da Manutenção Industrial e Energia de uma grande multinacional em Portugal, o que libertou um mercado atraente e recursos qualificados. “A atividade de Manutenção Industrial e Energia tem um grande potencial

de crescimento e rentabilidade, que ficou acessível a novos competidores, e que foi aproveitado pela Maintphi”, afirma Hélder Mendonça sobre a fase inicial da sua empresa.

A empresa começou por ser um Prestador de Serviços de Manutenção com uma organização polivalente, que, com a evolução e crescimento, se estruturou por áreas de negócio, nomeadamente “Energia”, “Indústria e Águas”, “Manutenção Condicionada – CBM” e “Mecanização e fabrico de componentes e órgãos de

máquinas”, existindo uma oficina interna para suporte destas atividades. Atualmente, as suas soluções da Maintphi abrangem desde intervenções pontuais, como a reparação de equipamentos, até parcerias de médio e longo prazo em que assume a gestão e execução da manutenção, distinguindo-se ainda pelo desenvolvimento de soluções para “retrofit” de equipamentos e instalações elétricas para a indústria em geral e comercialização de máquinas e equipamentos industriais e de energia. Em 2020, a Maintphi obteve a certificação





do seu sistema de Gestão de Qualidade segundo a ISO 9001-2015.

O crescimento anual do volume de negócio da Maintphi, à exceção dos anos afetados pela COVID-19, registou sempre um aumento superior a dois dígitos percentuais, com rentabilidade. Este crescimento sustentou-se na diferenciação do portfólio, procurando atividades de maior valor para o cliente. Já durante este ano, o investimento em recursos humanos, equipamentos e instalações acompanhou o crescimento da Maintphi. “Em 2025, face à necessidade de aumentar a área de trabalho da oficina, concretizou-se o objetivo de transferir a atividade das áreas de negócio de “Energia” e “Indústria e Águas” para umas novas

instalações”, comenta o Diretor Geral da Maintphi.

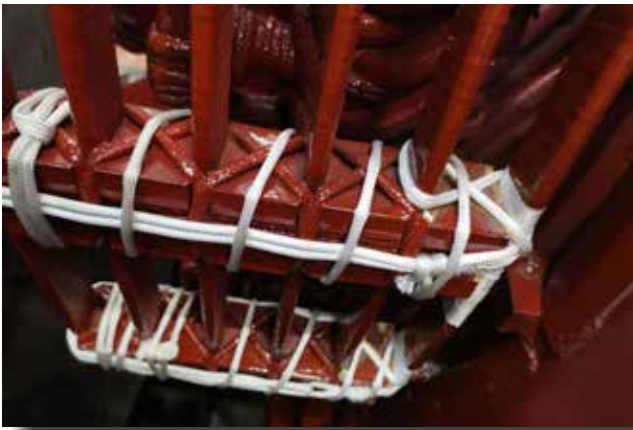
Hoje, é seguro afirmar que a Maintphi se consolidou como um dos principais players no setor da manutenção industrial e energética em Portugal, oferecendo um portfólio diversificado de produtos e serviços que responde às necessidades de diferentes indústrias e clientes. A vasta oferta de serviços abrange as seguintes tarefas:

- Revisão geral e rebobinagem de motores elétricos e alternadores;
- Revisão geral de bombas, redutores, ventiladores e outros equipamentos rotativos;
- Manutenção de transformadores;
- Retrofit de equipamentos industriais;

- Revisão Geral de instalações industriais, centros produtores de energia e tratamento de águas;
- Montagem e desmontagem de instalações, equipamentos industriais e estações de tratamento de águas;
- Fabrico e mecanização de peças;
- Automação industrial;
- Instalações elétricas;
- Comercialização de equipamentos industriais e de energia.

Paralelamente, o setor ferroviário é um dos grandes focos da Maintphi, que trabalha em parceria com vários operadores, identificando as suas dificuldades, criando e propondo soluções específicas. “Atualmente





estamos a trabalhar em parceria com os operadores para desenvolver soluções para recuperação de motores elétricos, antes considerados económica e tecnicamente irre recuperáveis”, salienta Hélder Mendonça.

Foco no cliente, portfólio de produtos e serviços, qualidade, disponibilidade e competência: os grandes pilares distintivos da Maintphi

Além do portfólio, a Maintphi tem uma missão clara e definida, que guia todas as suas atividades e que são o garante de qualidade, rigor e excelência em cada serviço levado a cabo, tal como

explica Hélder Mendonça. “Importa gerar valor para a empresa, proporcionando a rentabilidade pretendida dos capitais investidos; aumentar a eficiência e competitividade dos nossos clientes, por otimização de custos, valor e desempenho dos seus ativos; e ser uma empresa atraente para os colaboradores, capaz de lhes proporcionar realização, harmonia e segurança. Para além disso, através de um comportamento ético, contribuir para o desenvolvimento sustentado do tecido empresarial português, assumindo também como nossa a responsabilidade de contribuir para um futuro ambientalmente mais são.”

Os valores da empresa são igualmente centrais na forma como a Maintphi opera e se posiciona no mercado. Neste sentido, Hélder Mendonça reforça que a Maintphi “entende a qualidade como um fator crítico de sucesso e, como tal, é assumida internamente por todos, sendo um objetivo de melhoria contínua.” Paralelamente, toda a equipa encontra-se imbuída num espírito de compromisso para com os requisitos legais, dos clientes e do Sistema de Gestão da Qualidade, “informando e capacitando todos os colaboradores da empresa para que desempenhem perfeitamente as suas funções e melhorando continuamente a qualidade dos seus processos através






da monitorização, estabelecimento de objetivos, indicadores e planos de ação”.

O reconhecimento da Maintphi através de prémios e certificações não é apenas um marco simbólico, mas uma confirmação concreta do compromisso da empresa com a qualidade, a excelência operacional e a satisfação do cliente. Ao longo dos anos, estas distinções tornaram-se indicadores do desempenho da empresa e da confiança que o mercado deposita nas suas soluções. A título de exemplo, em 2022, a empresa foi distinguida como o top 5% de melhores PME em Portugal. O Diretor-Geral da Maintphi, sublinha a importância destes reconhecimentos: “A conquista de prémios

e várias qualificações pela Maintphi significa que estamos a trabalhar no sentido de atingir os nossos objetivos de aumentar a eficiência e competitividade dos nossos clientes. Criamos uma marca reconhecida pelo mercado, como uma Unidade de Manutenção e Gestão de Ativos Industriais de Energia e do sector das Águas e um Parceiro de elevada qualidade e inegável valor acrescentado. Naturalmente que no dia a dia são uma motivação para continuarmos focados no cliente”.

O futuro é uma página em branco pronta para ser preenchida com novos desafios, conquistas e oportunidades de crescimento sustentável. A Maintphi olha

para os próximos anos com objetivos claros e ambiciosos, sempre centrada nas necessidades dos seus clientes e na criação de valor real, tal como explica Hélder Mendonça: “Continuar a crescer de forma sustentada, focados nos nossos clientes”.” 

MAINTPHI

www.maintphi.com



CIBERSEGURANÇA



“A preparação do ciberespaço para a incerteza só é possível com a colaboração de todos. Por isso, é preciso confiança. A geração de confiança ocorre através da capacitação das organizações e do reconhecimento social dessa capacitação. O cumprimento da regulamentação, a formação de recursos humanos e a certificação formam um triângulo virtuoso para esta geração de confiança, na medida em que criam capacidades e mecanismos para a sua validação pela sociedade. É neste sentido que o Centro Nacional de Cibersegurança tem trabalhado. Por mais difícil que seja controlar o futuro, é pelo menos possível reforçar o presente.”

Lino Santos, Coordenador do Centro Nacional de Cibersegurança (CNCS)



“O Panorama das Ameaças da ENISA fornece informações valiosas que permitem uma tomada de decisões informada e a definição de prioridades para salvaguardar as infraestruturas críticas e garantir a segurança do futuro digital.”

Juhan Lepassaar, Diretor da Agência da União Europeia para a Cibersegurança (ENISA)
Fonte: Big News Network.com



"O ESCUDO INVISÍVEL DAS EMPRESAS PORTUGUESAS"

Vivemos numa era em que a digitalização deixou de ser uma opção, é hoje uma condição de sobrevivência empresarial. A pandemia acelerou a transição, a cloud tornou-se inevitável e a inteligência artificial ganhou relevância. No entanto, torna-se importante ressaltar, o mesmo movimento exponencial, que abre hoje novas avenidas de inovação e competitividade, também expõe vulnerabilidades inéditas. É neste contexto que surgem as preocupações relacionadas com a cibersegurança, um tema tão atual quanto complexo, mas absolutamente vital para a continuidade das empresas portuguesas.

Durante demasiado tempo, muitos líderes entendiam a segurança digital como uma preocupação exclusivamente técnica, demasiadas vezes vista como um capricho, era considerada um custo, sendo ano após ano constantemente adiada. Actualmente, esse pensamento é, um claro risco existencial para qualquer organização. Sabe-se que um ataque pode nascer de um comportamento negligente, de uma credencial exposta, por quem não tem a noção do risco, ou pela fragilidade de uma entidade parte integrante da cadeia de fornecedores, de uma organização mais complexa. Começa a surgir uma consciência coletiva incitando uma mudança, claramente já em curso, na nossa sociedade, onde a cibersegurança já surge como parte integrante da estratégia de inúmeras organizações.

É, no entanto, importante alinhar expectativas, uma estratégia de cibersegurança constrói-se com tempo, visão e cultura. Cultura de cibersegurança desde a origem, onde os processos nascem já protegidos. Cultura de responsabilidade partilhada, em que cada colaborador sabe que também é guardião da informação. Cultura de liderança, em que o CEO e a administração entendem que a cibersegurança não é um custo, mas um investimento estrutural. Também o Estado tem aqui uma função crítica: criar políticas eficazes, incentivar a adopção de boas práticas, apoiar especialmente as PME e garantir um ecossistema de cooperação e partilha. Só assim Portugal poderá reforçar a sua resiliência colectiva, num mundo onde a interdependência é tão perigosa quanto inevitável.

É hoje entendido que, em poucas horas, uma organização atacada pode perder o seu ativo mais valioso a sua reputação e, em casos extremos, a própria viabilidade do negócio. Nesse sentido, não nos poderemos esquecer que a cibersegurança não é um luxo, nem um extra; é o chapéu de uma infraestrutura invisível que sustenta a confiança, a inovação e o futuro da nossa sociedade.

Miguel Gonçalves, Presidente da Associação Portuguesa para a Promoção da Segurança da Informação (AP2SI)



AP2SI

DIGITALSKILLS®

Uma Década de Coragem, Inovação e Proteção

Dez anos. Uma década que começou com um sonho ousado, em 28 de setembro de 2015, quando a DigitalSkills nasceu no coração do Projeto MNCD E&T da NATO. Naquele momento, lançar o primeiro curso técnico-profissional de cibersegurança em Portugal, com uma academia reconhecida, foi mais do que um marco — foi um compromisso com um futuro mais seguro. Quem viu esse início sabe: havia uma chama, uma visão de estar sempre um passo à frente, e ela nunca se apagou.



A DigitalSkills não acompanhou apenas a transformação digital de Portugal; ela moldou-a. Quando o mundo enfrentou crises como a pandemia ou conflitos globais, e os ciberataques cresceram em setores como saúde e finanças, a empresa já estava lá, antecipando soluções. Adotou o *Zero Trust* antes de ser tendência, adaptou-se ao QNRC e ao QACC, trazendo o melhor do mundo para Portugal. Sempre em sintonia com as diretrizes do CNCS e do CERT. PT, guiou empresas com rigor, da gestão de riscos à conformidade com a Diretiva NIS2 e o Regulamento DORA.

Mudámos a nossa sede do centro de Lisboa para o Concelho de Oeiras, mas o verdadeiro coração da DigitalSkills continuou a pulsar na sua inovação e parcerias. De uma semente de formação, crescemos para ser referência em consultoria, auditoria e resposta a incidentes. A nossa rede de distribuição, com parceiros como Capgemini, Foren, Get Consulting, InnoTech, Inspiring Solutions e Uon Solutions, entregou a Portugal tecnologias de ponta como Horizon3.ai (pentesting autónomo), Gypol/Remedio (segurança de endpoints), Orca Security (proteção cloud sem agentes),

Nucleon (EDR/EPP), Cyrebro (SOC) e Fudo Security (PAM - gestão de acessos privilegiados), entre outras soluções adaptadas às necessidades locais.

E então veio a CyberHawk, uma criação própria que monitoriza a *dark web* e protege dados nacionais, como domínios .pt, com um olhar atento ao contexto de

Portugal. É mais do que uma ferramenta; é um símbolo de dedicação ao país.

Quem acompanhou esta jornada viu sacrifícios, noites longas, ideias que pareciam impossíveis ganharem vida. Cada solução implementada, cada cliente protegido, cada inovação lançada carrega o orgulho de uma equipa que nunca parou de acreditar. Olhar para trás é ver uma década de coragem. Olhar para a frente é imaginar um Portugal digital seguro, com a DigitalSkills liderando o caminho, pronta para os desafios da *cloud*, da IA e da computação quântica.

A nossa força está na nossa equipa dedicada e próxima dos clientes, que enfrenta adversidades com resiliência. A nossa colaboração e compromisso transformam desafios em conquistas. Agradecemos profundamente a todos os que, com determinação, tornam possível a nossa visão de um futuro seguro e inovador.

Dez anos depois, a chama inicial brilha mais forte. A DigitalSkills não é apenas uma empresa; é a prova de que visão, trabalho e paixão podem transformar um país. Que venha a próxima década, com a mesma coragem de sempre. 🇵🇹



QUEREMOS FESTEJAR O NOSSO 10º ANIVERSÁRIO CONSIGO!
TESTE, GRATUITAMENTE, A NOSSA SOLUÇÃO CYBERHAWK E DESCUBRA SE
OS DADOS DO SEU NEGÓCIO ESTÃO NA DARKWEB.



DIGITALSKILLS®

CYBERSECURITY SOLUTIONS
OFFICIAL DISTRIBUTOR IN PORTUGAL

info@digitalskills.pt



Qualquer hora é crítica.

Proteja o seu negócio
com **MDR** da ActiveSys



A solução de MDR da ActiveSys combina tecnologia avançada com uma **equipa especializada em cibersegurança para monitorizar, detetar e responder a ameaças em tempo real**. Com uma abordagem proativa, garantimos a proteção contínua dos seus sistemas, minimizando riscos e assegurando a continuidade do negócio.

Ao adotar o MDR da ActiveSys, beneficia de uma defesa 24/7, resposta imediata a incidentes, redução do tempo de deteção e mitigação de ameaças, sem necessidade de investir em equipas internas. **É a forma mais eficaz e acessível de reforçar a sua postura de segurança digital.**

Não perca tempo!
Fale connosco:

 geral@activesys.pt

 **ActiveSys**
We activate your business

Q.SAFEIT



Cibersegurança simples para empresas que não podem parar.

Detete, previna e recupere em tempo real com uma solução tudo-em-um, desenvolvida pela Quantinfor.

O **Q.SafeIT** é a garantia de uma infraestrutura digital sólida, segura e preparada para o futuro.

▶ **SEGURANÇA**

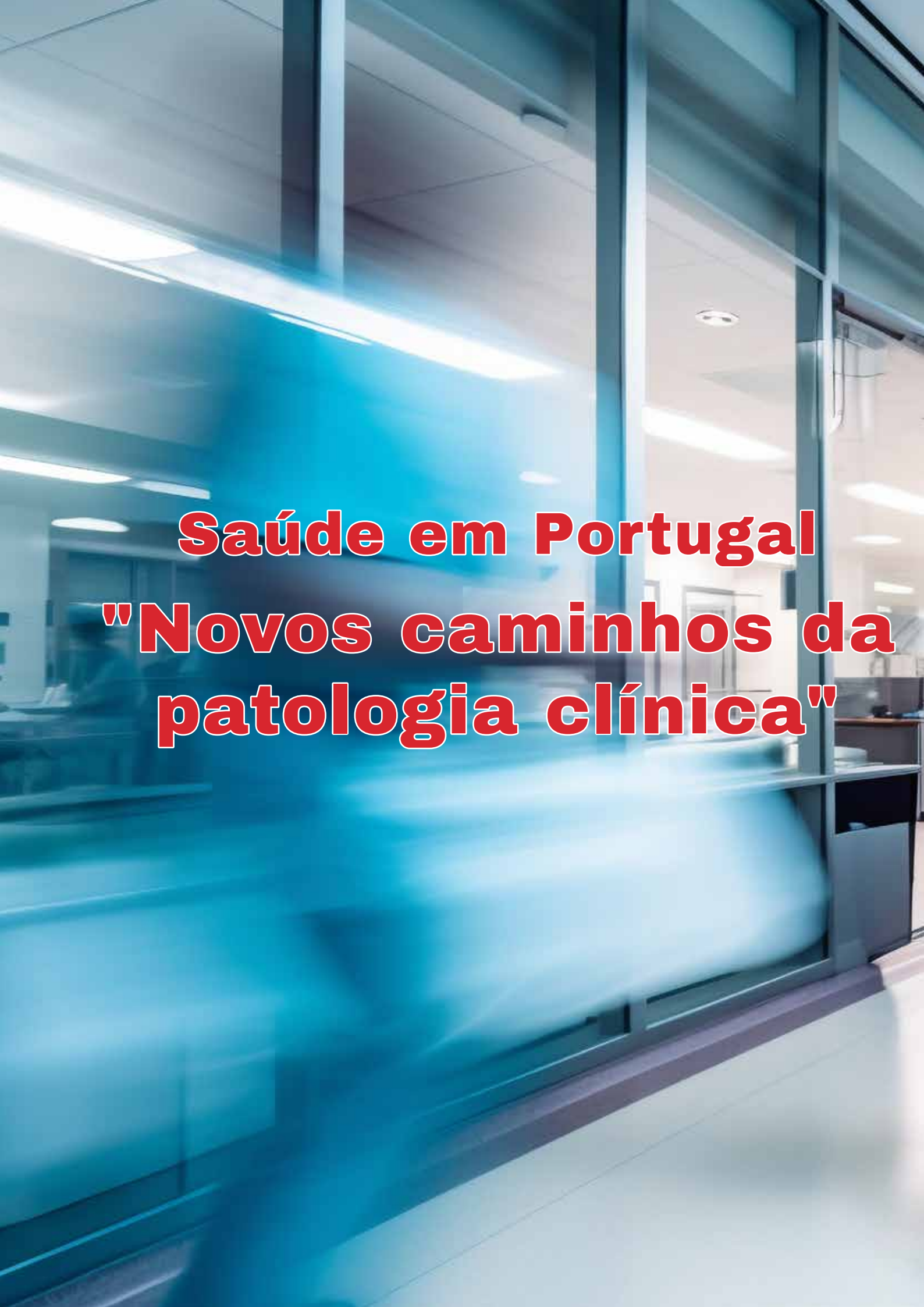
▶ **RECUPERAÇÃO DE DADOS**

▶ **FORMAÇÃO EM CIBERSEGURANÇA**

▶ **MONITORIZAÇÃO**



www.qsafeit.com | ola@qsafeit.com



Saúde em Portugal
"Novos caminhos da
patologia clínica"

Patologia Clínica: O Agente Silencioso na Prestação dos Cuidados de Saúde

No universo da saúde, existem áreas que, apesar de vitais, permanecem nos bastidores, longe da atenção do público e, por vezes, até de outros profissionais de saúde. A Patologia Clínica, também conhecida como Medicina Laboratorial, é uma dessas áreas — o agente silencioso que sustenta e orienta grande parte das decisões médicas, impactando de forma discreta, mas decisiva, a vida dos doentes. Estima-se que cerca de 70% das decisões clínicas sejam suportadas por resultados laboratoriais.

Trata-se de uma especialidade médica dedicada ao estudo, prevenção, diagnóstico e monitorização de doenças através da análise em laboratório de amostras de origem humana.

Os laboratórios clínicos, com técnicas cada vez mais avançadas e precisas, fornecem informações que permitem aos clínicos tomar decisões informadas sobre o diagnóstico, o prognóstico e o tratamento dos seus doentes. Contribuem, com os seus resultados, para a deteção de patologias, a orientação das escolhas terapêuticas e a avaliação da resposta ao tratamento.

Como o diagnóstico precoce é a chave para o sucesso terapêutico em muitas doenças, a contribuição do laboratório clínico para alcançar esse objetivo torna-se cada vez mais essencial — algo que a última pandemia demonstrou e evidenciou de forma clara. A informação produzida permite intervenções mais rápidas e eficazes, aumentando as probabilidades de recuperação e reduzindo os custos associados a tratamentos tardios ou a morbilidades permanentes.

Na área da prevenção, programas de rastreio populacional baseados em exames laboratoriais — como os de colesterol, glicose ou deteção de infeções — desempenham um papel essencial na promoção da saúde pública.

O laboratório clínico tem evoluído de mãos dadas com a tecnologia. A automação laboratorial, a análise molecular e os testes de biologia molecular são exemplos de inovações que revolucionaram a rapidez, sensibilidade e precisão dos resultados. Estes avanços possibilitam diagnósticos mais sensíveis e específicos, contribuindo para o desenvolvimento da medicina personalizada e para uma abordagem cada vez mais preventiva e preditiva.

Apesar desta sua relevância, a Patologia Clínica é frequentemente subvalorizada, sendo vista apenas como um serviço de apoio e não como parte integrante e fundamental do processo assistencial. Essa falta de visibilidade tem, muitas vezes, levado ao subfinanciamento, à escassez de profissionais e à desvalorização do seu impacto.

A Patologia Clínica é, sem dúvida, o agente silencioso na prestação de cuidados de saúde. Mas não podemos confundir silêncio com a importância do seu contributo indispensável para a segurança, a eficácia e a qualidade dos serviços médicos.

Reconhecer e valorizar esta especialidade é um passo essencial para garantir sistemas de saúde mais eficientes, humanos e preparados para os desafios do futuro.

Manuel Carvalho, Diretor Médico de Patologia Clínica



A Patologia Clínica em Perspetiva



Patologia Clínica: a Medicina Interna dos Meios Complementares de Diagnóstico

Pouco visível para o público, mas imprescindível para a saúde de todos, a Patologia Clínica é a especialidade que transforma análises clínicas em diagnósticos, orienta tratamentos

e salva vidas!

Estima-se que 70 a 80% das decisões médicas se baseiem em resultados laboratoriais — e é o médico patologista clínico quem garante que estes dados são rigorosos, interpretados no contexto certo e comunicados aos colegas de outras especialidades.

O Patologista Clínico não se limita a entregar resultados. É um médico com visão global, que interpreta exames à luz da história clínica do doente, contribuindo diretamente para diagnósticos e decisões terapêuticas. A sua consultoria é transversal a todas as áreas médicas, fazendo desta especialidade a “Medicina Interna” dos meios complementares de diagnóstico.

A Sociedade Portuguesa de Patologia Clínica (SPPC) é hoje pilar da especialidade em Portugal. Nos últimos 8 anos reforçou a formação pós-graduada, a representação e a cooperação nacional e internacional através de:

- Webinars e formações anuais em áreas-chave como Química Clínica, Hematologia, Genética, Microbiologia e Imunologia;
- Congresso nacional com especialistas nacionais e internacionais de referência, conferências e cursos práticos de elevado nível científico;
- Publicação bimensal da revista científica Medicina Laboratorial, um espaço de referência para divulgação do “estado da arte” incluindo investigação, boas práticas na área e artigos científicos;
- Apoio ao Núcleo de Internos de Patologia Clínica, promovendo a integração dos jovens médicos na vida científica e institucional da especialidade;
- Atribuição da Bolsa de Formação Prof. Doutor Germano de Sousa, um incentivo financeiro à formação avançada e/ou investigação para internos e recém-especialistas;
- Patrocínio científico de congressos e ações formativas em Portugal e no estrangeiro;
- Parcerias estratégicas com sociedades nacionais e internacionais, colocando a Patologia Clínica portuguesa no mapa global.

Graças ao trabalho da SPPC, a especialidade ganhou voz, espaço e projeção — e, mais importante, garantiu que médicos especialistas e internos tenham acesso a formação de excelência. O avanço da medicina personalizada, da biologia molecular e da inteligência artificial abre novas oportunidades e desafios para a Patologia Clínica. A SPPC está já a preparar terreno para que os profissionais da especialidade possam liderar esta revolução médica, mantendo a ciência como guia e o doente como foco.

*Helena Brízido, MD
Presidente da SPPC*

*Médica Especialista em Patologia
Clínica ULS Viseu Dão-Lafões*

Membro da Direção do Colégio de Patologia Clínica da OM



A Ordem dos Médicos tem como missão essencial garantir a qualidade do exercício da medicina em Portugal, promovendo a defesa do Ato Médico, a formação contínua, a ética, a independência técnica dos médicos e a liderança nos serviços, centros de saúde, laboratórios e unidades clínicas. No quotidiano, este compromisso concretiza-se através

da defesa das competências próprias dos médicos, da supervisão da formação, da regulação da profissão e da promoção de uma medicina centrada na pessoa. Neste quadro, o médico patologista clínico assume um papel essencial.

Enquanto Bastonário, identifiquei três grandes desafios estruturais: a escassez de médicos no SNS, aliada à degradação contínua das suas condições de trabalho; a necessidade de uma reorganização profunda dos serviços, assente em modelos de gestão clínica com verdadeira autonomia; e a urgência de recentrar as políticas públicas na pessoa, utentes e profissionais de saúde, combatendo a burocracia excessiva e valorizando a relação médico-doente como pilar de um sistema de saúde verdadeiramente humanizado.

*Carlos Cortes, Bastonário da Ordem dos Médicos
Médico Especialista em Patologia Clínica*



O paradigma Anátomo-Clínico que predominou até meados do século XX na Medicina, modificou-se gradualmente com o evoluir da investigação laboratorial que construiu e integrou o paradigma Clínico-Laboratorial, fazendo sentido pensar num futuro que, no meu entender, já começou, no qual o laboratório é central e se imporá inevitavelmente junto do doente agudo ou crónico como o modelo mais eficaz em resultados diagnósticos e terapêuticos para a pessoa doente. Obviamente, a importância fulcral do Clínico-Assistente em nada será diminuída, mas este terá uma informação profunda sobre a fisiopatologia e etiopatogenia do mal que afeta o seu doente e disporá de ferramentas que lhe permitirão terapias mais informadas e personalizadas.

O veículo natural dessa informação é o Patologista Clínico. A Patologia Clínica é uma especialidade que resulta de um cruzar constante de conhecimentos tecnológicos sólidos e em constante evolução, com um pensamento formado no aprofundar da fisiopatologia e nas novas aquisições da patologia molecular, nunca esquecendo que é médico e que o doente é a sua primeira preocupação. Assim, a sua postura é colaborar total e eficientemente na busca de um diagnóstico, de um prognóstico ou de uma via terapêutica que melhor sirvam os interesses do doente, tendo também em conta as decisões do colega Clínico que assiste esse doente.

*Germano de Sousa, MD, PhD
Médico Especialista em Patologia Clínica
Administrador do Grupo Germano de Sousa*



O Colégio de Patologia Clínica (PC) da Ordem dos Médicos (OM) é o garante da qualidade da Medicina da PC. Promove padrões de qualidade, define a estratégia para o futuro, defendendo e valorizando a especialidade, e representa os Médicos PC. Realiza

visitas de verificação de idoneidade a

Serviços de PC, emite normas sobre questões técnicas, regula a formação, entre outras atividades.

A direção do Colégio de PC assumiu uma estratégia de diferenciação da especialidade. Elaborámos o novo Programa de formação do Internato Médico de PC, que passa a especialidade de 4 para 5 anos, incorporando as mais recentes evoluções da PC e permitindo uma maior diferenciação.

Defendemos a consulta de PC, a consultoria Médica, a participação em grupos multidisciplinares médicos e uma aposta na capacitação em gestão e liderança. Elaborámos a proposta de novos critérios de idoneidade formativa, novo inquérito de caracterização de serviços, nova grelha da prova final e o documento da atividade do Médico PC.

Participámos na atualização da tabela de PC da OM, na criação do ForTem e do programa da competência CIURA. Elaboramos, anualmente, a lista de capacidades formativas da PC e participamos em diversos grupos de trabalho e em reuniões da UEMS. Estamos a desenvolver o Logbook da PC e o modelo de Censos da PC. Temos tido uma postura de aproximação aos Serviços de PC, em que nos colocamos como seus parceiros. Promovemos reuniões com Conselhos de Administração para valorizar e diferenciar a PC. Sugerimos a realização de Seminários dirigidos para alunos das Faculdades de Medicina como forma de divulgação da PC. Propusemos a criação do Dia do Médico Patologista Clínico para dia 7 de outubro de cada ano, como forma de reconhecer o papel essencial dos Patologistas Clínicos no sistema de saúde e para celebrar a

sua dedicação e os seus esforços na prestação de cuidados de saúde de qualidade.

As exigências estão a mudar e as necessidades dos doentes requerem melhores resultados. A população está envelhecida, há uma carga crescente das doenças crónicas e os doentes requerem cuidados mais individualizados. A carga de doença está a mudar para doenças não transmissíveis e até 2035, estima-se que cerca de 50% da carga global de doença será nas áreas das Doenças Cardiovasculares-metabólicas, Oncologia e Neurologia.

Há uma complexidade crescente dos sistemas de saúde e um aumento exponencial de dados de saúde. A inteligência artificial desempenhará um papel importante. Nos cuidados de saúde, os recursos, humanos e materiais, continuam sobre pressão, levando a incentivos por resultados em saúde em vez de volume de produção. Mais do que nunca, os cuidados devem ser prestados de forma eficiente.

O valor do Médico Patologista Clínico neste contexto é inestimável, desempenhando um papel crucial na gestão de desafios de saúde. O diagnóstico in vitro contribui em cerca de 70% dos casos para a tomada de decisão clínica. O Médico PC presta cuidados nas áreas de promoção de saúde e prevenção da doença, rastreio, diagnóstico, prognóstico, terapêutica e monitorização. A ação do Médico Patologista Clínico, para além do papel fulcral no diagnóstico, ajuda a reduzir o número e duração das hospitalizações, introduzir estratégias de tratamento direcionadas e melhorar a gestão dos doentes crónicos, entre outros.

Estamos empenhados na busca de um melhor estado de saúde para os nossos concidadãos.

*João Mariano Pego, Presidente do Colégio de Patologia Clínica da Ordem dos Médicos
Membro da Direção da SPPC
Médico Especialista em Patologia Clínica na ULS de Coimbra
Competência em Gestão dos Serviços de Saúde pela Ordem dos Médicos*



No meu trabalho como patologista clínico na área da hematologia laboratorial, sinto diariamente a diferença que a nossa intervenção faz no processo diagnóstico. O que fazemos vai muito além de descrever células ou lançar números: é integrar morfologia,

química, imunologia, microbiologia e

clínica numa leitura única, sustentada pelo raciocínio médico. Os outros profissionais de laboratório desempenham um papel fundamental no funcionamento técnico dos Serviços de Patologia Clínica, mas cabe-nos a nós assumirmos a responsabilidade de relacionar achados laboratoriais com a história do doente, garantindo que o resultado final não seja apenas um dado isolado. Muitas vezes somos chamados

a lançar diagnósticos urgentes e emergentes, como uma leucemia aguda ou uma microangiopatia trombótica, em que cada hora conta no desfecho clínico. Nestes momentos, a clareza e a assertividade do relatório citomorfológico não são uma mera formalidade: são o suporte de confiança que permite ao colega assistente clínico avançar sem hesitações. Do sangue periférico ao aspirado medular, de uma morfologia aparentemente simples a uma imunofenotipagem mais complexa, o nosso papel é interpretar, integrar e comunicar com rigor. É transformar dados das ciências básicas em decisão clínica. É esta responsabilidade, silenciosa, mas decisiva, que faz da patologia clínica um alicerce indispensável da medicina moderna.

*Samuel Rodrigues, Médico Especialista em Patologia Clínica
ULSAR / GGS*



Foi no primeiro Serviço de Imunologia criado em Portugal que desenvolvi o percurso mais marcante da minha carreira como Patologista Clínica. Uma estrutura pioneira e altamente qualificada, onde o papel do médico Patologista Clínico sempre foi considerado essencial para a qualidade dos cuidados prestados ao doente.

A atividade laboratorial exige conhecimentos médicos sólidos e o diálogo constante com outras especialidades, atitude que sempre foi cultivada como valor essencial neste Serviço. A abordagem integrada e centrada no doente, segundo a qual a orientação dos estudos e a interpretação dos resultados laboratoriais pelo médico Patologista Clínico, fundamentados no processo individual do doente, beneficia todos os intervenientes e promove decisões médicas mais seguras e personalizadas.

Compreendi a amplitude da Patologia Clínica e os seus domínios de conhecimento, a evolução digital e tecnológica que a caracterizam e as oportunidades formativas e científicas que oferece, assim como a sua posição privilegiada na interface entre as ciências básicas e a prática clínica, favorável à investigação aplicada e medicina de translação.

Continuo este percurso, convicta de que a Patologia Clínica representa um desafio, de elevado potencial para todos os que optam por esta profissão e que será uma das ciências médicas com papel cada vez mais relevante na medicina no futuro.

Esmeralda Neves, Médica Especialista em Patologia Clínica Especialista em Imunologia Diretora do Serviço de Imunologia da Unidade Local de Saúde de Santo António



Após 5 anos dedicados à Hematologia, foi-me proposto um novo papel na Biologia Molecular, área a que me dedico desde 2009. O grande desafio que senti aquando desta mudança foi o estudo do genoma viral.

É este um dos entusiasmos da Patologia Clínica, poder assistir ao longo dos anos ao forte desenvolvimento

técnico-científico, como o estudo Genotípico e Resistências ao VIH-1, agora realizado por Sequenciação de Nova Geração, ou quando assistimos à revolução da Hepatite C crónica, com forte impacto laboratorial.

É ainda o desafio de, num futuro próximo, começarmos a disponibilizar um teste urinário molecular não invasivo para a deteção de alterações epigenéticas associadas ao carcinoma urotelial, complementando ou substituindo procedimentos invasivos em determinados contextos clínicos.

No entanto, a grande alegria da Patologia Clínica é sabermos que o esforço da equipa permite obter um diagnóstico rápido que nos permite atuar de forma antecipada, com grande impacto para a probabilidade de sucesso da terapêutica. É o sentimento gratificante de alegria e dever cumprido da participação na recuperação da criança que dá entrada no hospital em estado crítico, é durante meses acompanhada sob o ponto de vista clínico-laboratorial, e passado mais de meio ano tem alta pelo seu próprio pé, com um grande sorriso de agradecimento.

É este um dos encantos da Patologia Clínica, o trabalho realizado em permanente diálogo e colaboração com todas as especialidades, e com grande impacto para a saúde e bem-estar dos muitos utentes que colocam em nós a sua confiança.

Guilhermina Gaião Marques, Assistente Hospitalar Graduada – Serviço de Patologia Clínica Responsável Laboratório de Biologia Molecular e Laboratório de Hematologia Coordenadora da Equipa da Qualidade do SPC



Sabia que, para além do seu médico assistente, existe outro médico atento aos seus resultados analíticos?

A Patologia Clínica é uma especialidade médica que abrange a Hematologia, a Química Clínica, a Imunologia, a

Microbiologia e a Patologia Genética e Molecular. Pela sua natureza multidisciplinar, requer formação avançada e atualização contínua, permitindo uma visão integrada que alia conhecimento laboratorial à prática clínica, reforçando o papel do laboratório na prevenção, diagnóstico, tratamento e monitorização, bem como na decisão clínica subjacente.

O médico patologista clínico atua na interface entre a clínica e o laboratório: define as metodologias e os painéis de provas analíticas disponíveis, assegura rigorosos requisitos de qualidade e presta consultoria especializada sobre a prescrição e a interpretação crítica dos resultados.

Integra ainda equipas multidisciplinares, colaborando no controlo de infeções, no uso racional dos antibióticos, na definição de estratégias terapêuticas seguras e na promoção de boas práticas clínicas. Esta intervenção traduz-se num contributo essencial para a saúde pública.

Ciência, inovação, qualidade e segurança não são meras palavras associadas à Patologia Clínica: são compromissos diários de um médico presente no laboratório, que trabalha todos os dias para cuidar da sua saúde.

Sandra Paulo, Assistente Hospitalar de Patologia Clínica Responsável do Serviço de Patologia Clínica da ULS Castelo Branco



A escolha por Medicina é baseada na ajuda ao próximo, curiosidade e compaixão, e reflete um profundo compromisso com o bem-estar dos outros. Os anos dedicados à prática clínica e ao contacto direto com o doente são aquilo para o qual fomos formados.

Em 1991, optei pela especialidade de Patologia Clínica movida pela convicção profunda de que, após a licenciatura em Medicina, seria fundamental adquirir um conjunto alargado de competências que permitissem estabelecer uma ponte sólida de confiança e colaboração entre esta e as demais especialidades médicas. Desde o início, o meu conhecimento dos algoritmos clínicos foi o alicerce que sustentou todo o meu percurso nesta área, permitindo uma abordagem rigorosa e integrada ao diagnóstico e tratamento dos doentes.

A minha escolha foi a mais estranha, mas a que mais se entranha. Médica gostar da área mais técnica da especialidade? Como assim. Mas é verdade, foi a Química Clínica que mais me seduziu. Reações, enzimas cinéticas, calibradores, controlos de

qualidade, estudos comparativos, teste t de student, correlação linear, desvio padrão, mediana, intervalo de confiança, enfim, conceitos matemáticos, de probabilidade e química. Novos biomarcadores de doença aguda, degenerativa, monitorização de doença crónica, prognóstico. Estar por trás do doente, a criar valor dos resultados imediatos, no serviço de urgência ou no internamento, na consulta ou no bloco. Amo profundamente o que faço, fui uma privilegiada por ter escolhido uma formação tão rica, tão humanizada e simultaneamente tão técnica.

Hoje, como Assistente Graduada Sénior, entendo que a Patologia Clínica se posiciona num patamar estratégico de consultoria e diálogo, integrando a relação direta com o doente, a consultoria especializada entre pares e o ato médico de consulta com o paciente. A liderança do serviço laboratorial, aliada a um compromisso inabalável com a ética e a governance, são essenciais na prática clínica diária. É por tudo isto que, desde 1991, escolhi com orgulho e convicção esta especialidade médica, que me permite contribuir de forma decisiva para a saúde e bem-estar dos doentes.

*Helena Ferreira da Silva, Médica
Especialista em Patologia Clínica
Helena Florisa*

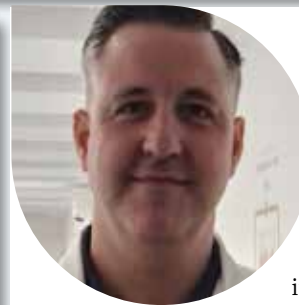


A formação de um médico é um caminho longo, feito de estudo, dedicação e de uma profunda construção ética. Esse percurso molda-nos para uma responsabilidade maior: cuidar de vidas. O Médico Patologista Clínico faz uma formação longa e exigente, tanto durante os 6 anos da licenciatura em Medicina, como nos 2 anos de Internato geral (ou nos dias de hoje o ano comum) e finalmente com os 4 anos de Internato da Especialidade.

Cada etapa deste percurso contribui para consolidar a responsabilidade maior de quem escolhe esta profissão: colocar a ciência ao serviço da vida humana. No caso do patologista clínico, essa missão traduz-se num trabalho muitas vezes invisível para o doente, mas decisivo no seu percurso. Somos os médicos do laboratório, aqueles que transformam números, imagens e marcadores biológicos em informação clínica útil. Hoje, a evolução tecnológica permite-nos identificar alterações moleculares antes mesmo de surgirem sintomas, possibilitando uma intervenção precoce e personalizada.

Recordo, por exemplo, situações em que a deteção atempada de um marcador alterou totalmente a estratégia terapêutica, oferecendo ao doente mais tempo e qualidade de vida. O nosso papel é ser mediador: ajudamos o clínico a escolher os exames certos e a interpretar resultados complexos, evitando desperdícios e acelerando decisões. Essa ponte entre laboratório e a clínica só é possível graças à formação transversal que recebemos e ao compromisso ético de colocar sempre o doente no centro. No fim, cada resultado validado é mais do que um dado laboratorial — é um passo concreto para um diagnóstico mais rápido, um tratamento mais eficaz e, muitas vezes, uma esperança renovada.

*Maria José Rego de Sousa, MD, PhD
Médica Especialista em Patologia Clínica
Vice-Presidente da SPPC
Professora Auxiliar Convidada, FCM-NMS e FM-UCP
Administradora do Grupo Germano de Sousa*



O Médico Patologista Clínico, no Laboratório de Microbiologia, desempenha um papel central na prevenção, diagnóstico e tratamento das doenças infecciosas. Para além de identificar microrganismos

como bactérias, vírus, fungos e parasitas, assume também um papel determinante na decisão terapêutica. Participa ativamente na escolha do antimicrobiano mais adequado para cada situação clínica, assegurando maior eficácia no tratamento, o uso racional dos antibióticos e contribuindo de forma decisiva para o combate à resistência microbiana — um dos maiores desafios da medicina contemporânea.

Outro aspeto essencial do trabalho do Médico Microbiologista é a sua atuação na vigilância epidemiológica e no controlo de infeções hospitalares. Participa ativamente na monitorização de surtos, na elaboração de protocolos e na implementação de medidas preventivas que visam reduzir a transmissão de microrganismos em contexto hospitalar. Assim, o Médico Microbiologista não apenas intervém no cuidado direto ao doente, mas também desempenha um papel estratégico na saúde pública, garantindo maior segurança e eficácia na luta contra as doenças infecciosas.

*Luís Nogueira Martins, Médico
Especialista em Patologia Clínica
Subespecialista em Microbiologia Médica*

O Dia do Médico Patologista Clínico em Portugal celebrou-se este mês

Em Portugal, o Dia do Médico Patologista Clínico foi instituído a 7 de outubro, como uma data dedicada a reconhecer e homenagear o papel fundamental destes profissionais na medicina laboratorial e no sistema de saúde. A iniciativa partiu da Ordem dos Médicos, que, ao longo dos anos, procurou valorizar as especialidades menos visíveis, mas essenciais ao diagnóstico e à prevenção de doenças.

A criação desta efeméride representa um marco importante na história da Pa-

tologia Clínica portuguesa. Durante décadas, os médicos patologistas clínicos trabalharam nos bastidores dos hospitais e laboratórios, analisando amostras biológicas e produzindo informações vitais para o diagnóstico médico.

Com a instituição do Dia do Médico Patologista Clínico, passou-se a celebrar não apenas a profissão, mas também a evolução científica e tecnológica que transformou a prática médica. A data recorda o percurso de gerações de profissionais

que, com rigor, ética e dedicação, sustentam a confiança dos clínicos e dos doentes nos resultados laboratoriais.

Assim, a cada 7 de outubro, assinalar-se em Portugal o compromisso de uma especialidade que, mesmo longe dos holofotes, está sempre no coração da medicina moderna.



A Importância da Patologia Clínica no Diagnóstico de Doenças

A Patologia Clínica, também conhecida como medicina laboratorial, é uma especialidade médica essencial para o diagnóstico, tratamento e prevenção de doenças. Embora muitas vezes os pacientes não tenham contacto direto com os patologistas clínicos, o trabalho destes profissionais é fundamental para a tomada de decisões médicas precisas.

Os médicos patologistas clínicos analisam sangue, urina, líquidos corporais e outros exames laboratoriais, fornecendo

informações detalhadas sobre o estado de saúde do paciente. Graças a estes resultados, os médicos conseguem diagnosticar doenças em fases iniciais, monitorizar a eficácia de tratamentos, identificar complicações e orientar estratégias de prevenção.

Além do impacto direto no cuidado ao paciente, a Patologia Clínica contribui significativamente para a segurança e qualidade dos serviços de saúde. O controlo rigoroso de resultados laboratoriais,

a padronização de exames e a investigação de novas técnicas garantem que decisões médicas sejam baseadas em dados confiáveis e atualizados.

Em suma, a Patologia Clínica é o pilar invisível da medicina moderna: sem o trabalho detalhado e especializado dos patologistas clínicos, o diagnóstico correto e o tratamento adequado de inúmeras doenças seriam muito mais difíceis, tornando esta especialidade indispensável para a saúde pública e individual.



“Na Unilabs, acreditamos que o futuro do diagnóstico combina ciência, tecnologia e empatia”

Com uma equipa altamente qualificada e tecnologia de última geração, a Unilabs tem vindo a afirmar-se como referência em Patologia Clínica em Portugal. Manuel Carvalho, responsável pela área, explica como o rigor científico, a inovação e a proximidade fazem da Unilabs um parceiro de confiança no diagnóstico.



Manuel Carvalho, Diretor Médico de Patologia Clínica

A Unilabs é reconhecida pela confiança nos diagnósticos. O que diferencia os laboratórios da Unilabs na área da Patologia Clínica em termos de rigor e qualidade?

Antes de mais, destacamos a nossa equipa, composta por profissionais de elevada qualificação científica e técnica, totalmente dedicados a prestar um serviço de excelência aos nossos clientes.

A concentração de recursos que implementámos permite-nos recorrer às mais avançadas tecnologias e disponibilizar um vasto leque de exames — desde os mais comuns na rotina laboratorial até aos mais diferenciados. Este compromisso traduz-se na eficácia da resposta que oferecemos: amplitude na oferta, qualidade nos resultados e rapidez no atendimento às solicitações. Graças a este trabalho contínuo, alcançámos a certificação de qualidade segundo a norma ISO 15189, sendo o laboratório português com o maior número de técnicas acreditadas por esta norma, bem como a certificação ISO 9001.

Presente em mais de 15 países e com um histórico de crescimento orgânico consistente em Portugal, a Unilabs é hoje um dos principais players europeus em diagnóstico integrado, com um portfólio que abrange Patologia Clínica, Anatomia Patológica, Cardiologia, Gastroenterologia,

Genética, Medicina Nuclear e Radiologia. Em Portugal, o investimento contínuo em tecnologia, investigação e desenvolvimento tem reforçado a posição da Unilabs como parceiro de confiança para médicos e pacientes, aliando ciência, inovação e proximidade humana. Para além do rigor científico, destacamos também a dimensão internacional. Integrar uma rede global de diagnóstico permite-nos partilhar conhecimento, boas práticas e tecnologia de ponta, assegurando padrões de qualidade homogêneos e constantemente atualizados.

A inovação é essencial para diagnósticos mais rápidos e precisos. Que tecnologias mais recentes a Unilabs introduziu para tornar a Patologia Clínica ainda mais eficaz?

Tendo consciência de que mais de 70% das decisões clínicas são suportadas por exames laboratoriais, procuramos continuamente aperfeiçoar os nossos métodos para alcançar a máxima eficácia — combinando rapidez e precisão.

Entre as tecnologias que utilizamos destacam-se: a citometria de fluxo desenvolvida para a triagem inicial de amostras de urina, que permite excluir uma possível infeção em menos de 12 horas, com elevada sensibilidade e especificidade, evitando desta forma terapêuticas antibióticas desnecessárias; a cromatografia líquida acoplada à espectrometria de massa em tandem, que possibilita uma alta sensibilidade e especificidade no estudo / doseamento de biomoléculas e fármacos; o estudo imunofenotípico de células por métodos de citometria de fluxo, aplicado na classificação celular — essencial no diagnóstico de, por exemplo, leucemias e linfomas; os métodos moleculares (estudos de ADN e ARN), utilizados no diagnóstico de doenças infecciosas, tumorais e genéticas; e a identificação de microorganismos por métodos de espectrometria de massa.

A inovação faz parte do ADN da Unilabs. Investimos de forma contínua

em investigação e desenvolvimento, integrando novas tecnologias em toda a cadeia de diagnóstico.


Para além dos resultados laboratoriais, de que forma a Unilabs procura estar próxima dos médicos e dos pacientes, garantindo clareza e apoio durante todo o processo?

Toda a nossa atividade de apoio à decisão clínica vai muito além da simples produção de resultados laboratoriais. Promovemos uma colaboração ativa com os profissionais de saúde, sugerindo o perfil analítico mais adequado a cada utente e complementando os estudos realizados com interpretações e comentários especializados. Desta forma, contribuímos para uma maior eficácia no diagnóstico, na avaliação do prognóstico e na monitorização terapêutica.

O nosso objetivo é garantir uma experiência integrada e humanizada, desde o primeiro contacto até à entrega dos resultados.

Quais são as principais apostas da Unilabs para o futuro da Patologia Clínica e como estas irão beneficiar a prevenção e o bem-estar dos pacientes?

A nossa principal aposta é acompanhar e participar ativamente no desenvolvimento científico desta área da Medicina, incorporando esses avanços em respostas cada vez mais adequadas às necessidades dos nossos clientes. Paralelamente, procuramos reforçar a nossa estrutura organizacional, promovendo uma relação mais próxima e um apoio mais efetivo a todos os que confiam nos nossos serviços.

O nosso objetivo é claro: continuar a ser o parceiro de diagnóstico integrado de referência em Portugal. Na Unilabs, acreditamos que o futuro do diagnóstico combina ciência, tecnologia e empatia. 

www.unilabs.pt

O Instituto de Anatomia Patológica e Patologia Molecular - História, Inovação e Futuro

O Instituto de Anatomia Patológica e Patologia Molecular (IAP-PM), sediado na Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra (FMUC) desde 1956, possui uma história muito rica que contou com a contribuição de muitos colaboradores e parceiros sob a direção de vários professores da FMUC, tendo, desde sempre, um compromisso com a inovação e prestação de serviços diferenciados e de alta qualidade.



Colaboradores do IAP-PM da FMUC

O IAP-PM diferencia-se dos demais pela dedicação da equipa, pela combinação do rigor científico, proximidade com a comunidade médica e aposta constante na inovação, de modo a acompanhar a evolução tecnológica. Uma das premissas deste Instituto é a valorização da qualidade, ética e cooperação, acreditando que é através de um trabalho conjunto e transparente que se poderá alcançar resultados capazes de fazerem a diferença.

Tem como principais desígnios o ensino pré e pós-graduado de Anatomia Patológica, englobando vários laboratórios que prestam serviços em diagnóstico anátomo-patológico e de patologia molecular à comunidade geral e científica e um museu.

Anatomia Patológica é a ciência que estuda e faz o diagnóstico das doenças permitindo a sua classificação com implicações prognósticas, na definição da estratégia de monitorização dos doentes, bem como na decisão terapêutica. O diagnóstico baseia-se em estudos macroscópicos, microscópicos, ultramicroscópicos e em várias técnicas de patologia molecular.

Ao longo dos anos, tem sido feito um investimento considerável na área da Patologia Molecular, uma vez que esta tem demonstrado

especial relevância na concretização do desígnio da Medicina de Precisão. Sendo assim, nos dias de hoje, disponibiliza diferentes técnicas de patologia molecular com impacto clínico, na investigação e inovação em ciência, como biomarcadores com importância diagnóstica e prognóstica,

com recurso a técnicas de sequenciação de nova geração (NGS), PCR em tempo real e FISH.

Atualmente, o IAP-PM tem foco especial na oncologia com ênfase no cancro do pulmão, cancro da mama e cancro da bexiga, três das neoplasias



Museu de Anatomia Patológica do IAP-PM da FMUC



Equipamento de sequenciação de nova geração

mais frequentemente diagnosticadas e com impacto socioeconómico relevante, mantendo o foco na missão de criar impacto positivo através da investigação, formação e do serviço à comunidade.

O Museu é um espaço fascinante que salvaguarda uma importante coleção de espécimes anatomopatológicos ligados ao estudo da Anatomia Patológica, alguns embebidos em líquido de preservação, outros desidratados e uma rara e ímpar coleção de modelos de cera criados por artistas plásticos da escola de Paris, em meados do século XIX.

A génese e o crescimento do Museu de Anatomia Patológica remonta à necessidade de acompanhar o estudo e formação médica, tendo sempre como princípio o desenvolvimento do conhecimento científico aplicado ao ensino em diferentes áreas do conhecimento das quais destacamos Medicina, Arquitetura, Artes, Antropologia, etc., para o qual contribuíram figuras proeminentes da Medicina em Portugal, tais como, os Professores Bissaya Barreto, Daniel de Matos, Ângelo da Fonseca, entre outros.

O Museu permanece um testemunho vivo da História da Medicina em Coimbra, guardando séculos de Ciência e conhecimento, trata-se de um património que exige agora novos meios para ser preservado e partilhado com as gerações futuras. Neste sentido, está em curso um

processo de reabilitação e modernização tecnológica e expositiva do Museu, através de uma inventariação extensa e de um estudo histórico, assim como atividades de conservação preventiva.


Projetando o futuro e assumindo a ambição de acompanhar as grandes mudanças tecnológicas com que hoje nos deparamos, dando resposta às necessidades clínicas emergentes e à investigação, a equipa tem desenvolvido novos projetos que integram ciência e tecnologia mantendo o rigor científico, aliando a inovação à História.

Neste contexto, o IAP-PM conduz atualmente projetos que demonstram a aptidão para a inovação, promovendo a modernização do Instituto em conjunto

com diversas Universidades e empresas de tecnologia de informação. Entre eles, destacam-se três projetos com financiamento europeu (impulsionado pela agenda HfPT (Health from Portugal) - PRR), nomeadamente, o desenvolvimento e implementação da plataforma Pathobox, um arquivo centralizado de imagens digitais de anatomia patológica, 100 % baseado na web, de fácil acesso, de baixo custo e requisitos mínimos que visa a transição digital com recurso a ferramentas digitais apoiadas em visão e Inteligência Artificial.

Outro projeto relevante é o desenvolvimento de um simulador virtual de macroscopia com impacto pedagógico no ensino pré e pós-graduado. Por fim, o projeto visa dinamizar ainda o Museu de Anatomia Patológica do IAP-PM, através da criação de conteúdos digitais interativos, bem como a digitalização 3D das peças museológicas no contexto do desenvolvimento de um Museu Virtual que possibilite visitas imersivas ao seu espólio. Assim continuamos a missão de manter a vitalidade e inovação no Museu a par com o IAP-PM.

Com um compromisso contínuo com a inovação e a preservação do seu legado histórico, o IAP-PM continua a desempenhar um papel fundamental na evolução da Medicina, unindo ciência, tecnologia e ensino em benefício da saúde e da sociedade.

O futuro do Instituto está, assim, alinhado com a missão de transformar e aprimorar a prática médica através da excelência e da colaboração interdisciplinar. 



Maquete digital do Museu Virtual

**Instituto de Anatomia Patológica e Patologia Molecular
Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra**

Rua Larga 3004-504 Coimbra

Diretor: Professor Doutor Vítor Sousa

Contactos: 239 857 762/5 • iap@fmed.uc.pt

O Outro Rosto da Saúde em Portugal



Misericórdias: proximidade que cria valor para a pessoa

As Misericórdias são uma das raízes vivas dos cuidados a quem mais precisa. Hoje, a sua escala é inegável: 388 Santas Casas, cerca de 52 mil profissionais e quase 160 mil pessoas apoiadas por dia.

Num país envelhecido, a proximidade é essencial. É o elo que transforma atos isolados em percursos assistenciais contínuos, com avaliação, seguimento e responsabilização multidisciplinar.

Na prestação direta de cuidados, as Misericórdias articulam tradição e tecnologia. O Grupo Misericórdias Saúde integra 21 hospitais de agudos e mais de 120 unidades de cuidados continuados, bem como respostas ambulatoriais e comunitárias. Em muitas localidades são a primeira porta que se abre, da consulta ao apoio domiciliário, da reabilitação aos cuidados paliativos e à saúde mental. O conhecimento do território evita deslocamentos, antecipa agudizações e assegura continuidade pós-alta, reduzindo reinternamentos evitáveis. A sua atuação é igualmente estruturante na Rede Nacional de Cuidados Continuados Integrados.

Cuidar dos mais vulneráveis é a medida moral de qualquer sistema de saúde. Nas Misericórdias, quem tem menos voz é ouvido, quem está só encontra companhia, quem enfrenta o fim de vida encontra dignidade e alívio. A ética é prática diária, privacidade, decisão partilhada e transparência. Esta visão honra a tradição e lembra que nenhuma tecnologia substitui o olhar atento e a mão estendida.

O Outro Rosto da Saúde em Portugal tem o rosto das Misericórdias, proximidade e competência. Valorizá-las não é nostalgia, é visão de futuro. A excelência clínica precisa de calor humano, a proximidade com tecnologia social antiga e moderna é caminho para um sistema mais justo. Quando ninguém fica para trás, ganhamos todos, com um SNS mais robusto, comunidades coesas e cada pessoa melhor acompanhada e mais cuidada.

Carlos Cortes, Bastonário da Ordem dos Médicos



Valorizar quem cuida é um investimento com retorno

As misericórdias, as estruturas residenciais para pessoas idosas (ERPI), as unidades de cuidados continuados e as equipas de apoio domiciliário garantem cuidados diários a milhares de cidadãos com dependência, doença crónica ou fragilidade social.

No centro destas respostas estão os enfermeiros, profissionais que asseguram a continuidade, a segurança e a qualidade dos cuidados. A sua presença é determinante para prevenir complicações, promover autonomia e melhorar a qualidade de vida das pessoas. Apesar disso, o setor social continua a enfrentar um défice grave de enfermeiros. Existem instituições em que um único profissional é responsável por dezenas de utentes, o que compromete a segurança dos cuidados e aumenta o risco de erro.

Estas fragilidades têm impacto direto na sustentabilidade das instituições. Sem equipas estáveis e qualificadas, o setor perde capacidade para responder à crescente procura e vê comprometida a sua missão social. Valorizar os enfermeiros é, portanto, uma condição essencial para garantir a continuidade e a credibilidade destas respostas.

É indispensável promover também uma integração efetiva entre o setor social e o sistema de saúde. A articulação entre ambos permitirá respostas mais coordenadas, otimização de recursos e continuidade de cuidados, especialmente nas transições entre hospital, domicílio e estruturas residenciais.

Investir na cooperação entre os dois sistemas é investir na eficiência e na sustentabilidade do modelo de cuidados. A criação de circuitos partilhados, a definição de referenciações claras e o reforço do papel dos enfermeiros na gestão de casos são medidas que influenciam positivamente a qualidade dos serviços e a satisfação das pessoas cuidadas.

Cuidar de quem cuida é o primeiro passo para garantir a dignidade de quem é cuidado. Valorizar os enfermeiros e promover uma integração entre o setor social e o sistema de saúde é assegurar um futuro mais humano e sustentável para todos.

Luís Filipe Barreira, Bastonário da Ordem dos Enfermeiros

"As misericórdias e o serviço de proximidade"

Cooperação e humanismo para fortalecer a saúde

Criadas nas comunidades, pelas comunidades as Santas Casas da Misericórdia, ao longo de mais de cinco séculos, afirmaram-se como presença ativa e imprescindível na vida portuguesa e da sua diáspora.

Desde a sua fundação, em 1498, têm assumido a missão de cuidar de quem mais precisa. O cuidar e o tratar, plasmadas numa das Obras de Misericórdia, são desde o princípio a sua marca de água e ao longo dos séculos foram a referência de saúde no país, sendo que o SNS público foi criado por via da nacionalização da rede das Misericórdias.

A verdade é que logo após a nacionalização, as Misericórdias voltaram ao cumprimento da sua Missão na área da saúde e como entidades a quem o Estado Português reconhece interesse e utilidade pública, recomeçaram a fazer o que sabem fazer; ou seja, cuidar das pessoas, sobretudo das mais necessitadas, prestando-lhes todo o tipo de cuidados, inclusive os de saúde.

E perante o descalabro do SNS público, e o imobilismo das soluções porque ancoradas em pressupostos ideológicos ultrapassados, o SNS SOCIAL, as Misericórdias recomeçaram assumir-se outra vez como pilares fundamentais para garantir em proximidade, cuidados de saúde, complementando o Serviço Nacional de Saúde público (SNS) e assegurando que nenhum cidadão é deixado para trás.

Não deixa de ser interessante registar que muitos decisores, políticos, analistas, etc. têm tentado por todos meios desvalorizar e minorizar esta realidade, num "faz de conta" muito português.

Esta é a essência do protocolo de cooperação genérico firmado há menos de um ano com o Ministério da Saúde sob a égide do Senhor Primeiro Ministro. O documento representa um marco histórico na nossa trajetória porque reforça uma colaboração que já existe e cria condições para que as Misericórdias possam contribuir ainda mais na resposta às necessidades da saúde da população.

De facto, dos Hospitais aos Cuidados Continuados, passando pelos Cuidados de Saúde Primários o Estado reconhece que as Misericórdias têm larga experiência na área da saúde e são incontornáveis para que o Serviço Nacional de Saúde (quer a parte pública, quer a parte social, quer eventualmente a parte privada) ainda que em complementaridade continue a ser uma referência do Estado social em Portugal. E não estou a confundir Serviço Nacional de Saúde com Sistema Nacional de Saúde, mas apenas acentuar que o preceito constitucional que regula a matéria designa o Serviço que o Estado assegura aos cidadãos é "Nacional" e não meramente "público".

As Misericórdias são hoje e serão ainda cada vez mais, um player incontornável no setor da saúde porque estão sempre, mas sempre do lado da solução e o seu compromisso é claro: ajudar a reduzir listas de espera de consultas e cirurgias, garantir que mais portugueses tenham acesso a médico assistente e assegurar que diagnósticos e tratamentos sejam feitos em tempo útil, com qualidade e com os afetos e ternura que todos os doentes necessitam.

Mas importa também ter presente que na essência da nossa Missão está precisamente o mesmo impulso que leva também a percorrer os novos caminhos quer na organização dos serviços de saúde, quer na prestação de cuidados de saúde aos cidadãos, quer na hospitalização domiciliária, quer na diálise em proximidade, quer no registo de dados da Saúde (espaço europeu de dados de Saúde), quer no Serviço de Apoio Domiciliário Medicalizado, quer nas Demências, quer na Saúde mental, quer nas altas hospitalares, etc.

Acresce que a nossa presença nesta área representa muito mais do que cuidados de saúde. As nossas Unidades de Saúde também são motores de desenvolvimento, geradores de emprego e símbolos de esperança, sobretudo nos territórios de baixa densidade.

Acreditamos que este caminho conjunto com o Estado permitirá dar mais vida ao Serviço Nacional de Saúde, aliviando a pressão sobre as grandes unidades hospitalares e garantindo que os cidadãos encontrem nas Misericórdias uma resposta próxima, eficaz e humana. É esta a nossa missão e é esta a nossa responsabilidade: continuar a servir Portugal e os portugueses, com a mesma dedicação e espírito solidário que nos acompanha desde a origem em todo o território nacional.

Renovamos assim o nosso compromisso com a saúde, com a proximidade e com a dignidade das pessoas. O futuro constrói-se com cooperação, com sustentabilidade e com humanização. É nesse caminho que as Misericórdias querem continuar a estar.

Manuel de Lemos, Presidente da União das Misericórdias Portuguesas



UNIÃO DAS MISERICÓRDIAS
PORTUGUESAS



Santa Casa da Misericórdia de Valpaços: Da tradição à modernidade

Hospital da Misericórdia de Valpaços

A Mais Magazine teve o prazer de conversar com o provedor Altamiro Claro, que falou sobre a história e evolução da Santa Casa da Misericórdia de Valpaços, o papel central do hospital na região, os desafios sociais e educativos atuais e os projetos que a instituição tem em curso para continuar a servir a comunidade com qualidade e inovação.

Poderia começar por nos fazer um breve enquadramento histórico da Santa Casa da Misericórdia de Valpaços (SCMV)? Como surgiu a instituição?

A Santa Casa da Misericórdia de Valpaços é uma instituição com raízes profundas na história e na vida comunitária do concelho. À semelhança de outras Misericórdias fundadas em Portugal, nasceu da vontade de servir os mais necessitados, inspirada nos valores da solidariedade cristã e na prática das catorze obras de misericórdia.

A sua origem remonta à longa tradição assistencial existente em Valpaços desde o século XIX. Em 1875, a Arquiconfraria do Santíssimo e Imaculado Coração de Jesus iniciou esforços para construir um hospital, contando com o apoio de vários beneméritos locais, entre os quais Rosa Maria da Cunha, que em 1877 deixou em testamento o primeiro legado para esta



*Altamiro Claro, Provedor da
Santa Casa da Misericórdia de Valpaços*

causa. Seguiram-se outras doações, como as de Ana Félix Lopes (1884) e João Baptista Lopes (1897), que consolidaram o projeto.

Formalmente, a Misericórdia de Valpaços foi criada em 1946, com estatutos aprovados em 1947, assumindo desde então a continuidade desta tradição. Apesar de ser relativamente jovem face a congéneres centenárias, afirmou-se rapidamente pelo

seu papel assistencial junto dos mais pobres, desprotegidos e idosos, tendo o hospital como pilar central da sua ação.

Hoje, mantém-se fiel à sua missão de cuidar dos mais frágeis, promovendo a dignidade humana e contribuindo de forma ativa para o desenvolvimento local, numa relação de proximidade com a comunidade.



Assumi funções como Provedor em 2012. Nessa altura, em que estado encontrou a SCMV e quais foram as primeiras metas que definiu?

Quando assumi funções em 2012, a Misericórdia de Valpaços atravessava um período de grandes convulsões na sequência do encerramento do hospital, até então gerido por uma empresa espanhola, que para tal constituiu a "LUSIPAÇOS". Este período ficou marcado por fortes tensões locais, levando a população a realizar manifestações contra o encerramento do hospital. A resolução do conflito existente com a massa insolvente e com os trabalhadores que ficaram sem emprego tornou-se desde logo o objetivo prioritário da minha gestão, tendo em vista encontrar a paz social, indispensável à reorganização da Santa Casa.

Assim, as primeiras metas que defini passaram por quatro eixos fundamentais: implementar uma estratégia de resolução dos conflitos laborais e contratuais, estabilizar a gestão financeira, valorizar os recursos humanos e reforçar a qualidade das respostas

sociais e de saúde. Acreditava, e continuo a acreditar, que só com uma base sólida de sustentabilidade e com equipas motivadas seria possível projetar a instituição para o futuro e alargar o impacto positivo junto da comunidade.

Com determinação foi possível encerrar todos os conflitos existentes e dar início a uma nova fase que passou pela renovação total e ampliação do Hospital, criando as condições indispensáveis à prossecução da principal missão – servir as populações da região com um Hospital moderno, próximo e completo.

O hospital é hoje o equipamento mais emblemático da SCMV e uma referência a nível regional e nacional. Quais são atualmente as suas principais valências?

O hospital da Misericórdia de Valpaços é, sem dúvida, uma das marcas mais distintivas da nossa ação e um orgulho para toda a comunidade. Até ao 25 de abril de 1974 era a única resposta ao nível da saúde na área do concelho.

Em 10 de dezembro de 2016, conheceu uma nova fase, com a assinatura de um Protocolo de Cooperação entre a SCMV, a Administração Regional de Saúde do Norte (ARSN) e o Município de Valpaços, cujo objetivo fundamental passava pela Recuperação e Ampliação do Hospital, e conseqüente atribuição de acordos de cooperação com o SNS, através da ARSN.

Assim renasce o Hospital da Misericórdia de Valpaços, completamente renovado e dotado dos melhores e mais modernos equipamentos, tendo em vista dar respostas de qualidade, num território tão carente de assistência na saúde. Foi uma tarefa ciclópica, em que poucos acreditavam, mas que, com determinação, empenho e persistência, se tornou num exemplo de sucesso ao serviço das populações da região e emblemático porque representou uma parceria local, entre a SCMV e o Município de Valpaços, de luta contra a desertificação do concelho, ao atrair profissionais qualificados que se encontravam dispersos pelo país e no estrangeiro, e que aqui vieram reiniciar os seus projetos de vida.

Atualmente dispõe de várias valências fundamentais: - Centro Cirúrgico "Dr. Olímpio Seca"; Unidade de Internamento moderna; Área de Consultas Externas com mais de 20 especialidades médicas; Unidade de Medicina Física e reabilitação, que atende, em média, 100 utentes/dia; Serviço de Imagiologia dotado dos mais modernos equipamentos e de técnicos qualificados; Serviço de Atendimento Permanente e Unidade de Cuidados Continuados de Média Duração Reabilitação.

O setor social assume um papel fundamental de complementaridade à prestação de cuidados de saúde realizados pelo SNS. De que forma é que o vosso Hospital está a colaborar com o SNS?

O nosso Hospital tem vindo a reforçar a colaboração com o Serviço Nacional de Saúde (SNS) através do programa "Consulta a Tempo e Horas (CTH)". Atualmente, no âmbito deste programa, disponibilizamos sete especialidades hospitalares, abrangendo consultas e cirurgias.

Esta cooperação tem sido essencial para responder a uma procura crescente, não apenas do nosso concelho, mas também em toda a região de Trás-Os-Montes e Alto Douro. Um exemplo recente é o aumento da procura por parte da população do ACES Douro Sul (inclui concelhos de Viseu e Guarda), o que reforça a relevância do nosso serviço.

Com esta parceria estamos a melhorar o acesso e a promover maior equidade nos cuidados de saúde hospitalares,





ajudando a reduzir listas de espera e a otimizar os recursos disponíveis no sistema público e no setor social. Todo este processo de encaminhamento dos doentes tem início nos médicos de família.

Na era em que vivemos, marcada pela tecnologia, considera que o hospital está hoje devidamente equipado para responder de forma eficaz às necessidades dos utentes?

Vivemos numa era em que a tecnologia desempenha um papel central na saúde, seja no diagnóstico, no tratamento ou na gestão dos cuidados. O Hospital da Misericórdia de Valpaços tem acompanhado esta evolução, investindo de forma contínua na modernização dos seus equipamentos e na digitalização de processos.

Hoje, o hospital está dotado de meios tecnológicos que permitem responder de forma eficaz e segura às necessidades dos utentes, garantindo qualidade clínica, rapidez no diagnóstico e maior conforto na prestação dos cuidados. Entre os investimentos mais recentes destaca-se a aquisição de uma torre cirúrgica 3D para a especialidade de Urologia (Cirurgia Laparoscópica) e de uma TAC com recurso a inteligência artificial para o serviço de imagiologia.

Paralelamente, temos vindo a apostar em sistemas digitais de gestão clínica e administrativa, que permitem maior integração da informação, mais eficiência nos processos e melhor acompanhamento dos doentes. O nosso objetivo é claro: conjugar a inovação tecnológica com a humanização dos cuidados.

A SCMV gere também 10 estruturas residenciais para idosos. Que características destaca nestes equipamentos e qual a sua relevância para a comunidade local?

O Setor Social representa, hoje, o principal foco de atuação da Santa Casa da Misericórdia de Valpaços. Colocamos ao serviço das populações da região 10 Estruturas Residenciais para Pessoas Idosas, complementadas por 4 Centros de Dia e 4 Serviços de Apoio Domiciliário, garantindo assim uma resposta atempada, abrangente e de proximidade.

Estes equipamentos distinguem-se por oferecerem condições de conforto, segurança e acompanhamento permanente, assegurado por equipas multidisciplinares que integram profissionais de saúde, cuidadores e técnicos especializados. Para além dos cuidados básicos, promovemos atividades socioculturais e de estimulação, que contribuem para o bem-estar físico, emocional e social dos residentes.

A sua relevância é ainda maior no contexto do interior norte, marcado pelo envelhecimento populacional e consequente aumento de situações de demência e dependência física, às quais os nossos serviços têm que dar uma resposta efetiva, pela incapacidade do estado em implementar uma rede nacional para as demências, que responda ao drama das famílias.

A instituição dispõe ainda de Creche e Jardim de Infância, com diversas atividades pedagógicas. Qual é, no seu entender, a importância destas respostas sociais para o desenvolvimento educativo das crianças?

A Creche e o Jardim de Infância representam uma área essencial da nossa intervenção. Atualmente, acolhemos 86 crianças em Creche e 74 em Ensino Pré-Escolar, assegurando não apenas o cuidado diário, mas também uma resposta pedagógica estruturada e de qualidade, bem patente na procura que, em cada ano, supera largamente a capacidade instalada.

Estas respostas têm uma importância decisiva para o desenvolvimento integral das crianças, promovendo desde cedo valores como a autonomia, a socialização e a criatividade. Apostamos em projetos educativos anuais que estimulam o contacto com a comunidade, a cultura, a natureza e as tradições locais, porque acreditamos que uma criança integrada no seu meio cresce mais segura e confiante.



Estrutura Residencial para Pessoas Idosas (ERPI)



Complexo Residencial do Pinheiro Manso - Habitação Colaborativa

A SCMV investe igualmente no setor agrícola, através da Quinta Nossa Senhora do Carmo, com a produção de vinho e azeite. Que papel assume este projeto no seio da instituição?

A Quinta Nossa Senhora do Carmo é um projeto que traduz bem a forma como a Misericórdia de Valpaços alia tradição, sustentabilidade e inovação. A Quinta está localizada em Valverde e conta ainda com outros terrenos em Fornos do Pinhal, num total de 6 hectares dedicados essencialmente à produção de vinhos e algum azeite, que refletem a identidade e a qualidade desta sub-região de Trás-os-Montes.

A nossa principal referência são os vinhos com a marca “Valpaço-lo-Velho”, que, ao longo dos últimos anos, têm sido distinguidos em vários concursos. Este projeto tem essencialmente uma dimensão social e comunitária. Um exemplo disso é o facto de ano a ano, os nossos utentes, crianças e colaboradores participarem ativamente na vindima, um momento de convívio intergeracional e de valorização das tradições populares.

Em termos numéricos, quantos utentes são atualmente abrangidos pela SCMV?

A Santa Casa da Misericórdia de Valpaços acompanha hoje de forma direta mais de 880 utentes nas suas diferentes respostas sociais. Em concreto, contamos com cerca de 570 idosos integrados nas Estruturas Residenciais para Idosos e no Serviço de Apoio Domiciliário, apoiamos 30 pessoas através da Cantina Social, acolhemos diariamente 86 crianças em Creche e 75 em Jardim de Infância e acompanhamos ainda 22 utentes na Unidade de Cuidados Continuados, que se mantém com taxa de ocupação próxima dos 100%.

A esta intervenção social soma-se a dimensão clínica do hospital, que em 2024 realizou mais de 11 mil consultas de especialidade, 7000 análises clínicas, 1016 cirurgias, cerca de 17 mil exames de

imagiologia e de 7000 pessoas assistidas no serviço de atendimento urgente.

E quanto aos colaboradores, quantos integram a instituição neste momento e que princípios considera fundamentais no desempenho das suas funções?

A Misericórdia de Valpaços conta atualmente com 362 colaboradores, distribuídos pelas diferentes áreas de intervenção da instituição: saúde, apoio social, educação e serviços de suporte.

Mais do que o número, importa sublinhar os princípios que norteiam o seu trabalho: profissionalismo, dedicação, humanização e espírito de missão. São estes valores que fazem a diferença no dia a dia e que permitem à instituição prestar cuidados de qualidade, próximos das pessoas e atentos às necessidades reais da comunidade.

Nos últimos anos, a instituição teve um crescimento significativo em termos das suas receitas que hoje atingem valores próximos de 14 milhões de euros (anuais), o que dá a esta Instituição uma dimensão empresarial, que significa a principal âncora de emprego na região, determinante no processo de povoamento do território.

Para terminar, que perspetivas existem para o futuro da SCMV? Que projetos tem em execução ou gostaria ainda de ver concretizados?

O futuro passa por continuar a inovar e a reforçar a sua missão social, respondendo aos desafios de um território marcado pelo envelhecimento populacional e pela necessidade de serviços de proximidade, tendo sempre como referência uma gestão participativa, com sentido empresarial e essencialmente tendo como fim último ajudar as pessoas mais carenciadas e isoladas da sociedade.

Entre os projetos em execução, destaco a construção do Complexo Residencial do Pinheiro Manso – Habitação Colaborativa (PRR), um equipamento social de nova



Mesa administrativa

geração, destinado a pessoas “que ainda são novas para ingressar em lar, mas já não se sentem bem sozinhas em casa”, a inaugurar no início de 2026.

É um modelo pioneiro em Portugal, já existente noutros países, e que se encontra em fase de conclusão, dirigido a 47 residentes, com um investimento total que ultrapassa os 2 milhões de euros.

Gostaria ainda de poder lançar as obras de ampliação das alas norte (segundo bloco operatório e alargamento do internamento) e sul do hospital que já se encontram dotadas de projeto de execução, mas o momento não é o mais indicado atendendo à falta de capacidade das empresas de construção, o que torna os valores construtivos muito elevados. Assim, estamos a aguardar por melhores condições do mercado de construção para lançar estes concursos.

Mas o futuro constrói-se também com memória: nunca esquecemos os primeiros beneméritos que, já em 1877, acreditaram nesta obra. É nessa herança de solidariedade que continuamos a encontrar a força para inovar e servir melhor a comunidade de Valpaços.✚

Ensino Católico em Portugal

"Desafios, missão e futuro"



“Educar, preparar os homens e as mulheres do amanhã, as novas gerações de cidadãos e de cristãos, exige sempre fé, atitude de fé, espírito de serviço. Exige acreditar que tudo o que fazemos, e dizemos deixa marcas que perduram. Dos mais pequenos gestos e palavras aos grandes temas e assuntos, tudo vale e conta para o crescimento da fé, para o desenvolvimento humano e pessoal”

António Augusto Azevedo, presidente da Comissão da Educação Cristã e Doutrina da Fé
Fonte: Agência Ecclesia

EDUCRIS

COMISSÃO ESCOLAR DA EDUCAÇÃO CRISTÃ E DOCTRINA DA FÉ
FUNDAÇÃO SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ

“A marca ‘escola católica’ é muito forte e nós queremos afirmá-la cada vez mais”

À frente da Associação Portuguesa de Escolas Católicas, Fernando Magalhães destaca o compromisso da APEC em reforçar a identidade das escolas católicas, promover a excelência educativa e responder com esperança e inovação aos desafios atuais do sistema de ensino.

De que forma a APEC apoia concretamente as escolas associadas na defesa da sua identidade católica e na qualidade pedagógica?

A missão da APEC é a de congregar as escolas católicas em Portugal em torno da sua missão, das suas áreas de atuação comuns e dos desafios que lhes são colocados. Nesse sentido, promove um conjunto de ações muito diversificadas que, sob a forma de debate, formação, informação, celebração, encontros (de alunos, de educadores docentes e não docentes, de famílias, de direções, de equipas pastorais, etc.) reforçam nas escolas católicas a razão principal pela qual a APEC foi fundada: o cuidado muito especial com a identidade própria das escolas católicas.

Que papel vê para as escolas católicas no futuro do sistema educativo português, especialmente no que diz respeito à inclusão, inovação pedagógica e formação integral dos alunos?

As escolas católicas têm um papel determinante há muito tempo em Portugal, que não é de agora, que se confunde até com a origem da nossa nacionalidade. As escolas católicas estiveram sempre na dianteira, seja como única resposta de ensino que, em determinadas épocas ou contextos, foram, seja como projetos de ponta e de excelência como se apresentaram e apresentam em áreas diversas. Acreditamos que o futuro é o da continuidade e renovação desta matriz: a formação integral da pessoa, com base na visão cristã do homem e do mundo e dos valores daí decorrentes; e, além disso, a qualidade e excelência dos projetos educativos levados a cabo, muitas vezes, como dizíamos, antecipando tendências que depois se validam, reconhecem e até se generalizam, para vantagem de todos.

Quais são atualmente os maiores desafios que as escolas católicas enfrentam no contexto educativo português?

Sem dúvida que, para que ocorra tudo o que se disse atrás, é essencial a liberdade de educação. Ela não se concretiza só no livre exercício de ensinar. Ela concretiza-se também na livre escolha por parte das famílias – algo que ainda está verdadeiramente por cumprir – do lugar onde querem que os seus filhos aprendam. Além disso, devemos tomar como especiais desafios também, por um lado, o multiculturalismo crescente nas nossas sociedades, que nos obriga a criar diálogos fraternos sem perda de identidade e, por outro, o da conhecida carência de professores no tecido educativo, que nos irá obrigar a ser muito criativos e inovadores, como tantas vezes já fomos no passado. Por falar em criatividade, não podemos ignorar os desenvolvimentos tecnológicos, designadamente os inerentes à Inteligência Artificial. Importa dizer que vemos tudo isto com um sentido de muita esperança.

Que prioridades estratégicas a APEC definiu para os próximos anos no sentido de fortalecer a rede de escolas católicas e o seu contributo para a educação em Portugal?

Sem prejuízo de outros desafios de ordem interna, os nossos propósitos para o próximo triénio ilustram bem as nossas prioridades. Por um lado, reforçar a identidade das escolas católicas, mostrando quão importante e única é a sua proposta educativa. A marca “escola católica” é muito forte e nós queremos afirmá-la cada vez mais. Outros dois pontos muito importantes são o fortalecimento da comunhão entre escolas e o da realização da nossa missão em diálogo ou, como nos convidou o Papa Francisco, “em pacto”, envolvendo todos aqueles que se ocupam da educação, direta ou indiretamente. Mas renovo o que disse há pouco: tudo isto fazemos com muita esperança e com muita alegria.



Fernando Magalhães, Presidente da Associação Portuguesa de Escolas Católicas





Fernando Fidalgo, Diretor Pedagógico do Colégio João Paulo II

Colégio João Paulo II: Excelência, valores e educação para o mundo

Em conversa com a Mais Magazine, Fernando Fidalgo, diretor do Colégio João Paulo II, explica como a escola tem vindo a combinar excelência académica, formação integral e valores católicos desde a sua fundação, preparando os alunos para os desafios do século XXI e, em breve, para a dimensão internacional com o novo currículo do International Baccalaureate.

De que forma surgiu o Colégio João Paulo II e que missão tem guiado o seu percurso até hoje?

O Colégio João Paulo II foi fundado em 2006, fruto da vontade de criar um projeto educativo capaz de responder às necessidades das famílias e da sociedade. Desde o início, assumimos o compromisso de promover uma formação completa que conjuga excelência académica, desenvolvimento humano, social e espiritual. A nossa missão centra-se em formar cidadãos responsáveis, íntegros e solidários, preparados para dar resposta aos desafios de um mundo em constante transformação.

Que princípios e valores são essenciais no vosso projeto educativo?

A nossa ação educativa baseia-se em princípios que estruturam a vida da comunidade escolar: a centralidade da pessoa, a liberdade e

a responsabilidade, a exigência e a excelência, o sentido de comunidade, o serviço e a solidariedade, assim como a alegria e a esperança. Estes valores, de origem católica, vivem-se diariamente no Colégio, seja no rigor académico, no acompanhamento próximo dos alunos ou em iniciativas, como projetos de voluntariado e campanhas solidárias, que permitem às crianças e jovens desenvolver o sentido de responsabilidade social e a atenção ao outro.

Que oferta educativa disponibilizam, atualmente, e de que forma procuram responder às expectativas das famílias que vos escolhem?

O Colégio João Paulo II oferece uma proposta educativa completa, que acompanha o aluno desde a creche até ao ensino secundário, localizando-se em três campus: em Braga (7 Fontes e Dume) e em Vila Real. Procuramos

proporcionar uma educação de excelência, estimulando criatividade, autonomia, responsabilidade e respeito. O nosso projeto educativo combina rigor académico com atenção ao desenvolvimento integral do aluno, garantindo que cada criança e jovem possa explorar plenamente os seus talentos e construir um percurso pessoal e, conseqüentemente, profissional sólido.

No próximo ano letivo, o Colégio passará a oferecer o currículo do International Baccalaureate (IB), juntando-se a um grupo restrito de escolas em Portugal. O que representa este passo para a instituição e que mais-valias trará aos alunos?

A criação do João Paulo II International School, com a adoção do currículo do International Baccalaureate a partir do ano letivo 2026/27, representa um marco histórico, não só a nível regional como nacional. Seremos



a primeira escola em Braga a disponibilizar este currículo internacional, em paralelo com o nacional, oferecendo às famílias a possibilidade de escolha.

O IB distingue-se pela exigência académica, pelo incentivo ao pensamento crítico, pela valorização da autonomia e pelo desenvolvimento de competências interculturais. Para os alunos, significa a possibilidade de aceder a universidades de referência em Portugal e no estrangeiro e de adquirir uma visão global, aberta ao mundo.

Este projeto reforça também a missão católica do Colégio: preparar jovens que, com base em valores humanos e cristãos, sejam capazes de dialogar com diferentes culturas e de intervir de forma responsável numa sociedade global.

Que aspetos tornam o Colégio João Paulo II uma referência no panorama educativo nacional?

O Colégio João Paulo II distingue-se pela conjugação de excelência académica, proximidade humana e inovação pedagógica contínua. O nosso corpo docente associa conhecimentos sólidos a vasta experiência profissional e diversidade de estratégias educativas, sempre atentos às necessidades

individuais dos alunos. Mais do que transmitir conhecimento, procuramos formar jovens autónomos, críticos, éticos e responsáveis, capazes de agir com sentido de serviço e de solidariedade. É esta combinação de rigor, humanismo, espiritualidade e atenção individualizada que nos torna uma referência no ensino em Portugal.

De que forma articulam a inovação pedagógica com a formação integral dos alunos e o envolvimento da comunidade educativa?

A inovação pedagógica articula-se de forma natural com a nossa missão de formar pessoas íntegras. Investimos em metodologias ativas, integração de tecnologias educativas e projetos internacionais, enquanto cultivamos os valores, a ética e o sentido de responsabilidade social. Todos os elementos da nossa comunidade educativa (alunos, famílias, docentes e não docentes) são parte integrante deste processo. Acreditamos que a educação não se limita à sala de aula e que se constrói na relação, no diálogo e no envolvimento de cada um com o próximo.

Que papel consideram que o ensino católico deve desempenhar atualmente,

face aos desafios educativos e culturais que enfrentamos?

O ensino católico tem um papel fundamental na formação de cidadãos livres e responsáveis. Num tempo marcado pela rapidez das mudanças e pela fragmentação dos valores, as escolas católicas devem ser lugares de coerência, de humanismo e de esperança. Devem afirmar-se como espaços onde o saber e a fé dialogam e onde se educa para o respeito, a solidariedade e o serviço comunitário.

O Colégio João Paulo II integra o portefólio da IR-Capital, fundo que investe no ensino católico em Portugal. Como tem sido esta parceria e de que forma o investimento da IR-Capital tem contribuído para o crescimento do Colégio?

A parceria com a IR-Capital tem sido determinante para consolidar o crescimento e a sustentabilidade do Colégio João Paulo II, permitindo reforçar a qualidade da nossa oferta educativa e acelerar projetos estratégicos, como a criação do João Paulo II International School. Trata-se de uma colaboração que respeita plenamente a nossa identidade e missão católica, valorizando o nosso papel enquanto agentes de transformação social. O apoio da IR-Capital tem-nos permitido investir em infraestruturas, tecnologia e inovação pedagógica, garantindo que o Colégio continua a responder às exigências do presente e do futuro, sem nunca abdicar da sua essência.

Que visão têm para o futuro do Colégio João Paulo II?

O futuro passa por consolidar a nossa posição de referência educativa em Portugal e pela internacionalização do ensino, com a abertura do João Paulo II International School. Pretendemos continuar a formar jovens preparados para os desafios do século XXI, combinando tradição e inovação, excelência académica e valores sólidos. Ambicionamos ser uma ponte entre o ensino católico em Portugal e uma educação global, contribuindo para formar cidadãos íntegros, autónomos e responsáveis. ✚



Colégio do Minho: Há 83 anos a educar com responsabilidade e exigência

Ricardo Sousa, diretor do Colégio do Minho, celebra os 83 anos da instituição, destacando como o Colégio tem sabido aliar os valores que sempre o definiram à inovação pedagógica. Fundado em 1942 num período de grandes desafios sociais e educativos, o Colégio do Minho mantém-se fiel à sua missão de educar com responsabilidade e exigência, formando alunos não apenas no conhecimento académico, mas também no desenvolvimento de atitudes e valores. Ao longo de mais de oito décadas, a escola consolidou-se como uma referência no panorama educativo português, combinando tradição, excelência académica e abertura às novas exigências do ensino do século XXI.



que nunca nos afastámos do nosso ideário educativo. Os princípios que nos orientam continuam presentes nos nossos projetos e no quotidiano da nossa ação.

No que concerne à oferta formativa, que cursos e projetos disponibilizam atualmente a quem procura o Colégio do Minho?

Atualmente, o Colégio oferece o Ensino Básico regular, do 1.º ao 9.º ano, e mantém protocolos com Academias que possibilitam o ensino articulado, nomeadamente na área da Música. No Ensino Secundário, disponibiliza quatro Cursos Científico-Humanísticos: Ciências e Tecnologias, Línguas e Humanidades, Ciências Socioeconómicas e Artes Visuais. Além disso, os alunos têm a possibilidade de permutar disciplinas de acordo com as suas preferências e objetivos, o que enriquece e diversifica ainda mais os nossos currículos.

Quais são, na sua perspetiva, as principais características que distinguem o Colégio do Minho e o tornam uma referência no panorama educativo português?

O Colégio do Minho tem como missão educar com responsabilidade e exigência — princípios que constituem o nosso lema. Ser responsável e exigente nas competências académicas é essencial, pois procuramos que os nossos alunos

O Colégio do Minho celebrou recentemente o seu 83.º aniversário. Como descreveria o percurso da instituição ao longo destas mais de oito décadas? Que balanço faz deste caminho?

O nosso Colégio nasceu em 1942, num período marcante da nossa história e num contexto social particularmente exigente. Estávamos nos anos 40, numa sociedade e num mundo que enfrentavam enormes desafios. Nesse cenário, a educação ganhou especial relevância. Foi precisamente para responder a essas necessidades que surgiu o Colégio do Minho. Aliás, ao longo destas mais de oito décadas, mantivemos esse compromisso: enfrentar com responsabilidade os diferentes contextos e exigências que foram surgindo, sempre com uma atitude construtiva. Faço, por isso, um balanço muito positivo. Quando uma instituição se abre ao mundo, permanece atenta à realidade e procura dar respostas adequadas, isso revela vitalidade e coerência. Importa, no entanto, sublinhar



Ricardo Sousa, Diretor do Colégio do Minho



alcancem a excelência no domínio do conhecimento. Contudo, valorizamos igualmente o desenvolvimento das atitudes e dos valores. Consideramos imprescindível trabalhar estas duas dimensões, que se interligam e se complementam, formando os pilares fundamentais da nossa ação educativa. Educar, hoje, é um desafio de grande complexidade, e, por isso, procuramos que os nossos alunos não se distingam apenas pelo saber académico, mas também pelo saber ser e estar. A sociedade necessita de pessoas bem formadas em todas as vertentes — e esse é o nosso ideário educativo.

O Colégio do Minho mantém-se consistentemente no topo do ranking distrital, com uma das melhores médias nos exames nacionais. Considera que este resultado reflete o empenho conjunto de alunos, professores e de toda a comunidade educativa?

Sem dúvida. O ranking é apenas um dos indicadores do muito que se faz em cada sala de aula e em cada espaço do Colégio. No entanto, o nosso trabalho — de alunos e professores — vai muito além das fronteiras físicas da escola. O empenho, a dedicação e o compromisso de todos refletem-se naturalmente nos resultados obtidos, mas sabemos que há dimensões do nosso trabalho que não podem ser traduzidas em números ou posições num ranking. O verdadeiro valor da nossa missão educativa vai muito além do que é mensurável.

Num contexto educativo em constante transformação, de que forma o Colégio do Minho se prepara para responder aos desafios da inovação tecnológica e às novas exigências do ensino no século XXI?

Ao longo dos nossos 83 anos de história, o Colégio do Minho tem procurado responder, com determinação e visão,

aos desafios colocados pela sociedade e pelo sistema educativo. O ensino em Portugal transformou-se profundamente ao longo destas oito décadas, e o Colégio tem sabido acompanhar essas mudanças, mantendo-se na vanguarda da inovação pedagógica. É, sem dúvida, um grande desafio — mas estamos convictos de que saberemos dar uma resposta muito positiva às transformações que se avizinham. Esta nova realidade não nos assusta: já enfrentámos outros períodos de grande mudança e adaptação, e sempre conseguimos responder com sucesso e confiança aos desafios que o tempo nos foi impondo.

Como imagina o futuro do Colégio do Minho? Que objetivos e prioridades orientam a vossa visão para os próximos anos?

Dizem que o futuro a Deus pertence, mas eu e a minha equipa continuaremos, como sempre, a procurar dar resposta a todas as solicitações que nos são colocadas. Assim tem sido desde a primeira hora, e acredito que esse é o verdadeiro desafio: manter a capacidade de responder com dedicação, resiliência e compromisso. Estou certo de que estaremos à altura das exigências do futuro.✚



A peculiar Escola Monsenhor José Galamba de Oliveira

Situada nos Marrazes, concelho de Leiria, a Escola Secundária Monsenhor José Galamba de Oliveira inspira-se na figura insigne do seu patrono, cuja vida e obra são retratadas no livro de Pedro Moniz, "Monsenhor José Galamba de Oliveira - Um Homem à Frente do Seu Tempo". Este homem notável foi um modelo de abnegação e visão, acreditando na força transformadora da educação - valores que continuam a ser o farol da escola.

A instituição abriu portas em 1956 com o nome de Escola de Formação Social e Rural de Leiria e transferiu-se definitivamente, em 1964, para a Quinta do Amparo.

A sua missão é formar cidadãos conscientes, solidários e capazes de contribuir para uma sociedade mais justa e empática. Aqui, educar é também cuidar, orientar e renovar. O trabalho diário visa que os educandos cresçam não só em idade, graça e sabedoria, mas também se tornem pessoas dotadas de valores humanos e éticos, preparadas para a vida em sociedade.

A Escola Monsenhor José Galamba de Oliveira oferece, neste momento (estão em aprovação outros) um único curso: o Curso com Plano Próprio de Educação Social. Trata-se de uma instituição de Ensino Particular e

Cooperativo que ministra um curso de dupla certificação, conferindo um Certificado Profissional de Nível IV - 12.º ano, de acordo com o Quadro Nacional de Qualificações (QNQ).

Esta é uma oferta formativa singular, que reflete a identidade e o compromisso da Escola com a inclusão, a solidariedade e o desenvolvimento integral. O seu lema é: "Uma história com pessoas".

Em Portugal, somente em Lamego existiu uma experiência semelhante, entretanto encerrada em 2021.

O curso harmoniza formação teórica e prática, proporcionando experiências reais de integração comunitária. Assim, os alunos aprendem a intervir em contextos sociais e educativos, adquirindo competências essenciais para atuar com empatia, responsabilidade e sentido de missão.

O que distingue esta escola é a capacidade de unir rigor e afeto, tradição e inovação, ensino e compromisso social, acreditando que cada aluno é único e merece um acompanhamento personalizado, num ambiente de confiança, colaboração e partilha.

A Escola Monsenhor José Galamba de Oliveira promove um modelo educativo que valoriza tanto o conhecimento académico como o crescimento pessoal. Aqui, aprende-se a "saber ser" e "saber estar" formando jovens com valores sólidos, prontos para enfrentar os desafios da vida e servir a comunidade.

Além disso, pretende continuar a afirmar-se como uma escola de referência na inclusão e na formação humana, fiel ao legado do nosso patrono. Ambiciona ainda reforçar a ligação à comunidade e apostar em projetos que promovam a solidariedade, a sustentabilidade e o sucesso educativo.

Com esperança e dedicação, esta escola deseja continuar a ser para "todos, todos, todos", onde o conhecimento, o respeito



e a humanidade caminham lado a lado - na certeza de que a educação é a via mais segura para uma sociedade mais fraterna.

Deus quer, Monsenhor sonhou e a obra prosseguirá.✚



www.emjgo.com



No Colégio Senhora da Boa Nova Educamos Crianças, Formamos Pessoas:

O Ensino Católico ao Serviço da Pessoa e do Bem Comum

Numa época marcada por incertezas, desigualdades e desafios globais, o ensino católico reafirma a sua missão essencial: formar pessoas inteiras, com valores sólidos, espírito crítico e um profundo sentido de serviço ao próximo. O Colégio Senhora da Boa Nova, é um Colégio da Paróquia do Estoril, inserido na sua IPSS – Centro Paroquial do Estoril. Esta missão ganha um sentido ainda mais concreto e urgente: educar ao lado dos mais vulneráveis, promovendo uma cultura de solidariedade, esperança, fraternidade e intergeracionalidade.

Solidariedade que transforma

Num colégio ligado a uma instituição de solidariedade social, a aprendizagem da solidariedade não é teórica — é vivida. Os nossos alunos crescem lado a lado com realidades humanas desafiantes, aprendem desde cedo o valor da empatia, do cuidado e do compromisso com os outros. Este contacto direto com os mais frágeis transforma a sua forma de ver o mundo e reforça a consciência de que “ninguém se salva sozinho” (Papa Francisco, *Fratelli Tutti*, 2020).

Aqui, a **solidariedade não é apenas um valor**, é uma virtude cristã – a Caridade – que atravessa todas as dimensões do quotidiano escolar: em campanhas de apoio social, em atividades intergeracionais, em projetos de voluntariado, mas também nos pequenos gestos de cada dia.

Oração e interioridade no centro da vida escolar

Outro pilar da identidade do Colégio Senhora da Boa Nova, localizado no Estoril, é a vivência da **fé e da espiritualidade**. Em cada manhã, a comunidade escolar é convidada ao silêncio, à escuta e à oração.



Este momento diário de recolhimento oferece um espaço de encontro consigo mesmo, com os outros e com Deus — um tempo sagrado num mundo que raramente para.

Excelência académica com sentido humano

Ser uma escola católica também significa **buscar a excelência académica**, mas entendida como mais do que desempenho ou resultados. Trata-se de promover uma **formação integral**, onde o Saber anda de mãos dadas com o Ser. Incentivamos o pensamento crítico, a criatividade, o rigor e o gosto pelo conhecimento — mas

sempre com a consciência de que o saber deve estar ao serviço da justiça, da paz e da dignidade humana.

Acreditamos que cada aluno é único, com dons próprios e uma missão no mundo. Por isso, acompanhamos cada percurso com exigência, atenção e cuidado, com metas claras, mas também com o coração aberto ao que cada jovem pode e quer ser.

Uma escola com Alma e Missão

O ensino católico é um verdadeiro **laboratório de humanidade**. No Colégio Senhora da Boa Nova educa-se para a vida, para o outro, para Deus. Educa-se com exigência, mas também com ternura. Com firmeza, mas com esperança.

Estamos comprometidos com o apelo do Papa Francisco: construir uma “aldeia da educação”, onde famílias e educadores caminham juntos, de mãos dadas, ao serviço das crianças, para que nenhum talento se desperdice e para que cada pessoa possa crescer.✚

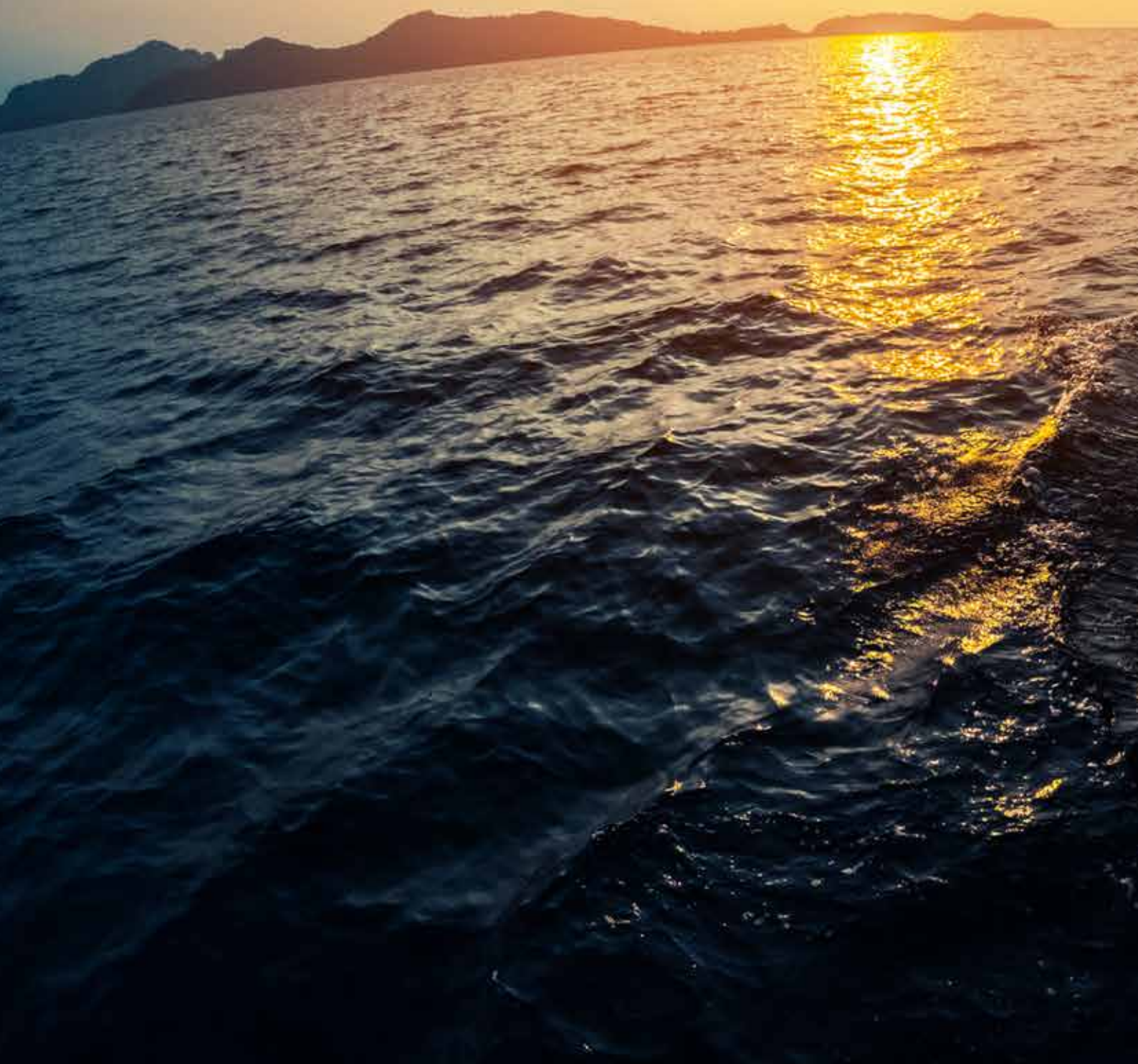


Colégio Sra Boa Nova

www.cpestoril.pt/colégio

Luxury Lifestyle

"A arte de viver com elegância"







Uma visão arquitetónica entre o interior e o exterior

Vasco Vieira é um arquiteto de referência no mercado de luxo português, reconhecido pela sua capacidade de unir elegância, funcionalidade e sustentabilidade. Com mais de duas décadas de experiência, tem desenvolvido obras icónicas que se destacam pela integração harmoniosa entre interior e exterior, respondendo aos mais exigentes padrões de qualidade e sofisticação internacional.



Vasco Vieira, Arquiteto

Nascido em Joanesburgo, na África do Sul, em 1969, desde cedo Vasco Vieira mostrou uma grande aptidão e interesse pela área da arquitetura, o que o levou a que, durante os fins de semana e as férias

acadêmicas, frequentasse e trabalhasse em ateliers de arquitetura. Por isso mesmo, desde tenra idade conseguiu não só ganhar experiência neste ramo, adquirindo competências fulcrais na área, como também possibilitou que, com apenas 21 anos, tivesse já concluídas várias obras de projetos desenhados e acompanhados por si.

Em 1994, dá-se a sua mudança para Portugal, fixando-se na região do Algarve, integrando a equipa do Resort de Vale do Lobo no Algarve como arquiteto durante dez anos, algo que acabou por ser uma transição de ambiente suave e benéfica, dada a existência de muitos aspetos semelhantes entre as duas regiões. "Os meus pais sempre ambicionaram voltar a Portugal, então logo que terminei o curso vim para Portugal. Na África do Sul, o clima era muito semelhante ao clima no Algarve e os espaços exteriores eram uma parte fundamental da vivência. Foi essa ligação interior e exterior que destacou os meus primeiros projetos no Algarve de muitos outros arquitetos", comenta Vasco Vieira.

A primeira experiência do arquiteto em Portugal acabou por se tornar fundamental na evolução da sua carreira, tendo aprendido "a lidar com clientes de todas as nacionalidades, a maioria deles muito exigentes que procuravam qualidade". Uma etapa que acabou por se fornecer as bases necessárias para uma carreira de sucesso. "Como nesse período fui tanto o arquiteto chefe do empreendimento

como diretor de construção, aprendi a conjugar a arquitetura com a arte de bem construir, conhecimentos essenciais para o meu futuro percurso", afirma Vasco.

Fruto da experiência já acumulada e da ambição de poder ter o seu próprio espaço onde pudesse colocar em prática toda a sua veia arquitetónica, em 2003 Vasco Vieira abriu o seu próprio atelier de arquitetura, primeiro sob o nome de Arqui+ Lda e, hoje, Vasco Vieira Arquitectos. "Decidi abrir o meu próprio atelier para ter a liberdade para explorar e desenvolver uma linguagem arquitetónica minha sem as limitações e restrições de estar a trabalhar para uma empresa. Os mestres do modernismo do virar do século XX que estudei e sempre admirei como o Mies van der Rohe, Le Corbusier e Frank Lloyd-Wright serviram de inspiração neste percurso de descoberta e exploração de uma linguagem arquitetónica própria que se distingue da arquitetura dos outros arquitetos", confessa o arquiteto.

Estilo, reconhecimento e futuro

Sem dúvida que, influenciado pelos ares sul-africanos, a forte ligação entre o interior e o exterior de um projeto é uma peça-chave na sua arquitetura e um dos fatores de diferenciação da sua empresa no mercado português, utilizando o conceito de "form follows function" como lema. "Em Portugal, tive então a oportunidade de explorar e desenvolver ainda mais essa ligação interior-exterior e trabalhar os espaços exteriores como uma extensão natural do interior. Penso que essa simples e quase impercetível transição do interior para o exterior é um dos principais aspetos que distingue o nosso trabalho de muitos outros arquitetos portugueses da atualidade", confessa o arquiteto. Paralelamente, o arquiteto salienta ainda "a linguagem arquitetónica única do atelier", bem como "a experiência e conhecimento abrangente de todo o processo, com especial destaque para o conhecimento do processo construtivo, o que permite conceber projetos exequíveis em obra e ajustados a determinados orçamentos quando necessário".

Conhecedor desde muito cedo do setor do luxo, tanto a nível da habitação como da hotelaria, Vasco Vieira não hesita em afirmar que o mercado luxuoso português não fica em nada atrás dos mercados de luxo mais procurados em todo o mundo. "Fui convidado a desenvolver projetos em quase todo o mundo em mercados supostamente mais luxuosos do que o



mercado português na época, e foi nessas viagens que percebi que Portugal, e os empreendimentos de luxo do Algarve, em particular, eram superiores em todos os aspetos. Era apenas uma questão de tempo para o mercado internacional perceber todas as qualidades que o nosso país tinha para oferecer, que agora é mais que evidente, tornando Portugal um dos destinos mais procurados pelo comprador de imobiliária de luxo”, confessa.

Neste sentido, o portfólio de trabalhos desenvolvidos pela empresa do arquiteto português é muito vasto e com grande incidência no segmento de moradias de luxo. Para além disso, o atelier esteve já presente na projeção de vários hotéis e resorts de luxo em Portugal, muitos deles com uma forte componente ecológica. Aliás, a Vasco Vieira Arquitectos é responsável pelos desenhos de um dos primeiros hotéis ecológicos em Portugal, “Areias do Seixo”, um empreendimento que já foi premiado várias vezes pela qualidade e sustentabilidade do hotel e das moradias.

Questionado sobre os projetos que mais prazer trouxeram, Vasco Vieira confessa que guarda um grande sentimento de orgulho por todos eles. Ainda assim, afirma que as conceções em que deposita maior carinho são os “projetos verdes”, nomeadamente a já referenciada “Areias do Seixo” e ainda uma moradia em particular. “Tenho vários projetos que se destacam, mas os que me dão mais gozo são aqueles onde a sustentabilidade é o conceito principal, onde a natureza e arquitetura estão em perfeita harmonia, como, por exemplo, Hotel Areias do Seixo (pioneiro na hotelaria ecológica em Portugal) e a Moradia “La Moraleja” (Madrid). Esta



última tinha centenas de árvores que necessitavam de ser preservadas, o que acabou por ditar a forma da moradia, quase como uma ‘tree house’ no meio das árvores, criando um diálogo e uma harmonia perfeita entre a obra construída

e a natureza, com os proprietários em constante contacto direto, tanto físico, como visual com a envolvente”, comenta o arquiteto português, conta Vasco.

O grau de sucesso que a Vasco Vieira Arquitectos atingiu está também refletido na larga lista de prémios que o atelier algarvio já arrecadou, quer de âmbito nacional, quer no domínio internacional. Naturalmente, todas estas distinções são um marco importantes para a empresa por validar o seu trabalho, ainda que Vasco Vieira refira que a sua maior motivação é a satisfação do cliente. “É sempre um orgulho e uma honra ser reconhecido, tanto ao nível nacional, como ao nível internacional, porque é uma validação de todo o nosso esforço e trabalho, mas não é algo que procuro ou que me motiva. Para mim, a minha maior motivação é ter um cliente feliz e orgulhoso da obra que nós ajudamos criar para eles, tornando os seus sonhos uma realidade. Fico muito contente quando concluímos uma obra e o cliente comenta que a casa dele deve ser o melhor projeto que já fiz até à data, porque isso mostra que conseguimos






entender o nosso cliente e que a sua alma está refletida no projeto”, confessa o arquiteto.

O sucesso alcançado ao longo de mais de duas décadas em Portugal deve-se igualmente à equipa que compõe o atelier. O facto de se tratar de uma equipa de pequena dimensão facilita a comunicação entre todos e a resolução de problemas de forma mais célere. A estruturação da equipa e a divisão clara de tarefas são fundamentais para garantir o sucesso do produto final, tal como afirma Vasco Vieira.

“Cada membro da equipa é responsável por fases específicas dos projetos, de acordo com a sua especialização. Assim, cada etapa é desenvolvida por diferentes elementos e, posteriormente, passada para os seguintes, assegurando uma continuidade e coerência no processo. Todas as fases são supervisionadas diretamente por mim, garantindo a integridade do design ao longo de todo o desenvolvimento do projeto”.

São 22 anos a transformar o sonho dos clientes em realidade, fruto do “trabalho

e esforço diário” de toda a equipa. Por isso mesmo, o arquiteto sente-se um privilegiado por poder “exercer uma profissão que adora, num país e num local que também adora”, salientando ainda que o facto de ter sido convidado a fazer parte de projetos em vários países foi um passo importante para crescer enquanto arquiteto, visto que lhe permitiu “entender diferentes culturas, métodos de construção e formas de trabalhar, mas acima de tudo ajudou a perceber a beleza e a qualidade do país onde vivemos”. Com os olhos postos já no futuro, Vasco Vieira promete continuar na busca incessante pela melhoria da qualidade dos seus serviços, pretendendo focar-se cada vez mais em “projetos holísticos, onde os interiores sejam um reflexo dos exteriores, criando uma linguagem e conceito uniforme em todo o projeto”. 



VASCO VIEIRA
• ARQUITECTOS

www.vascovieiraarquitectos.com



Nuno Mendonça, Diretor-Geral da Audi Portugal

AUDI PORTUGAL: ONDE TECNOLOGIA, DESIGN, SOFISTICAÇÃO E SUSTENTABILIDADE SE ENCONTRAM NO SEGMENTO PREMIUM

A Mais Magazine esteve à conversa com Nuno Mendonça, Diretor-Geral da Audi Portugal, que reforça o posicionamento da marca como referência no segmento premium, onde design, tecnologia e exclusividade se unem para criar uma experiência verdadeiramente distinta. Mais do que fabricar automóveis, a Audi propõe um luxury lifestyle contemporâneo, assente na inovação, na sustentabilidade e na personalização, convidando cada cliente a viver uma relação emocional e sofisticada com a marca.

Como a Audi Portugal se posiciona no mercado de luxo e quais são os valores que pretende transmitir através da sua gama de veículos?

A Audi afirma-se como uma Marca premium contemporânea que combina desempenho, inovação e um design emocional. Os valores centrais que pretende transmitir são qualidade técnica, design progressivo, conectividade inteligente e sustentabilidade sofisticada. A Marca expressa estes princípios através de produtos que equilibram tecnologia avançada com materiais e acabamentos de

alta qualidade, traduzindo uma visão moderna de sofisticação.

De que forma a marca Audi consegue unir design, tecnologia e exclusividade para oferecer uma experiência premium aos seus clientes?

Na Audi tudo o que fazemos tem de ser relevante para a experiência dos nossos Clientes. Procuramos, sempre, encontrar soluções inteligentes que melhorem a vida de quem utiliza os nossos produtos. Design, tecnologia e exclusividade são características que

diferenciam os produtos da Audi. Utilizamos o design como forma de linguagem emocional que concretiza, através do automóvel, a nossa promessa tecnológica. A tecnologia é integrada de forma intuitiva nas características dos nossos automóveis, transformando funcionalidades complexas em experiências de condução do cliente. A exclusividade resulta da combinação entre personalização, edições limitadas, qualidade dos materiais e acabamentos, serviços diferenciados, entre outros, que tornam o nosso produto mais premium e mais exclusivo.



Como a Audi se relaciona com o conceito de luxury lifestyle, criando experiências que vão além do automóvel?

A Audi entende o luxury lifestyle como uma experiência holística que envolve mobilidade, ambiente e experiência. A Marca, através da comunicação, cria narrativas de estilo de vida que ligam o automóvel a contextos como design, viagens, arte, tecnologia, entre outros. Estas narrativas têm de ser coerentes com o espaço onde recebemos os nossos Clientes, motivo pelo qual estamos a renovar todos os showrooms da Marca em Portugal com o novo conceito Audi Progressive Retail. A interação dos Clientes com as nossas equipas comerciais e de após-venda é, também, um ponto crítico desta experiência, motivo pelo qual apostamos na formação como uma ferramenta crucial para o reforço do conceito luxury lifestyle. Mas existem outras variáveis essenciais neste caminho: a interação digital dentro e fora (com destaque para a app MyAudi) da viatura; o ambiente a bordo; a performance sustentável dos nossos modelos e-tron e e-hybrid. O objetivo da Audi é transformar cada interação com a Marca, numa lógica de 360°, numa extensão do estilo de vida do cliente.

Que iniciativas ou parcerias refletem o compromisso da Audi Portugal com o estilo de vida de luxo e a sofisticação?

As iniciativas onde é mais evidente os compromissos da Marca com o seu posicionamento assentam, sobretudo, ao nível dos eventos e patrocínios da Marca: a nossa presença em eventos de Moda, o nosso Torneio de Golfe Audi quattro Cup, cujos vencedores têm acesso a um programa, na final internacional, muito exclusivo; os eventos locais exclusivos promovidos pela nossa Rede de Concessionários são alguns desses exemplos. Naturalmente que também o compromisso claro da Marca com a sustentabilidade é muito importante para dar um patamar superior de sofisticação



à nossa comunicação, tornando evidente que a adoção de uma forma de mobilidade eletrificada contribui para um estilo de vida mais premium.


O que torna a Audi City Lisboa um espaço único e inovador no universo do luxury lifestyle automóvel?

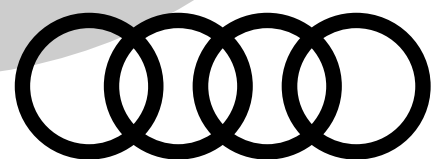
A Audi City Lisboa foi o primeiro showroom da Marca a integrar o conceito Audi Progressive Retail, concebido para oferecer aos nossos Clientes uma experiência de compra mais personalizada, digital e premium. Mais do que um simples showroom, é um espaço tecnológico e imersivo, marcado por um ambiente acolhedor onde o design e a sofisticação assumem o protagonismo. Na Audi City Lisboa, o Cliente é convidado a configurar de forma individualizada a viatura que mais o inspira, recorrendo a plataformas digitais avançadas que tornam a experiência envolvente e intuitiva. O conceito de luxury lifestyle está presente em cada detalhe: na iluminação cuidadosamente desenhada, na decoração e nas cores, na qualidade dos materiais sustentáveis que utilizamos e no design do mobiliário, criando um ambiente sereno, elegante e contemporâneo. Tudo foi pensado para acolher os Clientes Audi com conforto, tranquilidade e uma sensação genuína de exclusividade.

Como a experiência na Audi City Lisboa reflete os valores de exclusividade e sofisticação da marca?

Este novo conceito, apresentado na Audi City Lisboa, traduz de forma exemplar a estratégia global da Audi para o retalho premium, materializando-se numa experiência de Cliente exclusiva, sofisticada e centrada na personalização.

Estes valores refletem-se na forma como proporcionamos conteúdos exclusivos e configurações únicas, permitindo que cada Cliente viva uma relação mais próxima e emocional com a Marca. Tudo isto num formato compacto, urbano e altamente tecnológico, pensado para um público exclusivo.

O resultado é uma perceção clara de que as nossas Audi City showrooms não se limitam a vender automóveis, oferecem uma experiência de compra distintiva, onde a inovação, o design e a emoção se encontram para redefinir o verdadeiro significado de premium. 



www.audi.pt



Hotel Minho e Restaurante Dom Júlio: onde o conforto, a natureza e a gastronomia se encontram em perfeita harmonia

Situado a 7 km de Vila Nova de Cerveira, o Hotel Minho aposta num conceito intimista e de lazer, apresentando uma oferta de qualidade apoiada em 60 quartos, um Spa de referência na região, um moderno Business Center, piscinas exteriores, court de ténis e 2 bares. O Hotel Minho está inserido num complexo turístico, onde complementa a oferta com o Restaurante/Centro de Eventos “Dom Júlio” (com supervisão do Chef Luis Cruz), o Bar “Tanto Faz” e o “Paintball Cerveira Park”.

Iniciada por Júlio Pires após o seu regresso ao Alto Minho, depois de décadas em Lisboa por motivos profissionais, a história do Hotel Minho é a de um projeto familiar de referência. Esta jornada principiou após a aquisição do saudoso restaurante Braseirão do Minho, ponto de referência e de paragem obrigatória nesta zona transfronteiriça, com apreço e reconhecimento de ambos os lados da fronteira. Após surgir a oportunidade de ficar com o motel contíguo ao restaurante, Júlio Pires construiu o Hotel Turismo do Minho com classificação de 3 estrelas, que rapidamente se afirmou na oferta hoteleira da região. Mais tarde, e sempre envolvido na busca de melhoria, foram realizadas obras de ampliação e renovação para o formato atual, passando a classificação

de 4 estrelas sob a denominação Hotel Minho.

A sua localização privilegiada, perto de eixos rodoviários que facilmente permitem conhecer toda a região do Alto Minho, bem como o acesso à Galiza, levam a que o Hotel Minho seja a porta de entrada à exploração das belezas que o Minho tem para oferecer. É extremamente comum os hóspedes percorrem a região desde as rotas do Vinho Verde de Monção e Melgaço, às vilas históricas de Ponte Lima e Ponte da Barca, as praias de Caminha a Viana do Castelo, ou mesmo uma visita a Santiago de Compostela e Vigo.

Após o falecimento do fundador, a administração do projeto foi assumida pela filha, Júlia Pires da Cruz, que com o dinamismo e empreendedorismo herdados



do pai, tem de forma constante acrescentado valor à oferta turística disponibilizada, com a recuperação vários espaços na propriedade. O maior destaque desta evolução é a edificação do restaurante/centro de eventos Dom Júlio, que como o nome indica, é uma homenagem ao espírito, resiliência e visão do fundador.



Mais do que um restaurante, o Restaurante Dom Júlio é um tributo à paixão pela gastronomia e à visão empreendedora que marcou gerações

Este espaço é uma estrutura moderna, pensada para responder às exigências da atualidade, com foco na funcionalidade e qualidade de serviço. Disponibiliza uma sala de restaurante para cerca de uma centena de pessoas, com vistas sobre o lago e jardins da propriedade. Está preparado com várias salas multifuncionais, que recebem todo o tipo de eventos de 15 a 500 pessoas, utilizando a multifuncionalidade dos espaços para os adaptar às exigências dos clientes e especificidades pretendidas. Os destaques da carta de restaurante recaem sobre as carnes maturadas, a picanha e diferentes confeções de bacalhau. O Chef Luis Cruz aposta numa carta de restaurante dinâmica, com oferta diferenciada para inverno ou verão, onde consegue refletir as influências das suas viagens e mostrar toda a sua criatividade.


A oferta é complementada com o Bar Tanto Faz, uma estrutura moderna e confortável com uma esplanada ímpar na região, onde os clientes podem optar por uma refeição mais ligeira ou apreciar uma vasta escolha de cocktails desde os mais clássicos até propostas mais irreverentes. De realçar que o renomado vinho verde "Dom Júlio" é produzido diretamente das próprias vinhas do espaço. Um pequeno projeto que tem vindo a crescer e a ganhar notoriedade.

Além destas valências, o Hotel Minho disponibiliza uma zona de natureza com lago, jardins, um pequeno bosque, horta biológica e parque infantil. Nesta zona de natureza os clientes podem conhecer vários animais de quinta (desde vacas de raça "Barrosã" a cabras anãs, passando por ovelhas "Suffolk" e aves diversas), e aceder a um picadeiro com cavalos (e pônei para as crianças).

Aliás, a ligação à natureza e a preocupação com a preservação ambiental é um dos principais pontos de diferenciação do Hotel Minho, que se caracteriza por ser uma unidade consciente e focada nas questões ligadas à sustentabilidade, ostentando o galardão "Green Key". Desde a concessão inicial que o hotel sempre teve uma postura de adaptação à sua implementação e envolvimento, com pormenores com a construção em socorro para minimizar o impacto da sua volumetria, fachadas em vidro para aproveitamento da luz natural e utilização de materiais de conceito "eco-friendly" como os revestimentos em madeira que se tornaram uma imagem de marca do Hotel Minho.



Chef Luis Cruz

Já com o olhar virado para o futuro, o Hotel Minho foi alvo de modernização de 50% dos 60 quartos do hotel, numa aposta de renovação do conforto e da funcionalidade dos mesmos. No primeiro trimestre de 2026, será terminada a renovação dos restantes quartos. Paralelamente, está ainda em curso a finalização de um projeto de eficiência energética, com a substituição dos sistemas existentes por máquinas e equipamentos mais atuais e com melhor performance energética, além da recente instalação de produção de energia por painéis fotovoltaicos. 

 **hotel minho**
* * * *
www.hotelminho.com

Dom Júlio 
Restaurante
www.restaurantedomjulio.com

“A verdadeira arquitetura nunca é cenário”

A Mais Magazine foi falar com a RVdM, arquitetos em Aveiro, para tentar perceber como trabalha este atelier liderado por Ricardo Vieira de Melo, doutorado em arquitetura e também mestre em design de equipamento. Para este arquiteto a arquitetura é um meio privilegiado para melhorar a qualidade de vida e o conforto humano, no respeito pela memória, a biodiversidade e o ambiente. Sendo professor universitário de arquitetura no Porto, foi também professor convidado do curso superior de design da Universidade de Aveiro e entende que o desenho projetual é um instrumento político poderoso para propor, organizar e antecipar.

O que entende que possam ser os principais aspetos diferenciadores da prática profissional da RVdM na arquitetura?

Tentamos sempre acrescentar valor aos programas e desejos dos clientes, sejam eles públicos ou privados. Julgo que essa é a nossa responsabilidade enquanto especialistas. Em alguns casos temos conseguido fazer mais com menos, transformando os espaços e os lugares em ambientes atrativos e confortáveis. (...) a publicidade tem-se conseguido com os clientes satisfeitos.

De que forma introduz a sofisticação, o conforto e a exclusividade que distingue os seus projetos?

A organização do espaço é a matriz essencial sem a qual nada do que a acompanha se pode valorizar. Não vale a pena utilizar materiais caros ou

mais expressivos para mascarar algum descontrolo espacial. Afinal de contas, a arquitetura é sobre o modo como se define o vazio – o espaço. Para rentabilizar e qualificar os espaços e os lugares é importante atender ao conjunto que os constrói e organiza. Também a arquitetura é conforme as circunstâncias que a rodeiam. Se bem utilizada e respeitada (hoje o respeito pela arquitetura nem sempre acontece...), ela responde satisfatoriamente, com qualidade e requinte, controlando um amplo número de variáveis – a iluminação natural, o conforto, a economia, a inserção na paisagem, entre outras.

Já desde o início do séc. XX se afirmava que era necessário desenhar ‘da colher à cidade’. Esse controlo do projeto não significa imposição ou ‘totalitarismo’, mas garante coerência. Nas atuais práticas de projeto, incentiva-se um processo mais participativo e plural. Mas tal não

significa que se tenham de acolher todas e quaisquer ideias e vontades. Será sempre necessário hierarquizar e escolher. O interesse público não deve ser prejudicado por desejos privados. O projeto é uma escolha informada.

Que tipo de experiência o cliente pode esperar ao escolher o RVdM para transformar o seu espaço?

Como dizia, é um trabalho de ‘equipa’. O cliente tem de ser incluído no processo, sempre!

Frequentemente os clientes vão ganhando entusiasmo durante essa experiência. Explicamos cada decisão tomada. A escolha de uma cor ou um material, uma forma ou uma disposição espacial têm de se explicar. E à medida que estas escolhas vão sendo partilhadas os clientes vão aderindo cada vez mais nas soluções que apresentamos.





Há desafios muito interessantes quando surge um projeto que nos obriga a sair da nossa perspectiva e entrar na visão do outro. Esse exercício, essa troca de interesses, quando equilibrados, costuma resultar em boa resposta espacial e ambiental. O desconhecido entusiasma a Arquitetura. Apela à novidade e à descoberta. O projeto é essa procura e, frequentemente, é muito gratificante.

Muito do seu trabalho gravita em torno da habitação, e a sua área de investigação tem sido, desde o doutoramento, os espaços domésticos. O que nos pode revelar da sua experiência nesse campo?

A casa será sempre um programa muito solicitado. Há 100 anos o mundo ficou dividido entre a casa e a cidade, como em 1800 tinha ficado dividido entre a cidade e o campo. Hoje, quando se fala da crise de habitação não se pode falar só das casas ou do ambiente doméstico. A ‘casa’ já não é um espaço isolado, hoje a casa é um dos ramos do nosso habitar. Habitam-se muitos espaços e lugares.

A casa já foi muito polivalente, antes de 1900, para passar a ser muito especializada quando apareceram as máquinas. Sobretudo no mundo ocidental, muito associado à revolução industrial, as casas e os apartamentos passaram a ter compartimentos especializados - a lavandaria, o escritório, a biblioteca, ou até a ‘sala de costura’. Na realidade, a casa urbana e burguesa começou desde cedo a transformar-se numa ‘máquina de habitar’,

como se cada compartimento fosse uma peça de um motor uniformizador. O modernismo, manifestou veementemente essa ‘necessidade’ de ordem, regra e especialização. Mas a evolução dos modelos familiares e a democratização da cidade, têm alterado a forma como atualmente se habitam as casas e se beneficia da cidade.

Parece-lhe então que na arquitetura e no design, eventualmente no urbanismo já existem novos padrões?

Claro que sim, a sociedade altera-se, as prioridades também.

Na governação das cidades atentas ao seu tempo e ao futuro, os novos referenciais já não são nem as catedrais, nem os centros comerciais, é, de novo, a natureza. Esse é o novo ‘luxo’. Parques e frentes aquáticas são cada vez mais valorizadas e introduzidas nos projetos. O espaço público nunca pode ser o que ‘sobra’ do privado. A casa como a cidade começam lentamente a deixar de ser espaços ‘mecânicos’ e estéreis para serem interfaces com a natureza. Afinal de contas é ela que comanda o nosso bem-estar. A nossa sustentabilidade, desde a biológica à ecológica, da económica à social passa por ajustar soluções naturais às artificiais.

Apesar de estarmos numa época do instantâneo e do ‘aparentemente fácil’, a arquitetura só é ‘simples’ para quem a domina, com o tempo necessário para otimizar processos e resultados. A verdadeira arquitetura nunca é cenário!



Ricardo Vieira de Melo
rvdm
 arquitectos, lda

rvdm@rvdm.pt
 www.rvdm.pt

O novo olhar sobre o luxo na arquitetura portuguesa

Em entrevista à Mais Magazine, o arquiteto Nuno Ladeiro fala sobre as particularidades de dois projetos desenvolvidos em coautoria com a arquiteta Carmo Branco — a Casa RP e o Edifício Flor do Tejo. Ambas as obras são da responsabilidade da empresa Vomera Building Solutions, fundada em 2019 por Delphine Gerardo e Sérgio Santos, com sede em Santarém, que se dedica a projetos residenciais, industriais e públicos, oferecendo soluções “chave na mão” com enfoque na qualidade, inovação e sustentabilidade.

O que o levou a seguir arquitetura e como nasceu o seu atelier? Que princípios orientam o trabalho que desenvolve?

Desde muito cedo percebi que a arquitetura era uma forma de unir a criatividade à funcionalidade e ao espírito do lugar. Estudei arquitetura e posteriormente aprofundei os estudos em design na Domus Academy em Itália, o que me permitiu ver cada projeto não só como uma construção, mas também como uma experiência de habitar. O atelier nasceu desse desejo: de projetar espaços que façam sentido para quem os vive, que integrem as variáveis do entorno natural e urbanístico, e que sejam sustentáveis, duradouros e esteticamente equilibrados.

Os nossos princípios orientadores são a simplicidade formal, clareza no desenho arquitetónico, integração com o ambiente, uso de materiais simples e que envelheçam bem, adaptação solar e térmica e espaços fluidos (interiores/exteriores).

Um dos projetos em que trabalhou este ano em coautoria com a Arquiteta Carmo Branco foi a Casa RP, no Oeiras Golfe & Residence. O que mais o atraiu neste



contexto e que marca pessoal quis deixar neste projeto?

O que mais me atraiu neste contexto foi a envolvente: o lote tem uma paisagem já estruturada, com o campo de golfe, a natureza e harmonia com a urbanização existente. Este tipo de contexto proporcionou um projeto interessante de equilíbrio entre

responder às normas — morfologia, cêrceas e alinhamentos — e inserir uma arquitetura que tem carácter próprio, mas sem destoar com a envolvente.

A minha marca pessoal neste projeto foi deixar claro que a casa vive com as estações do ano, com o sol, com o vento; criamos uma arquitetura fluida, que permite aos proprietários usufruir do interior/exterior, das variações de luz, da vegetação e dos espaços de lazer, proporcionando um diálogo constante com a envolvente. Não se trata apenas uma casa para habitar, mas sim para viver, relaxar e contemplar.

A Casa RP transmite serenidade e harmonia com a natureza. Que ideias guiaram a criação deste espaço entre conforto e sofisticação?

As ideias centrais foram: orientação solar (posição em L para proteger a casa dos ventos predominantes do quadrante norte; maximizar a incidência do sol a sul), envidraçados amplos para criar forte conexão visual com a paisagem, variações de plano para que haja transições suaves



Edifício Flor do Tejo



entre o interior e o exterior (salas, terraços, decks, piscina e espaços de pátio).

A sofisticação surge da simplicidade: materiais simples, superfícies brancas, painéis de revestimento nas fachadas a simular madeira natural, mas sem qualquer manutenção; linhas retas; palas de sombreamento, e atenção aos acabamentos. O conforto foi um requisito fundamental na conceção da volumetria que protege o espaço da piscina do vento, do controle solar através de palas de ensombramento e varandas que provocam sombra sobre as superfícies envidraçadas.

Já no projeto do Edifício Flor do Tejo, realizado em coautoria com a arquiteta Carmo Branco e o arquiteto João Rocheteau, que atualmente se encontra em construção em Santarém, ergue-se entre a cidade e a paisagem da Lezíria. Que conceito de "viver com vista" procuraram refletir neste projeto?

No edifício Flor do Tejo procurou-se capturar o diálogo entre a cidade e a paisagem da Lezíria do Tejo. "Viver com vista", ou seja, desenhar os espaços de modo que essa vista seja parte integrante da experiência diária, através de varandas amplas, fachadas recortadas, espaços comuns que aproveitam a paisagem, logradouros privados e uma orientação predominantemente para sul (vistas sobre a Lezíria).

Este edifício introduz uma linguagem contemporânea num contexto urbano

tradicional. Como equilibraram inovação e respeito pela identidade local?

Introduzir uma linguagem contemporânea num contexto urbano tradicional exige sempre o respeito pela envolvente, através do alinhamento de cérceas, ritmo das fachadas com as construções circundantes, cores e materiais dominantes; mas também modernidade através da introdução de uma volumetria audaz, marcada pelas fachadas dinâmicas e varandas recortadas, pelos materiais contrastantes e interação com a luz.

Tanto o Flor do Tejo como a Casa RP partilham uma visão de luxo discreto. O que




significa para si o "luxo contemporâneo" na arquitetura?

Para mim, luxo contemporâneo não é necessariamente ostentação, mas sim qualidade: de espaço, luz, conforto, detalhe, durabilidade dos materiais e integração com a envolvente. Significa prestar atenção às necessidades reais das pessoas como a privacidade, vistas, conforto térmico e acústico e sustentabilidade, mas também estética refinada. É um luxo discreto.

E olhando para o futuro, que caminhos acredita que a arquitetura portuguesa deverá seguir para continuar a unir beleza, sustentabilidade e bem-estar?

Para o futuro, acredito que os caminhos mais promissores passam pela sustentabilidade real, não só certificações, mas práticas de eficiência energética, uso de materiais resistentes, aproveitamento das águas pluviais e energia solar. A Arquitetura deverá responder às alterações de clima, à temperatura excessiva, à necessidade de ventilação, sombra e conforto sem dependência de ar condicionado intenso. Valorizar a paisagem e a natureza e integrar a construção nas áreas verdes.

Introduzir tecnologia, mas com moderação – smart homes, domótica, mas sempre ao serviço dos utilizadores.

Considerar a cultura local /a identidade do lugar – resgatar elementos de referência local, não necessariamente estilísticos, mas de escala, materiais, luz e modo de viver. 

UPGYM, A MARCA DE GINÁSIOS QUE ESTÁ A MUDAR A FORMA COMO PORTUGAL EMAGRECE

Em entrevista à Mais Magazine, Hugo Bernardes — fisiologista, especialista em emagrecimento e comportamento humano, e fundador do Upgym — explica como o seu projeto tem vindo a revolucionar o conceito de treino em Portugal. Acredita que a verdadeira mudança acontece quando transformamos a relação com o corpo e com a vida. Hoje, sob a sua orientação, o Upgym é reconhecido pela abordagem que alia resultados comprovados a um acompanhamento humano e personalizado.



Hugo Bernardes, Fundador do Upgym

Pode apresentar-nos o Upgym e explicar qual é a sua missão principal?

O Upgym é um sistema especializado em Emagrecimento Real, baseado em treinos personalizados em pequenos grupos e acompanhamento contínuo. A missão é clara: reduzir a obesidade e o excesso de peso, ajudando pessoas reais a recuperar autoestima e confiança através de corpos saudáveis e funcionais — de forma simples, prática e 100% acompanhada.

Quais são os aspetos que tornam o Upgym um ginásio distinto em relação aos restantes no país?

No Upgym, nada é deixado ao acaso. Desde o treino ao apoio fora dele, há um modelo de acompanhamento “invisível” que faz com que os clientes não dependam da motivação para continuar. Cada plano é pensado ao detalhe — físico, emocional e comportamental.

Não somos um ginásio de massas. Somos uma resposta especializada a um problema real: o excesso de peso e a confusão em torno do emagrecimento. Criámos um método leve, eficaz e sustentável, que funciona mesmo para quem já tentou de tudo. Em resumo: o Upgym não dá trabalho — dá resultados.

O Upgym já está presente em duas localidades — Santa Cruz e Torres Vedras. Que particularidades destacaria em cada um destes espaços?

Santa Cruz é o “laboratório original”. Pequeno em dimensão, mas gigante em energia. Com uma comunidade unida e fiel, o espaço mantém um crescimento controlado — apenas quatro ou cinco novos clientes por mês — e prova que o método resulta com consistência.


Torres Vedras é o passo seguinte: um espaço premium, prático e totalmente integrado, com treinos personalizados, produtos de higiene, toalhas e zona lounge. Um ambiente calmo, elegante e funcional, onde a qualidade e a personalização continuam a ser o centro de tudo.

Quais são as perspetivas para o futuro do Upgym? Existe a intenção de expandir a marca para outras zonas do país?

O crescimento é constante. O Upgym está em afinação permanente, porque o mercado muda e nós gostamos de estar oito anos à frente da tendência.

Sim, existe ambição de chegar a Lisboa e ao Porto quem sabe... mas o foco imediato é redefinir as unidades atuais para reforçar eficiência e posicionamento.



Vivemos uma fase de transição estratégica: manter o foco no emagrecimento, mas apresentá-lo de forma ainda mais atrativa, emocional e inegável para o mercado. O futuro está a ser preparado agora — e o Upgym continua na linha da frente. 



www.upgym.pt

A delicadeza e a precisão ao serviço da rinoplastia

Sara Martins Pereira, médica otorrinolaringologista do Hospital Lusíadas Braga, confessa que nunca se imaginou noutra profissão. Com uma vocação que nasceu em família, encontrou na rinoplastia — uma área que alia precisão cirúrgica e sensibilidade estética — a sua maior paixão profissional. Entre conquistas e desafios, partilha o impacto da tecnologia na cirurgia, a importância de equilibrar a vida pessoal com a carreira e os planos para o futuro.



Sara Martins Pereira, Otorrinolaringologista no Hospital Lusíadas, em Braga

O que a motivou a seguir a carreira de medicina e a optar pela especialidade de otorrinolaringologia?

Sempre soube que queria ser médica. Os meus pais são médicos, bem como a minha madrinha com quem tinha um contacto muito regular na infância e cresci nesse meio.

Nunca pensei ter outra profissão, então acho que foi algo natural.

Quanto à otorrinolaringologia, eu queria uma especialidade cirúrgica, sabia bem o que não queria, mas não sabia bem o que seguir. O meu pai motivou-me um bocadinho para Otorrino e hoje agradeço-lhe por isso. Estou, sem dúvida, na especialidade certa!

Ao longo da sua trajetória profissional, quais têm sido os principais desafios e conquistas?

A principal conquista é poder trabalhar naquilo que gosto. Sei que é um privilégio poder dizer isso, e ser cada vez mais reconhecida na área que me tenho dedicado e preenche-me muito por ser que a que eu mais gosto - a rinoplastia; desafios: conjugar vida pessoal/familiar, sobretudo, desde que sou mãe com um trabalho que me absorve tanto.

Atualmente integra o corpo clínico do Hospital Lusíadas de Braga. Como tem sido esta experiência?

Fantástica! Estou no hospital desde novembro de 2023 e sinto que essa mudança contribuiu imenso para o meu crescimento profissional e adoro trabalhar num ambiente que valoriza a inovação, o trabalho em equipa e o profissional com as suas motivações e necessidades.

A rinoplastia não se limita apenas à estética. Que benefícios funcionais pode trazer aos pacientes?


Sem dúvida que não. A rinoplastia melhora a respiração ao alterar/corrigir estruturas anatómicas como o septo nasal e os cornetos. E isso traduz-se em melhor qualidade de vida: melhoria das dores de cabeça, resolução/diminuição do ronco e apneia do sono, melhor desempenho no treino e até em atividades básicas do dia a dia como subir escadas ou caminhar.

Num mundo cada vez mais marcado pelos avanços tecnológicos, de que forma a tecnologia tem influenciado ou transformado a prática da rinoplastia?

A rinoplastia é uma cirurgia/área em constante evolução. Há sempre novas técnicas e o objetivo atualmente é que seja uma cirurgia menos invasiva, com

menos sintomas pós-operatórios e com resultados mais naturais. O Piezo contribuiu muito para estes avanços, pois permite cortar o osso sem danificar os tecidos envolventes, o que garante um trabalho mais preciso e delicado. Desta forma, abandonamos o martelo que tanto assusta os pacientes. É um instrumento que tenho à disposição no Hospital Lusíadas, em Braga.

Olhando para o futuro, que planos ou projetos profissionais ambiciona desenvolver nos próximos anos?

Há outras áreas de otorrino que gosto muito e, neste momento, ainda não me dedico em exclusivo à rinoplastia. O meu objetivo é continuar e evoluir nesta área tão desafiante da rinoplastia atingindo o máximo de perfeição que me for possível e agradando cada vez mais aos meus pacientes. 



 @drasaramartinspereira

Lusíadas
Hospital Braga
lusiadas.pt

Luxury Lifestyle



Dar voz às mulheres na arquitetura

A Mais Magazine falou com Patrícia Pedrosa, fundadora do projeto W@ARCH.PT e co-fundadora e presidente da Associação Mulheres na Arquitetura, sobre o papel das jovens arquitetas na defesa dos seus direitos e na valorização social da profissão.

O que a motivou a criar o W@ARCH.pt e como o projeto ajudou a dar visibilidade às mulheres na arquitetura?

Sendo arquiteta e tendo estudado e investigado no contexto da história da arquitetura, causava-me alguma estranheza a ausência de mulheres — pensava que talvez não soubéssemos delas porque não existiam. Mais tarde, quando comecei a perceber que, de facto, existiam, interroguei-me sobre qual o processo que faz com que não sejam consideradas importantes e que a história da arquitetura portuguesa seja, essencialmente, um relato sobre algumas participações.

Foi neste contexto que, anos mais tarde, iniciei o meu primeiro projeto de investigação. Deparei-me então com a realidade de que ainda estava praticamente tudo por fazer, sendo muito difícil até escrever pequenos textos sobre o contexto português e as mulheres arquitetas. Ou seja, era necessário desenvolver um projeto de investigação que, com recursos e tempo, permitisse realizar um levantamento mais sistemático e exaustivo sobre quem eram estas mulheres.

Após uma primeira tentativa falhada de obtenção de financiamento, conseguimos aprovar a segunda candidatura — e assim nasceu o W@ARCH.pt, com o objetivo de identificar, dar visibilidade e ouvir as histórias das mulheres arquitetas em Portugal até à entrada do país na União Europeia.

Que desafios enfrentou ao criar a Associação Mulheres na Arquitetura e que impacto teve no debate sobre igualdade de género?

A Associação Mulheres na Arquitetura nasce em 2017 e resulta das inquietações a que já me referi anteriormente. Nós, fundadoras — enquanto arquitetas, profissionais liberais e docentes universitárias nos cursos de arquitetura — fomos nos apercebendo de que essas questões estavam presentes no nosso quotidiano. Ao mesmo tempo, começámos a estranhar o facto de não vermos mulheres representadas em prémios, júris, exposições, conferências, entre outros contextos. Creio que a situação tem vindo a melhorar, mas esse era o panorama há cerca de dez anos.

Além disso, temos assistido a um aumento do número de jovens mulheres a ingressar nos cursos de arquitetura. Há, portanto, uma feminização evidente da profissão. Mas como é que estas mulheres se constroem enquanto arquitetas se não encontram referências femininas nas bibliografias, nos exemplos apresentados ou nas figuras de destaque a que assistem?

Segundo dados do Sindicato dos Trabalhadores em Arquitetura, as mulheres ainda ganham, em média, cerca de 12% menos do que os homens a desempenhar as mesmas funções. É também de conhecimento geral a existência de situações em que mulheres a recibos verdes são despedidas quando engravidam. Importa ainda alertar para os casos de assédio sexual na profissão — uma realidade com a qual a Ordem dos Arquitetos e nós, enquanto classe profissional, ainda não nos confrontámos de forma estruturada, mas que existe e tem como alvos preferenciais as jovens arquitetas e estagiárias de arquitetura.

Portanto, é desta encruzilhada de preocupações e da consciência de que era necessário lutar em várias frentes que surge a Associação Mulheres na Arquitetura.

Que mensagem deixaria às jovens arquitetas que querem afirmar-se e promover maior representatividade na profissão?

Diria para se organizarem e lutarem, porque, aparentemente, está fora de moda a ideia de organização coletiva e de exigência de direitos — e a igualdade é um direito constitucional.

Acredito que as jovens arquitetas podem trazer uma mudança muito significativa, porque em breve serão a maioria na profissão. Ao lutarem pelos seus direitos, estarão também a melhorar a própria prática profissional, promovendo a diversidade, o respeito, a igualdade e a multiplicidade de vozes na arquitetura.



MULHERES NA
ARQUITECTURA

W@ARCH.PT

Arquitetas em Portugal: construção da visibilidade, 1921-1988
Women architects in Portugal: building visibility, 1921-1988

"Mulheres na arquitetura"

©Helena Gonçalves

O poder da Arquitetura de transformar o mundo

A Arquitetura, historicamente marcada por uma forte presença masculina, vive hoje alguns paradoxos. De um lado, temos as nossas universidades a formar mais mulheres do que homens — 53% dos diplomados entre 2003 e 2023 são arquitetas. O ensino da arquitetura tem uma presença constante de arquitetas, mas não em cargos de direção. Nos Órgãos da Ordem dos Arquitectos temos tido distintas lideranças femininas.

Contudo, apesar disso, não podemos esquecer que em Portugal, a diferença salarial entre arquitetas e arquitetos é 21% desfavorável às mulheres, um fosso superior à média europeia de 17%. Ao mesmo tempo, a sub-representação feminina em cargos de liderança - sobretudo na administração pública - persiste, constringindo uma visão essencial para a cultura arquitetónica contemporânea, que é precisamente a visão e a sensibilidade feminina.

Assim, o balanço tem de incluir os positivos e negativos. Temos cada vez mais e melhores arquitetas, mas ainda há caminho para fazer em termos de equidade.

Mais do que diferenças no acesso a oportunidades ou reconhecimento da qualidade técnica e profissional, sinto que precisamos de maior valorização da visão feminina da arquitetura. Aquela visão de uma “arquitetura cuidadora”, que cuida da comunidade, que coloca o lado humano na construção das cidades e da habitação.

Para dar apenas um exemplo recordo Yasmeen Lari, a arquiteta paquistanesa, que acaba de passar por Lisboa para receber o Prémio Carreira Trienal de Lisboa / Millenium BCP, precisamente pela sua “arquitetura humanitária”, a favor de pessoas afetadas por desastres naturais.

Dito isto, é importante referir que na Ordem dos Arquitectos estamos atentos. Em matéria de equidade, os nossos créditos vão além de discursos e boas intenções. Ainda recentemente foi criado, juntamente com a Câmara Municipal de Loulé, um prémio de arquitetura com o nome da primeira arquiteta portuguesa, Maria José Estanco, no que queremos que seja uma homenagem e um justo reconhecimento da visão feminina da arquitetura. A primeira vencedora foi Paula del Rio Huesa, com o projeto de uma praça e Posto de Turismo em Piódão.

Mas também defendemos que é essencial continuar a colocar as mulheres no centro do debate sobre o presente e o futuro da arquitetura. É isso que estamos a fazer com a preocupação de conseguir paridade de género no Congresso dos Arquitectos, que tem como tema “Inteligência Essencial” ou como esta reside na capacidade crítica de saber adaptar-se à inteligência artificial, e que vai ter lugar de 13 a 15 de novembro próximo, em Évora. Aí levaremos ao palco mulheres e homens para discutir o que realmente importa: por um lado carreiras e remuneração justa, por outro os temas que nos preocupam, como as alterações climáticas, o problema da água, dos incêndios, dos territórios vulneráveis e em guerra, o urbanismo resiliente. A inovação tecnológica, mas igualmente, as questões éticas, de autoria e responsabilidade arquitetónica. Ensino e formação profissional, sem esquecer a crise da habitação, a pobreza energética, a regeneração urbana e a ecologia ambiental.

A Arquitetura Portuguesa tem uma identidade sólida e reconhecida, mas só será verdadeiramente completa e capaz de responder à complexidade do mundo se integrar a diversidade dos seus autores e das suas experiências. A perspectiva feminina ensina-nos a olhar o espaço não apenas como matéria construída, mas como extensão da vida, das relações e da comunidade. É neste equilíbrio entre razão e sensibilidade, entre técnica e humanidade, que reside o verdadeiro sentido e valor da Arquitetura, e é neste espaço de equilíbrio que as mulheres arquitetas continuarão a deixar a sua marca indispensável.

Paula Torgal, Vice-Presidente da Ordem dos Arquitectos



Jovens talentos da arquitetura nacional em destaque na Semana da Reabilitação Urbana

Num contexto em que o acesso à habitação, o planeamento urbano e a mobilidade se afirmam como desafios centrais, a Semana da Reabilitação Urbana do Porto apresenta-se como uma oportunidade perfeita para refletir sobre o papel da arquitetura na construção de cidades mais sustentáveis e habitáveis.

Entre os convidados da conferência “Os jovens e a reinterpretção da arqui-

tetura” destacam-se Elói Gonçalves, Cíntia Guerreiro e Juliano Ribas, arquitetos finalistas do Prémio Jovens Arquitectos 2025, e Hugo Barros, arquiteto e membro do júri do mesmo prémio.

A mesa de debate contará ainda com a presença de Paulo Seródio, curador do Prémio Jovens Arquitectos, Nuno Sampaio, diretor executivo da Casa da Arquitectura, e representantes das empresas

TECOFIX e SECIL.

O encontro realiza-se no dia 14 de novembro, às 11h45, na Casa da Arquitectura, em Matosinhos, integrando o programa da Semana da Reabilitação Urbana do Porto, que decorre entre 12 e 14 de novembro. A entrada é gratuita, mas sujeita a inscrição prévia.



Número de hospitais privados cresce significativamente em duas décadas

Entre 2003 e 2023, o número de hospitais privados em Portugal aumentou de 89 para 130, segundo dados divulgados pelo Instituto Nacional de Estatística (INE). No total, existiam no país 242 hospitais em 2023 — mais 38 do que há vinte anos.

De acordo com o INE, o crescimento do setor hospitalar deve-se sobretudo à expansão da rede privada. No mesmo período, o número de hospitais públicos manteve-se mais estável: em 2023, eram 107, incluindo o Hospital de Cascais, gerido em regime de parceria público-privada (PPP).

As estatísticas foram divulgadas no Dia do Serviço Nacional de Saúde (SNS)

e revelam que, no final de 2023, os hospitais públicos e PPP de acesso universal contavam com 23.551 médicos — dois terços dos quais especialistas — e 43.468 enfermeiros, sendo que 23% possuíam especialização.

Entre 2003 e 2023, o número de enfermeiros especialistas triplicou, indica ainda o INE. No mesmo intervalo, o número de atendimentos nos serviços de urgência do SNS registou uma ligeira descida, cerca de 4%, totalizando 6,5 milhões de episódios em 2023.

A duração média dos internamentos nos hospitais públicos e PPP aumentou de 7,6 dias em 2003 para nove dias em 2023. Nesse ano, foram realizadas qua-

se 14 milhões de consultas externas, sobretudo em especialidades médicas, destacando-se a oncologia, a pediatria e a psiquiatria.

O INE sublinha ainda que o SNS e os serviços regionais de saúde continuam a ser os principais financiadores da despesa corrente em saúde, suportando em média 54,8% do total nos últimos quatro anos. As famílias contribuíram diretamente com 28,9%, enquanto o peso das seguradoras tem vindo a aumentar progressivamente.

“A melhor arquitetura nasce do diálogo e da partilha”

Apaixonada pela arquitetura desde criança, Luísa Teixeira, sócia fundadora da Cria+ Arquitectos, transformou o sonho de projetar espaços numa carreira marcada por inovação, diversidade de projetos e valorização da colaboração — sempre com o propósito de criar valor para clientes, comunidade e equipa, tal como conta à Mais Magazine.



Luísa Teixeira, Sócia Fundadora da Cria+ Arquitectos

Como nasce a sua ligação à arquitetura. Sempre foi uma área apaixonante e desafiante para si?

Já em criança o meu sonho sempre foi ser arquiteta. Sonhava em dar forma às minhas ideias onde um dia as pessoas iriam viver. Quando chegou a hora de ir para a Universidade eu não tinha qualquer dúvida que seria esta a profissão que me preencheria e que eu queria abarcar, ainda que a informação que tínhamos ao nosso dispor fosse escassa, se comparada com o que os jovens hoje têm. Poderia ter-me enganado redondamente.

Como surgiu a oportunidade de abrir portas à Cria+? Quais as razões, objetivos e ambições que levaram à sua abertura?

Quando me formei o que mais queria era aprender, ganhar experiência aprendendo com os mais velhos e foi o que fiz. Não tinha nessa altura pretensões de abrir o meu

escritório. A vida, contudo, levou a que, 6 anos depois, já com alguma experiência adquirida, achasse que devia começar o meu próprio caminho. Sendo filha de empresários não foi uma decisão estranha dado que cresci nesse meio. Estávamos numa época em que os escritórios de arquitetura ainda eram ateliers com poucas pessoas e geridos de uma forma muito amadora. Eu queria mais. Levou o seu tempo, mas hoje, olhando para trás, tenho muito orgulho do meu percurso.

Que tipo de projetos a sua empresa realiza? Entre todos os trabalhos do seu portefólio, existe algum em que deposita maior carinho e orgulho?

Na Cria+ temos tido a oportunidade, ao longo dos últimos 18 anos, de desenvolver projetos muito diversos, tendo sido alguns deles premiados — desde moradias unifamiliares, edifícios de habitação coletiva, residências, clínicas médicas (incluindo cirúrgicas), hotéis, unidades de alojamento local, SPA's e até crematórios. Cada projeto é sempre concebido em estreita colaboração com o cliente, porque acreditamos que a melhor arquitetura nasce do diálogo e da partilha.

Quando me perguntam qual é o projeto de que mais gosto, é sempre difícil escolher apenas um. A verdade é que o projeto a que dedico maior carinho é a própria Cria+. Foi ela que nasceu há 18 anos com a ambição de fazer a diferença — não apenas na vida dos clientes, mas também na vida de todos os que trabalham connosco. Esse é, para mim, o nosso maior projeto.

Quais as características que tornam a sua empresa e equipa diferenciadas no mercado? De que forma inovam nos vossos projetos?

O que nos diferencia é a forma como encaramos cada projeto como uma oportunidade única de criar valor para o cliente e para a comunidade. Na Cria+ não seguimos soluções padronizadas: cada proposta é personalizada, unindo sensibilidade arquitetónica, rigor técnico e escuta ativa.

Contamos com uma equipa multidisciplinar, coesa e motivada, onde a colaboração é potenciada porque acreditamos que as melhores soluções surgem do cruzamento de ideias.

Destacamo-nos também pela utilização de tecnologia BIM há mais de uma década, que assegura eficiência, precisão e sustentabilidade. Para além da tecnologia, inovamos na relação com os clientes, promovendo processos participativos, transparentes e colaborativos que garantem resultados alinhados com as suas expectativas.

Como é ser uma mulher arquiteta de sucesso? Sente que existe maior participação do sexo feminino na área? Ainda sente que existe disparidade de direitos e oportunidade entre géneros na área? Que caminho falta percorrer?

Ser mulher arquiteta de sucesso é uma enorme satisfação, não apenas pelo reconhecimento profissional, mas sobretudo pelo caminho que representa. Ao longo destes anos tenho sentido cada vez mais a presença feminina na arquitetura, o que considero um sinal muito positivo: há hoje mais mulheres a liderar, a criar e a deixar a sua marca no sector.

É verdade que ainda existe uma disparidade, sobretudo em cargos de liderança, onde os homens continuam a ser maioria. No entanto, já não sinto que haja barreiras intransponíveis — sinto, sim, que estamos num processo de transformação.

O caminho que falta percorrer passa por continuarmos a promover igualdade de oportunidades, reforçar a visibilidade de mulheres em posições de destaque e, acima de tudo, valorizar o talento sem rótulos de género. Acredito que quanto mais diversidade trouxermos para a arquitetura, mais rica e inovadora ela será.



CRIA+
ARQUITECTOS

www.criamais.com
geral@criamais.com
Tel: 210 108 427

Rua do Mar Vermelho
Ed. Mar do Oriente, n.º2,
Piso 1 - Esc. 1.06
1990 - 152 Parque da Nações
Lisboa

"Liderança feminina é sinónimo de rigor, empatia e visão estratégica"

O interesse de Sónia Aguiar pela arquitetura surgiu do contacto precoce com a arte e consolidou-se quando acompanhou a construção da casa da família. Na LCAS, aplica essa sensibilidade em projetos residenciais e hoteleiros de alto padrão, que aliam estética, funcionalidade e sustentabilidade, refletindo a identidade dos clientes e as tendências contemporâneas do setor.



Sónia Aguiar e Carlota Lagarto,
Arquitetas fundadoras do LCAS-Studio

Que tipos de projetos são desenvolvidos pela LCAS?

Na LCAS desenvolvemos sobretudo projetos de arquitetura residencial e hoteleira, com um enfoque particular na habitação de luxo e no turismo de qualidade. Vivemos numa região onde este tipo de procura é muito expressiva, e sentimos uma afinidade natural com essa escala de detalhe e exigência.

Para mim, todos os projetos são especiais — cada um traz consigo um cliente com sonhos, necessidades e formas de viver diferentes. O nosso desafio é compreender essas pessoas e transformar a sua visão em espaços que inspirem, acolham e melhorem a vida.

Ao mesmo tempo, estamos atentos às tendências mais promissoras do setor imobiliário, como a crescente valorização da sustentabilidade, da tecnologia integrada

e da experiência do utilizador. A LCAS tem vindo a preparar-se para responder a essas mudanças com propostas arquitetónicas que valorizam o empreendimento — através do design, da funcionalidade e da vivência dos espaços.

Como descreve a experiência de ser uma mulher arquiteta num percurso de sucesso?

A LCAS é liderada por arquitetas, o que ainda é, de certo modo, desafiante, tendo em conta o contexto historicamente masculino do setor da construção. Trabalhar no universo do betão, das estruturas e dos estaleiros implica, por vezes, lidar com mentalidades mais tradicionais — mas essa realidade tem vindo a mudar.

Hoje vemos cada vez mais mulheres a liderar gabinetes, a dirigir obras e a assumir posições de decisão, o que é muito positivo. As mulheres trazem uma visão prática, sensível e resiliente, que enriquece profundamente a profissão.

No nosso percurso, procuramos inspirar através do exemplo — mostrando que liderança feminina é sinónimo de rigor, empatia e visão estratégica. E talvez seja essa conjugação de sensibilidade e determinação que nos tem permitido superar as expectativas dos promotores, criando valor acrescentado nos projetos e relações de verdadeira confiança.

Que fatores tornam os vossos projetos especialmente apelativos para investidores e promotores?

Os investidores e promotores procuram hoje projetos que conjuguem qualidade arquitetónica, eficiência de execução e retorno de investimento.

Na LCAS, trabalhamos precisamente nesse ponto de equilíbrio: criamos soluções de design diferenciadoras, que valorizam o ativo imobiliário desde a conceção até à experiência do utilizador.

O nosso foco está em arquiteturas com identidade, que acrescentam valor ao contexto urbano ou paisagístico e potenciam

a rentabilidade através da funcionalidade, durabilidade e desejabilidade do produto final.

Além disso, a nossa capacidade de gestão rigorosa de prazos e custos, associada a um planeamento técnico detalhado, transmite confiança ao promotor e reduz riscos durante a execução.

Como conseguem conciliar arquitetura de autor com soluções economicamente viáveis e de rápida execução?

Acreditamos que a arquitetura de autor não tem de ser sinónima de complexidade ou de custo elevado.

Na LCAS, trabalhamos com um método colaborativo que une criatividade e racionalidade desde a fase inicial do projeto.

Exploramos soluções construtivas eficientes, materiais inovadores e processos digitais que permitem controlar o impacto orçamental e otimizar o tempo de obra — sem comprometer a visão estética.

Para nós, a verdadeira inovação está em fazer mais com menos: desenhar com inteligência, antecipar desafios e garantir que a beleza e a funcionalidade caminham lado a lado.

Que tendências considera mais promissoras no setor imobiliário e como a LCAS se está a preparar para elas?

O mercado imobiliário está a atravessar uma transformação profunda, marcada por três eixos principais: sustentabilidade, tecnologia e experiência do utilizador.

A sustentabilidade deixou de ser um diferencial para se tornar uma exigência — por isso integramos princípios de eficiência energética, conforto térmico e redução de impacto ambiental em todos os projetos.

A tecnologia, por sua vez, permite-nos criar espaços mais inteligentes, seguros e confortáveis.

E, finalmente, a experiência: o utilizador quer sentir-se emocionalmente ligado ao espaço. Na LCAS, antecipamos essas tendências com uma abordagem holística, em que o design não é apenas forma, mas também função, emoção e valor.



Que elementos considera essenciais para que um projeto se destaque no mercado imobiliário de hoje?

Hoje, um projeto destaca-se pela autenticidade, coerência e capacidade de gerar bem-estar.

Mais do que um edifício bonito, é preciso criar um espaço que conte uma história e que proporcione uma experiência memorável.

A arquitetura deve ser pensada como um todo: integração com o ambiente, funcionalidade do layout, conforto sensorial e qualidade dos materiais.

Além disso, um bom projeto imobiliário é aquele que antecipa as necessidades do mercado, traduzindo-as em soluções contemporâneas, eficientes e emocionalmente relevantes.

De que forma a LCAS ajuda a valorizar os empreendimentos — seja através do design, funcionalidade ou experiência do utilizador?

Na LCAS, acreditamos que a arquitetura é um instrumento de valorização patrimonial e emocional.

O design é o primeiro elemento que atrai, mas é a funcionalidade e a experiência que fidelizam.

Criamos espaços que se vivem com prazer, onde cada detalhe — da luz natural à circulação — é pensado para gerar conforto, harmonia e distinção.

Para os promotores, isso traduz-se em produtos com maior procura e valorização no mercado, porque o utilizador reconhece imediatamente a diferença entre um espaço comum e um espaço com alma.

O que diferencia a vossa abordagem das restantes empresas de arquitetura no segmento residencial e hoteleiro?

O nosso diferencial está na combinação de sensibilidade estética e rigor técnico.

Temos uma visão autoral clara, mas profundamente adaptável a cada cliente e contexto.

Não seguimos fórmulas — preferimos criar identidades arquitetónicas singulares que se adequem ao lugar, ao orçamento e ao propósito.

Além disso, cultivamos uma relação de verdadeira parceria com os promotores: estamos presentes em todas as etapas, oferecendo um acompanhamento próximo, transparente e comprometido com resultados.

Que estratégias utilizam para garantir prazos rigorosos e orçamentos controlados?

A chave está no planeamento integrado e na coordenação multidisciplinar.

Investimos muito na fase de estudo e projeto de execução, antecipando problemas e definindo soluções antes de chegar à obra.

Trabalhamos com cronogramas detalhados, revisões técnicas sucessivas e comunicação constante entre equipas.

Esta metodologia permite-nos minimizar imprevistos, otimizar recursos e garantir previsibilidade — um valor essencial para qualquer promotor.

A LCAS acompanha o processo até à fase de construção? Que impacto isso tem para o promotor?

Sim, acompanhamos todas as fases — desde o conceito até à obra concluída.

Esse acompanhamento é fundamental para assegurar a fidelidade ao projeto, resolver dúvidas em tempo real e garantir a qualidade da execução.

Para o promotor, isso traduz-se em tranquilidade e eficiência: menos retrabalho, maior controlo de custos e resultados que correspondem ao que foi idealizado.

Acreditamos que o sucesso de um projeto está tanto no desenho como na forma como ele é construído.

Que práticas adotam para reduzir erros e retrabalho durante a execução das obras?

A prevenção começa no projeto. A nossa equipa dedica especial atenção à fase de compatibilização técnica, assegurando que todas as especialidades estão integradas e coerentes entre si.

Utilizamos ferramentas digitais de modelação e revisão 3D, que permitem detetar conflitos antes de chegar ao estaleiro.

Além disso, mantemos uma presença ativa em obra, com visitas regulares e comunicação constante com as equipas de execução, o que reduz significativamente erros e ajustamentos de última hora.

Quais são as principais expectativas dos promotores de hoje — e como a LCAS as supera?

Os promotores procuram segurança, eficiência e diferenciação.

Querem trabalhar com equipas que entreguem dentro do prazo, controlem o orçamento e, ao mesmo tempo, criem um produto com valor acrescentado no mercado.

Na LCAS, respondemos a essas expectativas através de uma abordagem estratégica e colaborativa, onde cada decisão de projeto é ponderada em função do impacto técnico, estético e económico.

O nosso compromisso é superar as expectativas, entregando mais do que um edifício — uma obra com identidade, durabilidade e valor emocional.



www.lcas.pt

Raulino Silva transforma casa dos avós em atelier e vence prémio internacional

O arquiteto português Raulino Silva venceu a categoria de Interiores na sétima edição dos Baku Architecture Awards 2025, com a remodelação da casa construída pelos seus avós em 1936, atualmente sede do atelier Raulino Silva Arquiteto, em Vila do Conde.

Com 44 anos, Raulino Silva exerceu durante alguns anos no Porto antes de

abrir o seu próprio estúdio. Durante a pandemia, decidiu renovar e ampliar o edifício familiar, mantendo-lhe a identidade original. “Não fazemos obras para ganhar prémios — são o resultado do trabalho bem feito da equipa”, afirmou o arquiteto.

O atelier, que conta com mais quatro arquitetos, tem sido distinguido em

várias ocasiões. Os Baku Architecture Awards são organizados pelo Ministério da Cultura da República do Azerbaijão e pela Ordem dos Arquitetos do Azerbaijão, com o apoio da União Internacional dos Arquitetos (UIA), e distribuem um total de 30 mil euros em prémios.

Investimento norte-americano no imobiliário de luxo em Portugal aumenta 82%

O mercado imobiliário de luxo em Portugal registou um crescimento expressivo no segundo quadrimestre de 2025, com a Portugal Sotheby’s International Realty a reportar um aumento de 31% na faturação face ao mesmo período do ano anterior e uma subida de 34% no volume de negócios em relação ao primeiro quadrimestre do ano.

A procura internacional, em particular proveniente dos Estados Unidos, Brasil e Reino Unido, tem contribuído para redefinir o perfil dos investidores e alargar as zonas de interesse no país. Os investidores norte-americanos destacaram-se com um crescimento de 82% no valor médio por transação, sobretudo em apartamentos T2 e moradias T4 nas áreas mais exclusivas de Lisboa e Algarve. Já os brasileiros continuam a demonstrar forte presença, com preferência por apartamentos T3 em zonas centrais da capital.

De acordo com Miguel Poisson, CEO da Portugal Sotheby’s International Realty, “o mercado imobiliário de luxo em Portugal é hoje mais sólido do que nunca”, sublinhando a atratividade do país como destino de excelência para viver.

O valor médio das propriedades vendidas aumentou 22% face ao ano anterior, refletindo uma valorização do segmento, apesar da ligeira queda de 6% no número total de transações. Lisboa mantém-se como o principal polo de procura, seguida pelo Algarve, Porto e Madeira, onde se verificou um crescimento de 174% na faturação entre janeiro e agosto de 2025.

As zonas de Chiado, Príncipe Real e Avenida da Liberdade continuam a liderar o mercado de luxo em Lisboa, enquanto Comporta e Melides ganham relevância. No Algarve, Vale do Lobo e Vilamoura permanecem entre os destinos preferidos dos compradores internacionais.





Muito Avant
do seu tempo.

A6 Novo
e-tron



O novo Audi A6 Avant e-tron 100% elétrico com autonomia até 716 km e carregamento rápido até 295 km, em apenas 10 minutos. Isto é Audi.

Audi Na Vanguarda da Técnica

Consumo de energia combinado em kWh/100 km: 14,5 a 15,6*. Emissões combinadas de CO₂ em g/km: 0*.
*Em Ciclo WLTP.



VASCO VIEIRA

ARQUITECTOS



vascovieira.com
info@vascovieira.com
+351 289 321 476